

Convergência

Agosto, Setembro e Outubro • 2023 • ANO LVIII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Eliane Cordeiro de Souza, mc
Editor: Frei Vanildo Luiz Zugno, ofmcap
Redatora: Ir. Maria Neusa dos Santos,imc - MTB - 40099/SP

Conselho Editorial: Ir. Maria Neusa dos Santos, ciic
Fr. Oton da Silva Araújo Júnior, ofm
Ir. Edgar Nicodem, fsc
Ir. Silvânia Aparecida Coelho, sts
Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp

Projeto Gráfico e Diagramação: Sirlete Regina da Silva
Revisão: Ir. Zirlaide Barreto Mendonça, cp
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Ir. Luiz Carlos Lima, FMS

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: publicacoes@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

EDITORIAL.....	5
ARTIGOS	9
Vamos cultivar a mística do cuidado com as pessoas e a Casa Comum, sob inspiração da Trindade? <i>Ir. Afonso Murad</i>	9
“Quando a gente ama brilha mais que o sol”1: A mística do cuidado como uma experiência de ser amado (a) e transbordar amor <i>Ir. Joilson de Souza Toledo</i>	23
Resiliência: um modo de cuidar <i>Ir. Zirlaide Barreto Mendonça</i>	33
A experiência do cuidado em processo de humanização com Agentes de Pastorais Sociais na Arquidiocese de Vitória/ES <i>Ir. Izabete Dal Farra</i>	53
Vida Religiosa Consagrada: uma exegese viva da Palavra de Deus <i>Ir. Zuleica Aparecida Silvano</i>	65
A Contribuição da “Pequena Via” de Santa Teresinha do Menino Jesus para a direção espiritual <i>Ir. Antonieta Vieira da Silva</i>	79
Algumas considerações sobre a VRC à luz do magistério de Papa Francisco <i>Fr. Edalan Guedes de Andrade</i>	89

O Ano Vocacional do Brasil em três perspectivas: pessoal, comunitária e eclesial	
<i>Ir. Maristela Ganassini</i>	
<i>Luis Duarte Vieira</i>	109
Irmãs Franciscanas de Cristo Rei: Jubileu de Diamante no Brasil (1963-2023)	
<i>Ir. Ivoni Fritzen</i>	119
Orientações para os/as colaboradores/as	129

O cuidado é uma arte. E, como toda arte, nasce da inspiração e, para crescer e desenvolver-se, exige transpiração. Somos chamados por Deus para Vida Religiosa Consagrada. Para responder ao apelo divino, precisamos cuidar para que germine, cresça e produza flores e frutos abundantes.

A Assembleia Geral Eletiva de 2022, ao definir as prioridades para o triênio 2022-2025, nos convida a “cultivar a mística do cuidado consigo, com os/as outras e com a casa comum, inspirados/as no Trindade”. Este é o tema central desta edição que abre com dois textos que, fazendo recursos à arte popular brasileira, nos oferecem elementos para o cultivo do cuidado nas nossas relações.

O primeiro, do Irmão Afonso Murad, fazendo recursos às músicas “Deus cuida de mim” de Lucas Kleber e “Tocando em Frente” de Almir Sater e Renato Teixeira, nos conduz no percurso do cuidado do “eu”, ao cuidado do “tu” que se amplia para o “nós” e o “todos” que inclui os outros seres da criação para além dos humanos e cul-

mina na relação cuidadosa com o Criador que cuida de nós. É um texto que não termina, pois deixa uma série de questões abertas para continuarmos a refletir em nossas comunidades sobre o modo como construímos e cuidamos das nossas relações.

O segundo texto, do também irmão marista Joãoilson de Souza Toledo, inspirado pela letra dos sambas populares cariocas, nos reporta ao sentimento primordial de nossa relação com Deus que é o Amor. Relação que nos toma e impulsiona a relações cuidadosas e cuidadoras com os irmãos, as irmãs e com toda a criação.

O terceiro e o quarto texto formam outro díptico do cuidado. Irmã Zirlaide Barreto Mendonça, tendo como ponto de partida a visão de “ser humano” lançado na imprevisibilidade do mundo, em constante construção e reconstrução que autenticam o modo de ser/estar com o outro, apresenta a resiliência como um modo de cuidar, como capacidade de prover e acessar recursos de saúde e bem-estar e possibilidade de reduzir o

estresse e melhorar a qualidade de vida. Uma reflexão muito necessária para aqueles e aquelas que, no dia a dia das comunidades e da missão, têm o encargo de cuidar dos irmãos e irmãs. De forma prática, o texto nos convida a estar atentos e atentas aos pilares e fatores de promoção que fortalecem a capacidade de acolher as dificuldades da vida e fazer delas um impulso para crescer e ser sinal do Reino.

Irmã Izabete Dal Farra, por sua vez, nos traz o relato de um processo de cuidado desenvolvido junto aos agentes de pastoral na Diocese de Vitória, no Espírito Santo. O relato é provocador pois convida a pensar a nossa prática junto aos homens e mulheres que, motivados pelo Evangelho, lançam-se em atividades eclesiais e sociais e nem sempre recebem o acompanhamento necessário para cuidar as dores e sofrimentos que eles, no cuidado dos outros, possam vir a sofrer.

Os dois textos seguintes retornam à primeira prioridade da Assembleia Geral Eletiva de 2022. Irmã Zuleica Silvana, no título do artigo, ousa dizer que “a Vida Religiosa Consagrada é uma exegese viva da Palavra de Deus”. Afirmação que ela consolida através de um resgate histórico e da descrição de como a “Animação

Bíblica da Pastoral” se consolida e realiza na ação da Igreja da América Latina na qual, a Vida Religiosa Consagrada, tem sido palavra-viva.

Se a Animação Bíblica da Pastoral é um tema recente e por isso próximo a nós, no texto seguinte, Irmã Antonieta Vieira da Silva, nos convida a revisitar um clássico da espiritualidade da Vida Religiosa Consagrada: “Pequena Via” de Santa Teresinha do Menino Jesus. O objetivo é encontrar nesta tradição elementos que, na atualidade, possam ajudar aqueles e aquelas que têm a missão da direção espiritual.

Dando sequência a nosso percurso, Frei Edalan Guedes, tendo presente o fato de que o Papa Francisco ainda não publicou nenhum texto sistematizando sua proposta para a Vida Religiosa Consagrada, recolhe e sistematiza, nos diversos documentos e discursos papais, afirmações que indicam de onde procedem e por onde vão os pensamentos de Francisco sobre nossa forma de vida. Tão importante quanto as afirmações aqui elencadas por Frei Edalan, é observar o momento e o lugar em que são feitas. Certamente têm muito a nos dizer.

Este número da revista não podia também deixar de fazer referência o Mês Vocacional deste

Ano Vocacional. Irmã Maristela Ganassini, assessora para o Serviço de Animação Vocacional da CRB Nacional, juntamente com Luís Duarte Pereira, apresentam a proposta e os desafios do III Ano Vocacional que tem como tema “Vocação: Graça e Missão” e por lema “Corações Ardentes, pés a caminho” (Lc 24,32-33).

Para finalizar o conjunto de textos, Irmã Ivoni Fritzen nos oferece um texto onde recorda a história e o significado dos sessenta anos de presença das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei no Brasil. É um olhar para o passado que alimenta a alegria e a esperança de caminhar em direção ao futuro que chama a dar testemunho de Francisco, Clara e do Evangelho.

Não poderíamos finalizar esta apresentação sem agradecer às mais de 200 comunidades que, no primeiro semestre de 2023, retomaram a antiga ou fizeram nova subscrição à Revista Convergência. O aumento de 47% no número de assinantes possibilita que este

espaço de formação para a Vida Religiosa Consagrada tenha um alcance mais amplo e cumpra seu objetivo de forma sustentável.

Queremos agradecer também aos irmãos e irmãs que, com seus textos, tornaram possível mais este número da Revista Convergência. E convidar a cada religioso e religiosa que se sinta chamado/a a partilhar sua experiência e/ou sua reflexão com os irmãos e irmãs, a enviar seu texto. No final da revista, estão as orientações para a composição dos textos. A Revista Convergência é de todos os religiosos e religiosas do Brasil!

Boa leitura.

Frei Vanildo Luiz Zugno
OFM Cap.

CERNE 124



- ✓ Centro de Espiritualidade *Flos Carmeli* -
Mairiporã, SP
- ✓ De 11 de fevereiro a 21 de março de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
formacao@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61) 98471-0242

VAMOS CULTIVAR A MÍSTICA DO CUIDADO COM AS PESSOAS E A CASA COMUM, SOB INSPIRAÇÃO DA TRINDADE?

Ir. Afonso Murad, FSM¹

Resumo: O artigo oferece elementos de reflexão sobre esse objetivo assumido pela Assembleia da CRB e destinada à VRC no triênio em vigor. Apresenta as características do cuidado e como esse se manifesta nas relações comunitárias e na missão, nas opções pessoais e no compromisso por uma sociedade marcada pela cooperação entre os humanos e o respeito pela Criação de Deus.

Palavras-chave: Cuidado; Mística; Trindade, Vida Religiosa; Casa Comum.

Introdução

*Eu preciso aprender um pouco
aqui/ Eu preciso aprender um
pouco ali
Eu preciso aprender mais de
Deus/ Porque Ele é quem cuida
de mim.
Se uma porta se fecha aqui/ Ou-
tras portas se abrem ali
Eu preciso aprender mais de
Deus/ Porque Ele é quem cuida
de mim.*

*Deus cuida de mim, na sombra
das Suas asas
Deus cuida de mim, eu amo a
Sua casa
E não ando sozinho não estou
sozinho
Pois sei Deus cuida de mim.
Se na vida não tem direção/ E
preciso tomar decisão
Eu sei que existe alguém que me
ama/ Ele quer me dar a mão.
Deus cuida de mim*

¹ Irmão Marista. Licenciado em Pedagogia, Bacharel em Filosofia e Doutor em Teologia. Professor na FAJE (Belo Horizonte). Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: amurad@marista.edu.br

Essa composição, chamada “Deus cuida de mim” é do autor negro e evangélico Kleber Lucas. Interpretada por cristãos de diferentes denominações e até por Caetano Veloso (2023), faz eco de várias frases da espiritualidade bíblica, como as do Salmo 23 (Deus, o bom pastor), Salmo 83 (Peregrinação ao templo) e dos Salmos 61 e 91 (Abrigar-se nas asas de Deus). Nela se reconhece que precisamos aprender mais de Deus, em diversas circunstâncias e lugares. Sua melodia nos embalará, ao refletirmos sobre um dos objetivos da Assembleia Geral de CRB, que anuncia: “Promover a mística do cuidado consigo, com as outras pessoas e com a Casa comum sob inspiração da Trindade”.

A trilha da nossa reflexão será a seguinte: (1) Compreender o que entendemos por “cuidado” a partir de nossa experiência de vida; (2) Sinalizar que a reciprocidade do cuidado da Criação; (3) Fundamentar a mística do cuidado a partir de alguns textos bíblicos e da realidade da Trindade; (4) Algumas conclusões abertas, de natureza prática.

O cuidado na nossa experiência de vida

Cuidar e cuidado

Normalmente, cuidar significa “tomar conta de algo ou de alguém”, que corresponde aos

sinônimos: atender, curar, encarregar-se, interessar-se, medicar, ocupar-se de, olhar, preocupar-se, responsabilizar-se, tratar de, tutelar, velar, vigiar e zelar. Sob a forma pronominal, voltado para a própria pessoa, “cuidar-se” significa: prevenir-se, evitar os perigos, embelezar-se, tratar-se etc. Ao verbo se associam o substantivo “o cuidado”, a interjeição de alerta “cuidado!”, o adjetivo “cuidadoso” e o advérbio “cuidadosamente”.

Quando se fala em “cuidar” vem à mente a imagem de um jardineiro que, cotidianamente, zela pela horta ou pelo jardim, num processo de selecionar as sementes e mudas, adubar, plantar, regar, limpar, podar e colher. O olhar amoroso é fundamental para garantir a beleza do jardim. As pessoas provenientes de comunidades rurais ou ribeirinhas têm o hábito de cuidar de seu entorno e criam galinhas ou outros animais domésticos. E não deixemos de recordar daquelas que cuidam de sua casa. Quanta coisa a fazer para mantê-la limpa e arrumada: varrer, passar pano, colocar os objetos em ordem, lavar as louças... Cuidar da casa parece uma tarefa interminável. Basta um vento com poeira ou a chuva forte, e se deve recomeçar! E se pensamos ainda no cuidado do lar em re-

lação às pessoas que habitam a casa, outras tarefas se colocam, como: comprar os alimentos, fazer a comida, lavar as roupas (pessoais, de cama e banho) e, sobretudo, cultivar um bom clima de convivência.

Pode-se fazer tudo isso como mera obrigação ou manifestação de carinho e amor, em suma, de cuidado. O grande problema é que o ser humano adulto, por força do hábito, se deixa levar pela rotina, perde o encanto e faz do seu dia a dia uma jornada pesada de obrigações (para si) e de cobranças (para si mesmo e para os outros). Esse fenômeno acontece tanto nas famílias quanto nas comunidades religiosas, com suas características específicas.

Cuidar de algo ou de alguém pode ser uma ação isolada, realizada ocasionalmente ou em caso de urgência. Se a dedicação se estende durante longo período, o cuidado se torna um hábito, uma virtude. Por exemplo: cuidar das co-irmãs/co-irmãos de sua comunidade religiosa, das plantas de sua casa, de sua horta, de seu cachorro, das amigadas que cultiva, de sua mãe ou pai idosos, de sua comunidade-igreja, da obra educativa, pastoral e social onde você atua. E quem não aprecia quando é bem cuidado por alguém ou por uma comunidade? (MURAD, 2022. p.29-31).

O ser humano precisa ser cuidado e é chamado a cuidar, no início da vida e até a morte. Desde a concepção e durante o período da gravidez, o feto é nutrido através da placenta da mãe. Recebe também afetos e sentimentos de acolhida ou rejeição que influenciarão sua vida futura. O bebê humano é um dos seres vivos mais frágeis que existe. Diferente de outros mamíferos, o ser humano tem poucos instintos e precisa aprender muito. Cuidados de alimentação, vestimenta, limpeza e educação são imprescindíveis para o crescimento integral da criança. O adolescente e o jovem, que já desenvolvem certo grau de autonomia e iniciativa, também necessitam serem cuidados, para lidar com as crises de crescimento e consolidar sua opção de vida. Uma pessoa adulta deve chegar a um nível tal de maturidade, que seja capaz de cuidar dos outros. As idosas e idosos nas famílias merecem gratidão, respeito, consideração e cuidado físico, mental, espiritual e afetivo. E às pessoas falecidas dedicamos reverência e memória de seu testemunho de vida. Para nós, consagradas/os, o cuidado se combina com a ação evangelizadora e a missão, de acordo com nossas aptidões e o carisma que herdamos de nossos fundadores e fundadoras.

O envelhecimento da população, acrescido aos tratamentos médicos para prolongar a existência, demandou o desenvolvimento da profissão do cuidador/a de idosos. O termo foi incorporado na nossa linguagem, sobretudo para as pessoas que têm familiares muito idosos com necessidades especiais. O cuidado com as religiosas/os idosas/os, especialmente as que perderam a mobilidade e estão em fase avançada de demência senil e Alzheimer tem se transformado numa crescente preocupação e ocupação na Vida Religiosa.

O “cuidado” remete também àquela atenção especial quando uma pessoa a quem se ama é frágil ou está doente. Então, consegue-se tempo para colocar-se ao lado dela, estar atento/a às suas necessidades e manifestar-lhe carinho e atenção. Quando a situação se prolonga, torna-se um fardo exigente. E, por vezes, uma prova de amor extremo. Seguramente você conhece algumas pessoas que, durante anos a fio, dedicaram-se a cuidar de pais/mães acamados ou de filhos/as com graves deficiências físicas e mentais. Nesse ponto nos confrontamos com o mistério do sofrimento e da dor, como também com a admirável generosidade humana.

Cuidado de si e dos/as outros/as

O cuidado consigo mesmo/a, é essencial para qualquer ser humano sobreviver e ser feliz, juntamente com outros elementos que compõem a existência. É um equívoco compreendê-lo como viver somente para si, cultivar a vaidade e a autossuficiência, zelar das aparências e querer tirar vantagem em tudo. Se fosse assim, o autocuidado se transformaria numa bomba destruidora das relações. O cuidado de si mesmo na Vida Religiosa está pautado e é delimitado pela nossa opção de vida de servir a Deus e aos outros. Caso contrário, será um narcisismo estéril. Cuidar-se é aprender a viver com equilíbrio e sabedoria.

Descubra alguns componentes do autocuidado nessa composição de Amir Satler e Renato Teixeira (2023), intitulada “Tocando em Frente”. Saboreie a música. Pense na letra.

*Ando devagar porque já tive
pressa
E levo esse sorriso porque já
chorei demais.
Hoje me sinto mais forte, mais
feliz, quem sabe.
Só levo a certeza de que muito
pouco sei
Ou nada sei.
É preciso amor prá poder pulsar
É preciso paz prá poder sorrir*

*É preciso a chuva para florir.
Penso que cumprir a vida seja
simplesmente
compreender a marcha e ir
tocando em frente.
Como um velho boiadeiro
levando a boiada
Eu vou tocando os dias pela
longa estrada,
eu vou... Estrada eu sou.
Todo mundo ama um dia. Todo
mundo chora
Um dia a gente chega, e no outro
vai embora.
Cada um de nós compõe a sua
história
E cada ser em si carrega o dom
de ser capaz
De ser feliz.*

Estamos redescobrimdo o valor do cuidado e da atenção aos outros/as, na vida comunitária e nos espaços de missão. Esses se manifestam de muitos modos, tais como o tom das palavras e o jeito de falar, os gestos espontâneos, a gratidão, os “olhos nos olhos”, a empatia de alegrar-se com suas alegrias e chorar com suas tristezas, o celebrar suas vitórias e ampará-los/as nas derrotas. Para cuidar das pessoas a quem queremos bem e que Deus colocou no nosso caminho e receber delas o cuidado amoroso, é necessário desenvolver o encantamento, o perdão recíproco, a sensibilidade e a gratidão. Tais qualidades não estão presentes na mesma inten-

sidade em cada uma de nós, nem todas as pessoas. E isso torna a vida em comum e o exercício da missão um desafio constante e um apelo renovado de conversão.

A reciprocidade do Cuidado da Criação

Enquanto habitamos na Terra que o Senhor nos concedeu, precisamos de ar para respirar, água para beber, alimentos saudáveis, solo firme para pisar, um clima adequado, matérias-primas para transformar em utensílios e equipamentos, mobília para a casa, meios para combater as doenças e manter a saúde, energia elétrica para a casa e para o local de trabalho, espaços para descansar, trabalhar e celebrar. Em cada um desses casos necessitamos do trabalho humano e da natureza, que nos presta inúmeros serviços ambientais. Somos humano-dependentes e eco-dependentes. Ao mesmo tempo precisamos de tanta gente e da natureza e necessitamos ajudar a tantos!

Lentamente, a humanidade está tomando consciência que habita uma “Casa Comum”. Não é o lar de um indivíduo e sua família, e sim de mais de 7.000.000.000 de moradores humanos. Fazem parte dessa grande Casa um conjunto de criaturas, que vivem e

convivem, dependendo umas das outras. Uma incontável quantidade e tipos de microrganismos (como bactérias, protozoários e microalgas), de plantas (desde as gramíneas até as grandes árvores da Amazônia), de animais (como insetos, peixes, aves e mamíferos) e de seres humanos.

É maravilhoso perceber que todas as criaturas que habitam nosso Planeta vivem e convivem numa imensa teia de relações, pois tudo está interligado. Na linguagem da ecologia, isso se chama *interdependência*. Algumas das relações de interdependência são fáceis de identificar, como a colaboração recíproca de abelhas e plantas. A abelha precisa do pólen para alimentar a colmeia e produzir mel. As plantas, por sua vez, necessitam das abelhas para polinizar as flores, e assim possibilitar a fecundidade de frutas e grãos. E nós, os humanos, precisamos de ambas. Quando cultivamos a apicultura, servimo-nos do trabalho das abelhas e contribuimos para a fertilidade das plantas.

Outras relações são mais complexas e não se percebe à primeira vista. Por exemplo: contribuição da Floresta Amazônica para o ciclo de chuvas no sudeste e no sul do Brasil. Estudos recentes mostraram a importância do processo de evapotranspiração das árvores amazônicas. O va-

por d'água emanado da Floresta forma rios voadores que vêm da Amazônia e são responsáveis por espalhar as chuvas em parte do território brasileiro, indo até o Uruguai, a Argentina e o Paraguai. Uma Sumaúma, árvore imensa da Amazônia, injeta cerca de até mil litros de água por dia na atmosfera. A Floresta Amazônica, de pé, é imprescindível para o Sul e o Sudeste brasileiro, onde são gerados setenta por cento da riqueza da América Latina (O QUE SÃO..., 2017). O mesmo se pode dizer da importância da captura de carbono pelas árvores, que contribuem para combater os efeitos danosos do aquecimento global e da consequente mudança climática.

Podemos dizer que a *Terra cuidada de nós, os humanos*. Ela nos oferece o indispensável para vivermos bem, como o ar, a água, a fertilidade do solo, a biodiversidade, os ciclos que regem a temperatura, as chuvas, as correntes marítimas etc. Essa oferta de vida não se destina somente aos humanos, mas a todos os habitantes da nossa Casa Comum: os seres abióticos (água, ar, solo, energia) e bióticos (microrganismos, plantas e animais). Alguns ecólogos, como James Lovelock, chegam a afirmar que a Terra é um superorganismo vivo. No início da *Laudato Si* se diz que a Ter-

ra é para nós: a casa comum, uma mãe que nos nutre, uma irmã com a qual partilhamos a existência. Nós mesmos somos parte da Terra (LS 1-2)

Recebemos esta Casa Comum como um presente de Deus: “Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe, o mundo e os que nele vivem” (Sl 24,1). Durante muito tempo alimentou-se a ilusão de que devíamos retirar dessa Casa o máximo possível de recursos. Não tínhamos consciência de que o conjunto das criaturas do nosso Planeta precisa do nosso cuidado para manter o delicado ciclo da vida. Por exemplo, se há um excesso de exploração da pesca e se destroem os igarapés e os manguezais, no futuro não haverá mais peixes e outros seres vivos que habitam rios e mares, e o ciclo do oxigênio ficará debilitado. O cuidado não reside somente na preservação, mas também na gestão sustentável e na regeneração daquilo que já destruímos, como as florestas e as nascentes. Reduzir os impactos negativos sobre o ambiente e aumentar os positivos.

Somos criados por Deus e chamados a cuidar do mundo que Ele nos deu. Aí reside a chave da conversão ecológica. As outras criaturas não são meras coisas. Em cada uma e no conjunto delas há

uma presença do Espírito Criador, uma palavra a ser desvelada. É o “Evangelho da Criação” (capítulo II da *Laudato Si*).

Deus cuida de nós

A Bíblia está repleta de citações sobre o cuidado de Deus por nós: tanto o zelo pelo povo eleito, que é coletivo; quanto o carinho por cada um/a. A Sagrada Escritura recorre às imagens afetivas mais do que aos conceitos. O profeta Oséias compara o carinho de Javé-Deus ao empenho amoroso da mãe ou do pai com a criança pequena, mesmo se essa não reconheça tal amor:

Quando meu povo era menino, eu o amei. Do Egito chamei o meu filho; e no entanto, quanto mais eu chamava, mais eles se afastavam de mim, e ofereciam sacrifícios aos ídolos. E não há dúvida, fui eu que o ensinei a andar, segurando-o pela mão. Mas não perceberam que era eu quem cuidava deles. Eu os atraí com laços de bondade, com laços de amor. Fazia com eles como quem levanta até seu rosto uma criança; para dar-lhes de comer, eu me abaixava até eles. (Os 11,1-4).

Na Bíblia, o cuidado de Deus para com as pessoas é tanto pessoal quanto coletivo. No contexto da Aliança, que é comunitária,

está inserido o zelo divino: “Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus” (Jr 32,38). Infelizmente, sob a influência do individualismo moderno, as igrejas cristãs ressaltam a dimensão individual – privada – desse cuidado de Deus, e ignoram a dimensão comunitária e planetária.

Tomemos a tradicional imagem do pastor e das ovelhas. Ela é primeiramente coletiva, pois se baseia na aliança de Deus com seu povo e não em um indivíduo isolado. Veja Salmo 100,3: “Saiba (toda a terra) que somente Javé é Deus. Ele nos fez e a ele pertencemos, somos seu povo e ovelhas do seu rebanho”. O salmista recorda que Deus libertou o povo do Egito, “e como ovelhas o conduziu pela mão de Moisés e de Aarão” (Sl 77,16.21).

Essa perspectiva comunitária e social da fé em Javé faz o profeta denunciar os chefes políticos e religiosos, que oprimem o povo e exploram os mais fracos em benefício próprio. Pois a injustiça social fere a aliança de Deus com seu povo (Ez 34,1-9). Assim como Deus é pastor e cuida tão bem de seu povo, os líderes devem ser pastores que servem e guiam! Essa é a lição dos profetas assumida por Jesus. Nosso Mestre e Senhor, ao olhar as multidões que o procuram, “compadeceu-se delas, porque andavam desgarradas

e errantes, como ovelhas que não têm pastor” (Mt 9,36). Jesus é o Bom Pastor, que conhece e é conhecido pelas ovelhas. Vem para que elas tenham vida em abundância. Reúne e agrega. Dedicase sem limites, a ponto de dar a vida por elas (Jo 10,4.10.11.14).

O Salmo 23 expressa, de forma poética, o cuidado de Deus por cada um de nós: “O Senhor é o meu pastor, nada me falta!” (Sl 23,1). A ovelha recebe do pastor o que ela necessita: pastagem com erva verdejante, água em lugares de repouso, proteção e orientação para percorrer trajetos arriscados e sombrios e superar ameaças (GRENZER, 2013, p. 69-89). A vereda traçada pelo Pastor Divino é a da justiça (v. 3). Ou seja, a opção do bem, as trilhas da justiça, do direito e da retidão (Pr 2,9). O cuidado de Deus exige de cada um e de todo o povo, em contrapartida, seguir o Seu caminho e viver Seus mandamentos, como se proclama em Deuterônimo 30,19: “Escolhe a Vida!”

A segunda parte do Salmo apresenta Deus como o anfitrião que exerce a hospitalidade e convida a pessoa para a ceia festiva. Ele próprio toma a iniciativa e prepara a mesa, unge o hóspede com óleo, enche sua taça até transbordar. Aqui se mostra novamente como o pessoal e o comunitário caminham juntos na espiritualidade

bíblica. Como Deus preparou uma mesa para seu povo no deserto (Sl 78,19.24-27), no caminho “rumo à liberdade na terra prometida, ele alimenta agora o salmista, em meio a circunstâncias adversas e em ambiente hostil” (GRENZER, 2013, p.83).

Tal perspectiva unificadora (a pessoa, a comunidade, todos os homens e mulheres), está explícita no Salmo 103. O salmista começa com o *eu*: “Bendiga a Javé, ó minha alma, e todo o meu ser ao seu nome santo! Bendiga a Javé, ó minha alma, e não esqueça nenhum dos seus benefícios” (v.1-2). Passa então para o *tu* ou você: “Ele perdoa suas culpas todas, e cura todos os seus males. Ele redime da cova a sua vida, e a coroa de amor e compaixão. Ele sacia seus anos de bens e sua juventude se renova, como a da águia” (v.3-5). Então, o salmista proclama a misericórdia de Deus para *nós*: “Nunca nos trata conforme os nossos erros, nem nos devolve segundo as nossas culpas. Como o céu se ergue por sobre a terra, seu amor se levanta por aqueles que o temem” (v.10-11). E tal amor se estende a *todos* os que são explorados: “Javé faz justiça e defende todos os oprimidos” (v. 6).

Da mesma forma que é grande, Deus é amoroso e cuida de toda a criação que saiu de suas mãos. O

Livro da Sabedoria afirma: “Tu amas tudo o que existe, e não desprezas nada do que criaste. Como se poderia conservar alguma coisa se tu não a tivesses chamado à existência? Tu, porém, cuidas de todos os seres, porque todos pertencem a ti, Senhor, o amante da vida” (Sb 11, 22-26).

O cuidado de Deus pelas suas criaturas é manifestado de maneira singular no Salmo 104, que louva a Deus por proteção à Criação: os céus, o solo, as águas, as montanhas e os bichos. Deus sacia os animais do campo e as aves. O belo ciclo da natureza é uma manifestação do seu amor para as criaturas. Todos os seres recebem as dádivas divinas. Os humanos atuam sobre a natureza através do seu trabalho de cultivo do solo: “Tu fazes brotar relva para o rebanho, e plantas úteis para o homem. Dos campos ele tira o pão, e o vinho que alegra seu coração; o azeite, que dá brilho ao seu rosto, e o alimento, que lhe dá forças” (v. 14-15). O Espírito de Deus é o segredo da vida e ele renova a face da Terra (Sl 104,39).

Na *Laudato Si* Francisco resalta que nós humanos fazemos parte dessa “grande família” das criaturas. Daí nasce a mística do cuidado:

Nós e todos os seres do universo, sendo criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunidade sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde (LS 89).

Francisco mostra que a Trindade é o fundamento da cooperação e das relações de entreajuda e de cuidado recíproco que unem os seres humanos entre si, com a criação, e com Deus mesmo. A criação inicial do mundo é um gesto comunitário do Deus uno e trino. O Pai é a fonte última de tudo, fundamento amoroso e comunicativo de todos os seres. O Filho, em quem tudo foi criado, uniu-se a esta terra de forma singular ao se encarnar. O Espírito, vínculo infinito de amor, vive no coração do universo, animando e suscitando novos caminhos. Assim, o mundo foi criado pelas três Pessoas como um único princípio divino, e cada uma delas realiza esta obra comum segundo sua identidade (LS 238).

Crer no Deus único que é comunidade divina implica considerar que toda a realidade contém em si mesma uma marca propriamente trinitária, relacional, interdependente e amorosa. E nos põe o desafio de ler toda a realidade em chave trinitária (LS 239).

Cultivar a mística do Deus Trindade modifica também nos-

sa visão de ser humano. Na ótica do cuidado, percebemos que necessitamos uns dos outros, que a vida humana e das outras criaturas está cercada por um mistério amoroso, que nenhum indivíduo sozinho ou o saber científico pode alcançar. No dizer de Francisco: o mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações que tendem para Deus. No seio do universo se encontram inúmeras relações constantes que secretamente se entrelaçam, o que nos leva a admirar os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas. E também nos incita a descobrir uma chave da nossa própria realização. A pessoa humana cresce, amadurece e se santifica na medida em que “se relaciona, sai de si mesma para viver em comunhão com Deus, com os outros e com todas as criaturas”. Assim assume na própria existência o dinamismo trinitário que Deus imprimiu nela. Destarte, “tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade” (LS 240).

Conclusões abertas e em tópicos

* “A essência humana não se encontra tanto na inteligência, na liberdade ou na criatividade, mas basicamente no cuidado” (BOFF, 2002, p.11,14,18), o su-

porte real dessas características. No cuidado acha-se o princípio de um modelo original de conviver, a ser assumido como a base de um novo pacto social entre os povos, e de respeito com tudo o que existe e vive. O cuidado se torna assim o eixo que reúne aquelas características fundamentais para relações humanizadoras na comunidade religiosa, na Igreja e na sociedade.

* O cuidado de si mesma/o é uma descoberta relativamente recente na Vida Consagrada. Até o Concílio Vaticano II se acentuava não somente a dedicação e a renúncia (que são valores positivos), mas também a negação das subjetividades e a mortificação (castigar o corpo ou submetê-lo a uma disciplina férrea). Hoje reconhecemos a importância pessoal de cuidar da saúde e dos sentimentos, viver com leveza e avançar no autoconhecimento. Isso se contrapõe tanto à rigidez e a exigência demasiada consigo mesma/o, quanto à autosuficiência e à absolutização dos interesses meramente individuais.

* O ecofeminismo mostrou que as mulheres, em resposta aos contextos culturais de longo tempo, se consolidaram como as principais cuidadoras dos humanos e da natureza (PULEO, 2011; DÍAZ ESTEVES, 2019; SHIVA e MIES, 2016). Elas assumem grande par-

te dos cuidados relacionados à dimensão reprodutiva da humanidade: gestação e amamentação, educação das crianças, alimentação e limpeza da casa. Constituem as principais cuidadoras dos doentes, idosos e pessoas fragilizadas. Também são as principais cultivadoras de verduras, legumes, grãos, frutas e flores de forma artesanal e agroecológica. Portanto, quando se discorre sobre o cuidado como atitude humana básica, deve-se reconhecer a contribuição imprescindível das mulheres, e aprender com elas. Isso se aplica também à Vida Religiosa feminina, que se destaca nas práticas de cuidado especialmente com os mais necessitados, os invisibilizados e subalternizados. Tal atitude das mulheres questiona os homens consagrados e as posturas dominadoras do patriarcado. Todos devemos incorporar o cuidado nas relações interpessoais e na missão, e valorizar a contribuição das mulheres na cultura do cuidado.

* Há que se evitar as “patologias do cuidado”, como o paternalismo, a superproteção, a redução drástica da liberdade das pessoas em nome da prevenção contra eventuais perigos. Cuidar inclui a promoção do protagonismo e uma dose calculada de riscos. Ao mesmo tempo que se acolhe, estimula o crescimento. Favorece o desen-

volvimento das potencialidades em vista do serviço ao Reino de Deus. Apela à generosidade e a romper a “casca do ovo” do individualismo. Com relação às novas gerações, em especial, o segredo consiste em “ser cuidada/o para aprender a cuidar”.

* Cuidar das pessoas idosas consagradas, especialmente aquelas que perderam as capacidades físicas e mentais básicas é um exercício de caridade e de gratidão. No entanto, é preciso descobrir alternativas, para que os poucos membros jovens e de meia idade dos nossos institutos estejam dedicados mais à missão do que à assistência aos doentes graves. Isso exige um acurado discernimento e a busca de alternativas criativas, nas equipes de Animação e Governo.

* O cuidado com a Casa Comum ainda não é significativo em grande parte das nossas comunidades e congregações religiosas. Não consta nos nossos objetivos e metas mensuráveis, definidos em capítulos e assembleias. Há poucas práticas reais que estimulem um estilo de vida sustentável e a adoção de políticas ambientais em nossas obras e espaços pastorais. Ora, a questão ecológica não é mais algo opcional. Tornou-se uma urgência para a humanidade. Além disso, o cultivo de

espiritualidade ecológica é um sinal renovador do Espírito Santo, que amplia nossa experiência de Deus, conectando-nos com toda a criação. Desejamos que haja avanços visíveis nos próximos anos.

* Na *Fratelli Tutti* o Papa Francisco apela a reconstruir o mundo ferido, semelhante ao Bom Samaritano. Assim, homens e mulheres assumem como própria a fragilidade dos outros. Não excluem, fazem-se próximos, levantam e reabilitam os caídos, promovem o protagonismo de pessoas (FT 67,69,79), especialmente as que vivem nas periferias sociais e existenciais. Ao responder a esse apelo, devemos multiplicar as lideranças leigas que atuam em favor da humanidade e da Casa Comum e ampliar as parcerias colaborativas, como sinaliza a proposta do Pacto Educativo Global.

*Cada um/a de nós, em diferentes graus, tem sentimentos e atitudes de cuidado com os outros e se deixa tocar pelo amor de Deus, que cuida de suas criaturas. E como somos luz e sombra, também manifestamos o descuido, a indiferença, o descaso e o abandono às pessoas e à Terra. Por isso, o cuidado se torna um ideal a alcançar, um motivo de conversão e de crescimento espiritual.

* Francisco nos aponta atitudes e posturas de vida que traduzem o cuidado, nas relações entre as pessoas. Isso vale para a Vida Comunitária e para nossa missão. Dentre elas, destacamos aqui: a ternura (FT 194), o diálogo em busca de consenso e da ação conjunta (FT 198, 204, 206), a amabilidade e delicadeza (FT 224); manter viva a memória em defesa das vítimas (FT 226s, 246-249), aumentar a proximidade e a amizade com os pobres (FT 234), praticar o perdão (FT 236), assumir os conflitos inevitáveis e buscar a reconciliação (FT 240, 244). Que tal assumir algumas dessas atitudes no seu Projeto de Vida Pessoal, no Projeto de Vida da Comunidade e no planejamento da instituição onde você atua?

Será um meio concreto de crescer no cuidado aos outros e difundir a cultura do saber cuidar.

Enfim, cultivar a mística do cuidado significa “deixar a música do Evangelho vibrar nas nossas entranhas”. Com essa sintonia, desenvolvemos a alegria que brota da compaixão, a ternura que nasce da confiança em Deus e a capacidade de reconstruir as relações (FT 277). Ao mesmo tempo, tal mística nos impulsiona a renunciar à lógica dominante do individualismo, da indiferença e da competição. E aderir à outra lógica: a de sonhar, pensar, orar e atuar em vista de uma sociedade diferente, interdependente, corresponsável pela família humana (FT 127, 165, 166) e pela nossa Casa Comum (LS 67, 69, 116, 131).

Para conversar em comunidade

- 1 Escute a música “Deus cuida de mim”. Está disponível na internet. Compare com o item 2 do artigo. Conte alguma experiência de vida na qual você se sentiu cuidada por Deus.
- 2 Escute a música “Tocando em frente”, de Amir Satler, disponível na Internet. O que ela revela sobre o cuidado de si e dos outros?
- 3 Releia as conclusões abertas. Compartilhe o que você julgou mais importante para cultivar a mística do cuidado.

Referências

- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra, 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- DÍAZ ESTÉVEZ, A. Ecofeminismo: poniendo el cuidado en el centro. **ENE Revista de Enfermería**, Madrid, v. 13, n. 4, [s/n], dez 2019.
- FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**. Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.
- FRANCISCO, Papa. **Laudato Sí**. Carta Encíclica sobre o cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulinas, 2015.
- GRENZER, M., FERNANDES, L.A; **Dança ó Terra!** Interpretando os Salmos. São Paulo: Paulinas, 2013.
- MURAD, Afondo. **Janelas abertas**. Fé cristã e ecologia integral. São Paulo: Paulinas, 2022.
- O QUE SÃO os rios voadores que distribuem as águas da Amazônia. **BBC News Brasil**, 1 de setembro de 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41118902> Acesso em: 29 jul. 2023.
- PULEO, A. H. **Ecofeminismo para otro mundo posible**: feminismos. Madrid: Cátedra, 2011.
- SATLER, Almir; TEIXEIRA, Renato. **Tocando em frente**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SWtjTkixv5M> Acesso em: 29 jul. 2023.
- SHIVA, V.; MIES, M. **Ecofeminismo**: teoría, crítica y perspectivas. Madrid: Icaria, 2016.
- VELOSO, Caetano; KLEBER, Lucas. **Deus cuida de mim**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=vLxy2E5oD2Q>. Acesso em: 29 jul. 2023.

“QUANDO A GENTE AMA BRILHA MAIS QUE O SOL”¹: A MÍSTICA DO CUIDADO COMO UMA EXPERIÊNCIA DE SER AMADO (A) E TRANSBORDAR AMOR

Ir. Joilson de Souza Toledo, FMS²

Resumo: O mistério do amor do Deus Trindade está no coração do estado de vida que chamamos de Vida Religiosa Consagrada (VRC). Por isso, também de seu processo de ressignificação. O presente artigo, a partir de sambas cariocas, intenta refletir sobre o convite da AGE de promover a mística do cuidado de si, do outro e da Casa Comum inspirados na Trindade. Entendemos que o passo decisivo é a abertura ao Deus que é amor, que nos ama e nos convida a amar. Permitir que Ele nos tome e transborde em todas as relações que tecemos. Tal feito demanda que cada consagrada e consagrado, bem como, as estruturas da VRC considerem que somos gente e reequacionem o que entendem por misericórdia. Inspirados no magistério de Francisco cada um é convidada e convidado constituir relações na sororidade e fraternidade radical. Entendendo que cada consagrado é convidado a dar sua contribuição nesta jornada sonhamos que a presente reflexão possa humildemente também contribuir neste caminho.

Palavras-chave: Consagração; Amor; Trindade; Cuidado; Esperança.

¹ CRUZ, Arlindo. **O que é o Amor**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0hiJsMdxWuM>>. Acesso em 26 jun 2023.

² Irmão Marista. Mestre em Ciências da Religião e doutorando em Teologia pela PUC RIO. É assessor da Pastoral da Juventude na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Membro da Equipe Interdisciplinar da CRB NACIONAL. E.mail: mistagogo@yahoo.com.br.

Introdução

Nossa 26ª AGE escolheu por lema para este triênio “Ressignificar a Vida Religiosa Consagrada numa Igreja sinodal” e entendeu que esta caminhada seria vivenciada em seis prioridades. Uma delas aborda a promoção da mística do cuidado. Para iniciar uma conversa sobre “ressignificar da VRC” nós religiosas e religiosos precisamos humildemente confessar que as palavras não dão conta de expressar a experiência que chamamos de consagração. Nestas páginas que seguem não tenho a menor pretensão de explicar o que é, ou dizer “o” caminho da mística do cuidado, mas partilhar inquietações e percepções que habitam em mim a partir das vivências, estudos, escutas e caminhadas. Pois, a mística do cuidado é um elemento fundamental da experiência do discipulado e o seguimento de Jesus se dá no caminhar junto, na partilha, na escuta mútua.

Também precisamos logo de início deixar claro o lugar de onde falamos: um religioso irmão, negro, de meia idade, vindo das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e da Pastoral da Juventude (PJ) da diocese de Duque de Caxias e São João de Meriti/RJ, apaixonado por samba e pelas

juventudes. Penso que há várias formas de abordar este tema. O faço desde um olhar da periferia do Rio.

Um olhar ressuscitado que permite Deus habitar em nós

Uma conversa sobre a mística do cuidado sempre nos remete a uma análise de conjuntura ou uma percepção da realidade. Minhas raízes nordestinas me levam a recorrer a Ariano Suassuna e apelar ao sábio direito de “não ser otimista”. Disse certa vez o pensador paraibano: “me perguntaram outro dia se eu era otimista. Eu digo, eu não sou. Considero os otimistas ingênuos e os pessimistas amargos. Então, eu me considero um realista esperançoso” (2023). A vitalidade e a viabilidade de nossas famílias religiosas pedem de cada um de nós esta postura, que nas palavras da Comunidade de Mateus poderíamos traduzir por “astutos como as serpentes e simples como as pombas” (Mt 10, 16). Resignificar a VRC numa Igreja sinodal com esta mística do cuidado que desejamos vivenciar nos impele a nem cair na ingenuidade de legitimar tudo que há, nem no amargor de não ver, não reconhecer nada de bom e não vislumbrar as brechas e possibilidades. Estes são dois extremos que

buscaremos evitar nestas páginas e que o seguimento de Jesus nos convida a evitar na vida. Estes dois exageros fazem que desprezemos problemas cruciais que nos impedem de avançar ou que ignoremos recursos imprescindíveis que precisam ser valorizados.

Nossa consagração nos convida e nos habilita a ver tudo: nós mesmos, nossa comunidade, a igreja, a sociedade, a natureza com um olhar ressuscitado, um olhar de discípulo, um olhar que nos é dado pelo Senhor, que é cultivado na abertura de coração e na contemplação, com foco nos pobres e no amor Àquele que encontramos entre os últimos da história e primeiros no Reino.

Assim, tentaremos nessa reflexão ser “realistas esperançosos”. Esta atitude é importante porque, possivelmente, se colocamos a viabilidade da Vida Religiosa Consagrada exclusivamente em nós mesmos ou em nossas instituições, ao olharmos incorrência e ambiguidades que marcam – a nós e principalmente nossas estruturas – podemos acreditar inviável. Reconhecer que “cargamos tesouros em vasos de barro” (2Cor 4, 7); que o trigo vem misturado com o joio (Mt 13, 24-30); que por vezes faço o mau que não quero (Rm 7, 18-25); que Deus “faz nascer o seu sol sobre os maus e os bons, e cair a chuva

sobre justos e injustos (Mt 5, 45), nos ajuda a não cair no desespero nem no comodismo. Realistas esperançosos conseguimos reconhecer “o que já cheira mal” (Jo 11, 39) sem deixar de acreditar que “Jesus é a ressurreição e a vida” e mesmo por vezes estremeçando e chorando perdas (Jo 11, 33-35), ter a coragem de remover pedras (Jo 11, 41) e retirar faixas (Jo 11, 44), sem deixar de reconhecer quanta gente santa há no meio de nós, as iniciativas proféticas, o empenho verdadeiro, os estilos de vida sadios e saudáveis.

Contudo, para continuarmos no horizonte da fé cristã mais do que um esforço pessoal de pessoas devotadas, a mística do cuidado é fruto de um Deus que é cuidado. A Trindade é comunhão de amor, que é cuidado e convite a cuidar. É o cuidado do Deus Trindade que nos inunda e transborda nas relações que estabelecemos. É um ser tomado por tanto amor que nos permite amar de forma gratuita. Realistas esperançosos somos convidados e convidadas a, em todas as nossas ações, agir como pessoas que acreditam na vitória da ressurreição e a partir desta certeza olhamos, ouvimos e sentirmos o mundo. A promoção da mística do cuidado é um processo de abertura e de discernimento, de ser tomado pelo amor que educa a nossa sensibilidade.

Este amor que nos toma

Em seu livro “Dinâmica da Fé”, Paul Tillich nos inspira dizendo que “a fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente” (1985, p. 5). Neste ponto de vista a experiência de fé seria mais do que aderir a crenças, mas um ser tomado pelo mistério. Não seria esta visão de fé mais próxima do que chamamos consagração? Para pensar a mística do cuidado e a nossa vivência como consagradas e consagrados precisamos nos perguntar: O que nos toma? O que nos toca incondicionalmente? O que nos remete ao mais profundo de nós mesmos? São estas questões que nos ajudam a discernir se somos pessoas consagradas ou exímios funcionários.

O texto aprovado na AGE nos pede para “Promover a mística do cuidado consigo, com as/os outras/os e com a casa comum, inspiradas/os na Trindade”. Uma mística que mobilize as nossas relações, que tenha como sua fonte de inspiração primeira a Trindade. Ao meditar sobre a Trindade nos colocamos diante de um mistério de amor, doação, serviço, comunhão, que gera intimidade e deslocamentos, mas acima de tudo amor. Uma experiência de comunhão que não anula as diferenças, de

proximidade que não aprisiona, de cuidado que faz crescer.

Ao pensar em amor me veio ao coração outro samba de Arlindo Cruz : “O que é o amor?” (2023).

Abordar uma mística do cuidado inspirada na Trindade convida a mim e a você a reconhecer que estamos diante de algo que não cabe nas palavras, no entanto sabemos dizer quando o encontramos. A vida espiritual de uma consagrada e um consagrado, para além dos métodos que marcam nossas famílias religiosas, consiste em manter essa certeza que não tem nome, em saborear esta experiência, em contemplar o caminho que Deus faz na história e no coração de cada um. Arlindo Cruz poetiza dizendo: “Se perguntar o que é o amor pra mim. Não sei responder. Não sei explicar. Mas sei que o amor nasceu dentro de mim. Me fez renascer. Me fez despertar”. A experiência da consagração nos envolve em dinâmicas que vão para além do racional. Nossas fundadoras e nossas fundadores empreenderam iniciativas surpreendentes porque joaninamente acreditaram que, por detrás de gritos e apelos reconhecidos no cotidiano da história: “É o Senhor!” (Jo 21, 7).

Seguindo as pegadas de nossas comunidades fundacionais somos chamadas e chamados à abertura

para um amor que nos toma. Ao “rio que possui em minha vida e meu coração se deixou levar”, como poetizou Paulinho da Viola (2023), mas que um conjunto de ações a promoção da mística do cuidado requer se deixar guiar pelo “amor que move o mundo”. É um convite a “amar como Jesus amou”, como formulou de maneira tão inspirada o Padre Zezinho (2023). Esta dinâmica, nos aponta que os místicos, conhecidos ou anônimos, reorganizam a vida. Paulo a expressou ao dizer: “vivo, mas já não sou mais eu, é cristo que vive em mim” (Gl 2,20) e poderíamos cantar com a canção “Timoneiro” de Paulinho da Viola: “não sou eu quem me navega, quem me navega é o mar”.

É nesta dinâmica, que, com o mestre Arlindo Cruz poetizamos: “me disseram uma vez que o danado do amor pode ser fatal. Dor sem ter remédio prá curar. Me disseram também, que o amor faz o bem e que vence o mal”. Conforme expressaram Jeremias e Paulo a promoção da mística do cuidado é rendição a um amor maior que nos leva por caminhos inesperados tantas vezes.

O refrão da música poetiza a vivência que está no coração do discipulado de Jesus. Na dinâmica da Trindade podemos dizer que “quando a gente ama, brilha mais

que o sol. É muita luz, é emoção. O amor quando a gente ama, é o clarão do luar que vem abençoar o nosso amor”. A mística do cuidado é simplesmente e exigentemente isso: permitir que o amor de Deus transborde em nós, que seja luz que ilumina o nosso caminhar e aqueles com quem convivemos, que seja bênção de Deus que transfigura o que temos, somos e fazemos.

Um cuidado importante: nunca esquecer que somos gente

A VRC é um estilo de vida que tem o Evangelho como horizonte, mas nunca um caminho de anjos. Por isso, convém alguns cuidados. É preciso reconhecer que somos gente e a vida religiosa é espaço para quem quer ser gente. O que queremos dizer com isso? Em Jesus reconhecemos que Deus assumiu a nossa humanidade, somos chamadas e chamados a sermos sacramento da Trindade. Este caminho de amor que somos chamados a viver não é uma fuga, nem pode desconsiderar nossa humanidade, pelo contrário.

As grandes questões deste momento da história não são simplesmente tarefa de nossa atuação pastoral. Elas estão em nossas mentes, em nossos cor-

pos, em nossas casas, em nossa maneira de conviver, de servir e de governar. Conforme expressou Joan Chittister, autora de “Fogo sob Cinzas”, “os próprios religiosos refletem as lutas de seu tempo, definindo-as, enfrentando-as e levando-as em conta em suas próprias vidas, mas jamais fugindo delas, como se fosse possível considerar a espiritualidade à parte das grandes questões da época” (1998, p. 19). Com realismo esperançoso precisamos perguntar quais questões que eu particularmente, minha comunidade e minha província/congregação trazem, e como esta refletem o que há de melhor e talvez, o que há de pior neste momento da história.

A VRC não é um lugar de super-homens ou mulheres-maravilhas, mas é inegavelmente o lugar de pessoas que assumem sua própria humanidade, que tomam como tarefa principal de suas vidas “ser gente pelo bem de muita gente”. Sem pessoas que suportem e assumam sua própria humanidade não teremos pessoas, não há base para pensar a consagração.

Precisamos de forma urgente e com doses evangélicas de humildade repensar, como por vezes, temos entendido a misericórdia. Compreensões do que seria “ser misericordioso” fizeram com que aceitássemos na VRC pessoas,

que com o passar do tempo, se tornaram um desafio maior do que a própria missão. Nossas comunidades são comunidades apostólicas, não terapêuticas. Seguindo a reflexão apresentada pelo padre Jaldemir Vitória em seu artigo da convergência intitulado “Refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito” (2009) promover uma mística do cuidado é pensar uma vida religiosa profundamente humana composta por pessoas profundamente humanas. É, também, pensar entradas e permanências. Uma pretensa misericórdia com alguns não pode sacrificar a tantos, como por vezes acontece. Há situações toleradas no meio de nós que tem sido nocivas para a saúde mental de algumas pessoas. Em nome de uma pretensa misericórdia talvez tenhamos feito escolhas temerárias de pouca misericórdia com o santo povo de Deus, o qual servimos. A “boa medida, socada, sacudida e transbordante” (Lc 6, 38), a generosidade que o Evangelho nos convoca e nos possibilita é convite para novas relações, amar e cuidar de quem é fraco, mas nunca potencializar a mediocridade ou a maldade. O Pequeno Príncipe fez seu alerta: “cuidado com os baobás” (SAINT-ÉXUPÉRY, 2015, p. 20-23).

A mística do cuidado nos leva a sermos irmãs e irmãos, mas não

a adoecer, por quem não escolheu ser são, ou que talvez não tenha a estrutura psíquica elementar para as exigências do Evangelho. Somos convidados e convidadas a pensarmos comunidades intergeracionais e interculturais com relações sadias e saudáveis. Sem paternalismos, sem fofocas, sem disputas de poder que ultrapassem os limites da ética, sem controles excessivos. Respeitando as diferentes sensibilidades etárias, culturais, regionais... entendendo o que é ser jovem, adulto, idoso, mas nunca abrindo espaço para eternas crianças e adolescentes.

Acolher a humanidade, vivê-la com tamanha intensidade e beleza que aponte caminhos e faz resplandecer a luz do amor de Deus. Foi este jeito de ser e viver que Jesus de Nazaré testemunhos e tocou o coração dos discípulos e das discípulas da primeira hora. Este é um caminho para ressignificar a Vida Religiosa Consagrada numa Igreja sinodal.

Todos somos irmãos e irmãs: tudo está interligado

O magistério do Papa Francisco é um convite a vivenciar esta experiência de amor da Trindade. De um amor que alcança a todos, que toca os últimos, que nos chama a uma nova etapa da evange-

lização marcada pela alegria do Evangelho, que enche o coração e a vida daqueles e daquelas que encontram Jesus (EG 1). A vida de cada consagrada e consagrado, nossa vida comunitária, nossa atuação na Igreja e na sociedade são testemunho e ensaio daquilo que toda sociedade pode ser.

Essa fraternidade/sororidade radical, este estilo de vida com sabor de Evangelho (FT 1) é ao mesmo tempo horizonte e trajetória. Numa Igreja sinodal, onde as diferenças não são hierarquizadas, consagradas e consagrados, tal como a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro nos entendemos nem melhores e nem piores, simplesmente diferentes². Essa diferença se torna dom para a humanidade e dialoga com outros jeitos de ser, viver e servir.

Entendendo que o seguimento de Jesus é caminho de conversão tomamos os sonhos de Francisco expressos na “Querida Amazônia” e vivenciamos a mística do cuidado como itinerários de conversão social, cultural, ecológica e eclesial. Este processo pede que não sejamos evasivos e nos permitamos questionar os estilos de vida, produção e consumo (QA 53), que assumimos e estimulamos em nossas vidas, comunida-

² O Salgueiro tem por lema: “Nem melhor, nem pior, apenas uma escola diferente”.

des, presenças e obras. Motivadas e motivados pelo Papa Francisco entendemos que “não haverá uma ecologia sã e sustentável, capaz de transformar seja o que for, se não mudarem as pessoas, se não forem incentivadas a adotar outro estilo de vida, menos voraz, mais sereno, mais respeitador, menos ansioso, mais fraterno”. (QA 58).

Acolhemos a casa comum como dom e morada, nunca como um recurso. Nosso amor aos pobres e as futuras gerações nos convida a repensar posturas e contemplar a realidade, especialmente nestes tempos pós-pandêmicos em que “os pobres ficam sempre pobres e os ricos tornam-se cada vez mais ricos” (PP 57). No que as situações de desigualdade social questionam nossas relações? Como contribuimos para “assegurar uma globalização na solidariedade, uma globalização sem marginalização”. (JOÃO PAULO II, 1997).

Promover a mística do cuidado é reconhecer que “tudo está interligado” (LS 16; 91; 117; 138; 240), por isso o amor do Deus Trindade em nós chega a todas as dimensões da nossa existência, das nossas relações, tocando também as estruturas que construímos. A Vida Religiosa Consagrada sinal do cuidado de Deus para com a humanidade e a criação, inspiradas e inspirados no Bom Samaritano, e segundo nossos carismas

fundacionais construímos relações que deram “o azeite e o vinho da misericórdia”, nos deixamos a beira do caminho.

Conclusão

A VRC nasce da experiência de se sentir profundamente amado/a e que o Deus que é amor, convida a testemunhar este amor em realidades específicas. Nossas fundadoras e nossos fundadores se sentiram tomados pelo amor/cuidado de Deus e neste influxo construíram um jeito de ser, de rezar, de conviver, de trabalhar para em tudo viver e testemunhar este amor. Nós, na terceira década do século XXI, somos convidadas e convidados a, com feições contemporâneas, (re)construir esta experiência, mesmo sem saber “explicar”. Permitir que o amor nasça dentro de nós, nos fazendo renascer e despertar como poetizou Arlindo Cruz.

Realistas esperançosos, mesmo que ainda não saibamos o caminho acreditamos que “o amor faz o bem e que vence o mal”. Como a viúva do Evangelho de Lucas (Lc 21, 1-4) apaixonadamente entregamos tudo o que temos na confiança Naquele que nos chamou. Cada um dando sua pequena e fundamental contribuição para “ressignificar a Vida Religiosa Consagrada numa igreja sinodal”

através da promoção da mística do cuidado.

Na esperança teimosa do Reino sigamos na paixão pelo Evangelho do nosso jeito fazendo a nossa parte e em meio ao suor e sorriso do labor diário cantemos:

“tô saindo pra batalha pelo pão de cada dia. A fé que trago no peito é a minha garantia. Deus me livre das maldades, me guarde onde quer que eu vá. Tô fazendo a minha parte. Um dia eu chego lá” (NOGUEIRA, 2023).

Para conversar em comunidade:

- 1 Quais músicas lhe inspiram na reflexão sobre a mística do cuidado? O que elas acrescentam na reflexão provocada pelo texto?
- 2 Quais escolhas são necessárias para permitir que o amor de Deus transborde em suas relações consigo mesmo, com os outros e com a Casa Comum?
- 3 Que passos a comunidade, a província e a CRB poderiam dar na promoção de uma mística do cuidado em todas as relações?

Referências

- CHITTISTER, Joan. **Fogo sob as cinzas**: uma espiritualidade da vida religiosa contemporânea. São Paulo: Paulinas, 1998.
- CRUZ, Arlindo. **O que é o Amor**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0hiJsMdxWuM>>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- CRUZ, Arlindo. **O que é o amor?** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0hiJsMdxWuM>>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Paulinas, 2020.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Mensagem para o dia mundial da paz**. Roma, 8 de dezembro de 1997.
- NOGUEIRA, Diogo. **Tô fazendo a minha parte**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yqaK_PAfuQg>. Acesso em: 27 jun. 2023.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. São Paulo: Escala, 2015.

SUASSUNA, Ariano. **Realista esperançoso**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=K4SCpmbfRX4>>. Acesso em: 26 jun. 2023.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

VIOLA, Paulinho da. **Foi um rio que passou em minha vida**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=G91T82MkX8M>>. Acesso em: 27 jun. 2023,

VIOLA, Paulinho da. **Timoneiro**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uF9Pw-yJQI>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

VITÓRIO, Jaldemir. A refundação dos religiosos: uma exigência do Espírito! **Convergência**, Rio de Janeiro, v. 44, p. 447-478, 2009.

ZEZINHO, Padre. **Amar como Jesus amou**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rWpY8EKPt7Q>>. Acesso: 27 jun. 2023.

RESILIÊNCIA: UM MODO DE CUIDAR

Ir. Zirilaide Barreto Mendonça, CP¹

Resumo: Partindo da visão de “ser humano” lançado na imprevisibilidade do mundo, em constante construção e reconstrução que autenticam o modo de ser/estar com o outro, busca-se compreender a resiliência para além da avaliação dos efeitos dos golpes e adversidades enfrentados, como um modo de cuidar, como capacidade de prover e acessar recursos de saúde e bem estar, possibilidade de reduzir o estresse e melhorar a qualidade de vida. Com base em estudos e autores de referência, especialmente os que contribuem nessa perspectiva da esperança, apresenta-se um olhar para os pilares da resiliência, o desvelar dos fatores de promoção na interação relacional nos processos de ressignificação das experiências em vista do sentido.

Palavras-chave: Resiliência; Cuidado; Vida Religiosa Consagrada; Formação.

Cuidando de ser na articulação do sentido

A tarefa de pensar sobre o cuidado, pela articulação do sentido, nos remete ao modo de ser do ser

humano. Heidegger (1996, § 35), em sua obra “Ser e Tempo”, define o modo de ser do homem como “impessoal e lançado no mundo”.

¹ Religiosa Passionista. Pedagoga e Mestra em Psicologia. Assessora para o Setor de Formação Permanente da CRB Nacional. O presente texto é parte da Dissertação de Mestrado Profissional em Psicologia, Desenvolvimento e Políticas Públicas na Universidade Católica de Santos sob orientação do Professor Dr. Hélio Alves. Endereço para contato: zirlaidecp@yahoo.com.br

Almeida (2000), inspirado no pensamento heideggeriano, diz que o ser humano ao nascer, antes mesmo de dar-se conta de sua individualidade, já se encontra no mundo, compartilhando sentidos comuns com os outros. Ser lançado, jogado no mundo, significa, pois, que quando nos damos conta de que estamos no mundo, o mundo já é mundo, já estamos participando do jogo da vida. Para dar conta dessa tarefa de pertencer ao mundo, pronto e desconhecido, o ser humano é convocado à busca interminável de desvelamento e articulação do sentido.

Na busca de nós mesmos, a interação com o mundo é de grande relevância. A alteridade do mundo funciona como um espelho no qual nos refletimos, percebemos e formamos nossa individualidade. No dizer de Almeida

somos públicos antes de sermos privados, somos comunidade antes de sermos individualidade, somos todo antes de sermos parte [...] basta que olhemos para a nossa vida cotidiana e veremos que nossos costumes são, na maior parte das vezes, heranças; o mesmo se dá com os nossos gostos e preferências, com nossa forma de manifestar a religiosidade e até com o modo que pensamos [...] o que somos é, em grande parte, herança e o primeiro que há em nós é o herdado. (2000, p. 8)

Quando mergulhamos na rotina do cotidiano, sem escutar as perguntas mais profundas, corremos o risco de perdermos a nossa singularidade, vivendo o presente de forma inautêntica como se não tivéssemos nem passado e nem futuro.

O automatismo da impessoalidade dificulta a nossa abertura ao diferente e o respeito à pluralidade. Só quando nos abrimos para conhecer, ser, conviver e transcender percebemos o quanto a nossa existência é inacabada e o caminho que temos a fazer. Apenas quando nos perguntamos sobre a nossa existência, retomando o passado e projetando o futuro para além das ilusões do cotidiano, descobrimos nosso modo mais autêntico de ser, que não significa uma forma estática, um estilo pronto e seguro de viver, mas, a consciência de pertencer ao tempo e assumir no tempo o desafio de encontrar sentido.

O questionamento sobre o modo de ser e posicionar-se no mundo pode ser iluminado pela metáfora de Heidegger, que traz à luz o cuidado e a vigilância que marcam a origem da humanidade e a trajetória do ser humano do nascimento à morte:

Uma vez chegou Cuidado a um rio e viu montes de argila. Cavando, pegou um pedaço e começou a modelá-lo. Enquanto pensava consigo mesmo o que havia feito, se aproximou Jú-

pter. Cuidado lhe pediu que infundisse espírito ao pedaço de argila modelado. Júpiter o concede com gosto. Porém, ao querer o Cuidado dar seu próprio nome à sua obra, Júpiter o proibiu, dizendo que devia dar-se-lhe o seu nome. Enquanto o Cuidado e Júpiter discutiam sobre o nome, se levantou a Terra (*Tellus*) e pediu que se pusesse na obra o seu nome, posto que ela era quem havia dado para a mesma um pedaço de seu corpo. Os litigantes escolheram por juiz, Saturno. E Saturno lhes deu a seguinte sentença evidentemente justa: tu Júpiter, por lhe haver dado o espírito, o receberá quando de sua morte; tu, Terra, por lhe haver oferecido o corpo, receberá o corpo. Porém, por haver sido o Cuidado quem primeiro deu forma a este ser, que enquanto viva o possua o Cuidado. E quanto ao litígio sobre o nome, que se chame 'homo', posto que está cheio de húmus – terra. (1996, § 42)

Segundo a metáfora, o *Cuidado*, foi quem primeiro formou o ser humano e, enquanto viver, o humano pertencerá ao *Cuidado*. Entregue ao *Cuidado*, o ser humano é convocado a cuidar da vida, atento e aberto para o novo. Pertencer ao cuidado significa assumir o desafio de não estar pronto, o risco imbricado na vivência da autenticidade.

A tarefa do ser humano é buscar a si mesmo, colocando per-

guntas sobre o seu modo de ser, sem acomodar-se no conforto da impessoalidade e sem perder-se em respostas velhas que não mais sugerem uma direção para escolhas que façam sentido. Apropriar-se de um modo autêntico de ser em possibilidades, é lançar-se ao desconhecido para criar o novo e provocar mudanças que podem ser avaliadas pela capacidade de perguntar para onde vamos.

Através da pergunta sobre o que dizemos ou fazemos, o sentido de *ser-no-mundo* se articula. Perguntamos porque precisamos articular sentido e compreender o mundo ao qual pertencemos e nos compreendermos nesse mundo. Perguntamos porque queremos saber onde estamos, de onde viemos e para onde vamos. Perguntamos porque sabemos que não estamos prontos, estamos a caminho e precisamos de respostas, de sentido para os nossos planos, processos e esperanças.

O cuidado é a marca da pessoa. O sentido de ser, a compreensão da existência: do mundo, das outras pessoas, de si mesmo na sua singularidade e pluralidade, expressa-se nas escolhas do modo de cuidar, a partir de suas experiências e interesses. Critelli associa o cuidado à identidade, às escolhas que o ser humano faz:

Mas esse cuidar de ser não é aleatório, nem mesmo cuida-se de qualquer coisa. Individual e/ou coletivamente, os homens escolhem o que vai estar sob seus cuidados, aproximando-o e afastando-se de sua cotidianidade, de seu mundo vivido, de sua atenção, de seu interesse. O cuidar de ser é uma possibilidade que se estrutura sobre uma escolha com tríplice aspecto: do que se vai cuidar/do que não se vai cuidar; de como se vai cuidar e/ou não cuidar; de como se vai cuidar do cuidar mesmo. É cuidando de ser, é dando conta de ser que os homens existem como homens e como o homem que cada um deles é. (1996, p. 120).

As escolhas relativas ao como cuidar do ser, falam da articulação dos sentidos. Pode-se cuidar bem ou não, tomando em nossas mãos a nossa existência ou confiando a outros essa tarefa. Ao ser humano é dada a condição de *ser-no-mundo*, lidando com as coisas e compartilhando sentidos novos com e pelo outro. Chamado pelo futuro, na concepção heideggeriana, age em função de uma expectativa, de um para que, de um para onde. Em algumas circunstâncias o sentido é claro e em outras o sentido se esconde. Em sua condição de aberto para o futuro, o ser humano é chamado a suportar o escuro de si mesmo, o escuro de não saber, de não conhecer todas as suas limitações e possibilidades. É sua

a tarefa de encontrar um sentido novo para os fatos, desvelar o sentido que muda a cada momento a significação.

Resiliência: que força é esta?

Temos uma infinidade de definições e nuances da palavra resiliência. De maneira geral, há na literatura brasileira consenso de que o termo resiliência é derivado da física, indicando o retorno de um material a seu estado anterior depois de sofrer uma determinada pressão.

Tavares (2002) fez uma analogia com a ideia de um material flexível capaz de autorregular-se e autorrecuperar-se, voltando à sua forma original após sofrer uma pressão externa, uma modificação na estrutura. Brasil (2019) problematiza a analogia colocando interrogações sobre esse modo de pensar a resiliência: “Mas como pensar isso no ser humano?”, “Será que ele volta para o mesmo estado de quando sofreu a pressão?” (2019, p. 22)

De acordo com Cyrulnik, trata-se de um processo, uma transformação de ato em ato, de palavra em palavra, de um conjunto de fenômenos harmonizados que permitem à pessoa um olhar para os próprios recursos, para as con-

dições afetivas e socioculturais do seu contexto, inscrever o seu desenvolvimento e escrever a sua história. Na linguagem metafórica de Cyrulnik “resiliência é a arte de navegar nas torrentes” (2004, p. 207).

Para o autor, o trauma pode empurrar a pessoa para uma direção não desejada. Mas uma vez na corrente que a faz rolar e a carrega para uma cascata de ferimentos, a pessoa resiliente faz memória, traz de volta os recursos apreendidos, resiste a se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos e navega, de golpe em golpe, até encontrar uma mão estendida que lhe ofereça outros recursos: uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação.

Cyrulnik ressalta a capacidade de aceitar a oferta da ajuda de outros como condição da pessoa resiliente. Os recursos internos aos comportamentos cativantes favorecem a atração de tutores de resiliência.

Fatores de Promoção de Resiliência

Há vários fatores implicados na capacidade de desenvolver capacidades de resiliência no ser humano. Apresentamos breve-

mente os mais consensuais na literatura disponível.

a) *Acolhida e redes de apoio social*

A proposta de Edith Grotberg (2005) é significativa para esse estudo que pretende investigar e sistematizar ações e estratégias que podem ser utilizadas como suporte para a promoção de resiliência, fortalecimento da identidade, da capacidade de aprender a ser e conviver juntos, desenvolvendo valores, habilidades interpessoais e competências para se compreender e compreender o outro. Os fatores resilientes identificados e organizados por Grotberg (2005) em quatro diferentes categorias – *eu tenho, eu sou, eu estou, eu posso* - são apresentados como um passo decisivo no processo de resiliência.

A primeira categoria, “Eu tenho”, significa confiar e ter o apoio de pessoas que o amam incondicionalmente, põem limites, ensinam com a própria conduta a maneira correta de proceder, ajudam a crescer na autonomia e evitar perigos e problemas.

A segunda categoria - *eu sou* -, implica sentir-se uma pessoa pela qual os outros podem sentir carinho e apreço, capaz de fazer algo bom e demonstrar afeto, respeito consigo e com os outros.

A terceira categoria – *eu estou* –, tem relação com o desenvolvimento da força psíquica e disposição de responsabilizar-se pelos próprios atos e a confiança de que se sairá bem.

A quarta categoria - *eu posso* - tem a ver com a aquisição das habilidades interpessoais e resolução de conflitos, expressar o que assusta e inquieta, procurar o momento adequado para falar com alguém e a maneira de resolver os problemas, controlar a vontade de fazer algo errado ou perigoso e procurar ajuda quando necessário.

b) Aceitação incondicional

Há consenso entre os autores de que o ser humano se constitui na relação com o outro como ponto de apoio para o fortalecimento diante das adversidades, embora consciente das limitações e aprisionamentos próprios de cada pessoa.

Rocca (2015), defende que o processo de resiliência acontece quando a criança, adolescente ou jovem que sofre, pode se sentir acolhido e aceito, por ao menos uma pessoa significativa, que mantém um vínculo positivo de confiança e empatia, que sabe ouvi-lo e ajudá-lo a desenvolver suas próprias capacidades de enfrentamento.

Em todas as etapas do desenvolvimento se faz necessária a presença de figuras significativas para contribuir com o crescimento sadio, a formação da identidade, a aproximação e compreensão das frustrações e dos sofrimentos. Confiança e apoio são indispensáveis ao longo da vida. É, portanto, esclarecedora a afirmação de Bowlby: “Acumulam-se evidências de que seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de desenvolver seus talentos quando estão seguros de que, por trás deles, existe uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades” (2001, p. 139).

Para Rocca (2015), tanto na observação como nos relatos de pessoas resilientes, nas diversas etapas do desenvolvimento, é comum o reconhecimento da aceitação, confiança e apoio fundamentais de pessoas significativas em situações de sofrimento.

As pessoas que acolhem, escutam e dão apoio irrestrito para o enfrentamento das adversidades, chamadas de tutores da resiliência, possuem basicamente quatro características: a primeira é a capacidade de empatia para saber colocar-se no lugar da pessoa que sofre, escutá-la e ajudá-la a se perceber, dar nome e ressignificar o sentimento de solidão; a segun-

da, refere-se ao interesse pelos aspectos positivos da pessoa que se mostra fragilizada para ajudá-la a restabelecer a sua autoestima; a terceira, a paciência e coragem necessárias diante das dificuldades para sustentação do vínculo e, a quarta, a capacidade de posicionamento altruísta e respeito às proibições fundamentais.

Os recursos facilitadores de resiliência podem ser estimulados ou desvelados com a ajuda de educadores, formadores, acompanhantes, psicoterapeutas e demais profissionais, bem como amigos, familiares ou outras pessoas significativas. As pessoas que assumem a tarefa de acompanhar jovens no processo de discernimento, elaboração e realização do projeto de vida/vocação podem contribuir de maneira efetiva e afetivamente. Algumas perguntas podem ser colocadas: Qual tipo de presença e acompanhamento potencializam resiliência e qualidade de vida implicadas em ser/estar com o outro? Que valores, atitudes e gestos estão imbricados no cuidado para relações humanizadas em contextos de grandes fragilidades e sofrimentos?

c) Redes de apoio

Outro fator de proteção são as redes de apoio formais ou informais, disponíveis à pessoa que so-

fre. Os mecanismos apresentados por Rutter (1985), indicam que a rede de apoio social, seja escola, igreja, universidade, centros comunitários, serviços de saúde, entre outros, por oferecer espaço para convivências saudáveis que reforcem a aprendizagem, as habilidades sociais e emocionais de forma agradável, pode ser considerada um mecanismo de proteção importante para o desenvolvimento.

Rocca (2015) mostra que as redes de apoio social, tanto as formais, os sistemas oficiais que evitam a repetição das situações traumáticas, quanto as redes informais, sistemas de pertença no contexto familiar e de trabalho ou amigos que favorecem novas experiências e operam como redes de proteção e desenvolvimento positivo.

As diversas pessoas que compõem as redes de proteção, quando conseguem dar suporte sem se tornarem rígidas, garantem a continuidade no apoio social. As redes de apoio devem ser acessíveis às pessoas que sofrem e neste sentido, entre outras novas formas de contato, a Internet tem ampliado as possibilidades de alcance à comunicação em tempo real, a partilha de experiências mesmo entre aqueles que sabem que não terão contato presencial.

Considerando que interatividade tem relação com a produção de sentido e a entrada na coletividade, a autora afirma que a internet contribui na promoção de resiliência.

No relato de Alves e Mendonça (2022) sobre escuta psicológica emergencial para pessoas em sofrimento, durante a pandemia da COVID-19, na modalidade de Plantão Psicológico, realizado por profissionais voluntários da Universidade Católica de Santos, nas plataformas virtuais, chama a atenção a procura intensa, que resultou em uma lista gigantesca de espera com pessoas de todas as idades, de outros estados e até pessoas que estavam morando no exterior. A falta de políticas públicas para responder às necessidades emergenciais em tempos pandêmicos desafiou profissionais da saúde à flexibilidade para reinventar os espaços de acolhimento sem perder a qualidade e a ética profissional. A acolhida, respeito, aceitação, criação de redes de apoio, mesmo à distância, minimizou os impactos dos sofrimentos e da falta de saúde em tempos pandêmicos.

Para Perosa e Pucci (2018), a aceitação está ligada à existência dos fatos e não ao seu conteúdo. Fatos aceitos são mais facilmente compreendidos e a serenidade

é a aceitação da existência como é, sem aprisionamento ao ideal. A aceitação e respeito à pessoa implica deixar o julgamento do lado de fora da relação, sem esquecer o propósito de ampliação do autoconhecimento. O acolhimento do modo de ser do outro é quase uma decorrência do não julgamento. Acolher é deixar ser, é possibilitar à pessoa a compreensão de si mesma e respeitar suas escolhas. Talvez por ser acolhida a pessoa possa compreender seu posicionamento no mundo e assumir a responsabilidade por seus atos.

As novas formas de presença e de socialização, os vínculos online das comunidades virtuais ou dos serviços personalizados via internet são alternativas que devem ser potencializadas como redes de apoio na perspectiva da resiliência. Embora os fatores de proteção provenham do meio externo, de acordo com Brandão et al (2019), a resiliência, no campo da psicologia, é compreendida como um resultado do encontro positivo entre sujeito e adversidades. Nesse sentido, dimensões pessoais podem ser promovidas em todo o processo de enfrentamento: antes, durante e depois das situações difíceis em que as pessoas estão envolvidas.

Pilares de Resiliência

Os fatores de proteção, também chamados de pilares da resiliência, são apresentados por Amado et al (2021) como mecanismos mediadores relacionados às influências que podem alterar, modificar e melhorar as respostas da pessoa nas situações de risco, diminuir o impacto das reações negativas e evitar que o desenvolvimento seja prejudicado.

Os autores entendem que os fatores protetivos incluem as características individuais e/ou ambientais que reforçam ou amenizam os efeitos negativos do ambiente e podem atuar de modo direto ou indireto ao moderar a relação entre os fatores de risco e comportamento. Nessa ótica, a proteção não elimina os fenômenos vulneráveis da situação vivenciada, apenas ocorre uma mudança na maneira do indivíduo enfrentar as situações quando submetidos a circunstâncias estressantes e desvantajosas.

A função dos fatores de proteção é modificar a resposta do indivíduo frente a uma situação de risco. As qualidades de um indivíduo podem ser consideradas fatores de proteção e não apresentarem nenhum efeito na ausência de um evento estressor.

Na compreensão da resiliência como processo, é significativa a afirmação de Cyrulnik: “a resiliência não é um catálogo de qualidades que um indivíduo possuiria. É um processo que, do nascimento à morte, nos liga sem cessar com o meio que nos rodeia” (2001, p. 226).

Rocca (2015) resume em quatro os pilares da resiliência: a autoestima; as aptidões e competências pessoais; o senso de humor e a espiritualidade. Vejamos brevemente cada uma delas.

a) A autoestima

A autoestima compreendida como a aceitação da pessoa sobre si mesma se constrói a partir da percepção da aceitação e estima que os outros lhe transmitem. Considerada um importante pilar da resiliência, reflete o julgamento que a pessoa faz de suas próprias habilidades e atitudes vistas como positivas ou negativas para enfrentar os desafios e adversidades e resulta na confiança e respeito por si mesma, no sentimento de ser aceita e reconhecida pelos outros.

Sobre a importância da autoestima como aceitação, reconhecimento e valorização de si e dos próprios recursos no processo de construção da resiliência, é esclarecedora a afirmação: “A con-

vivência como o sentimento de desvalorização pessoal parece ser um dos poucos eventos adversos que por si só tem capacidade de afetar o potencial de superação de problemas.” (ASSIS; PESCE e AVANCE, 2006 p. 49).

De acordo com Herrera (2020) uma boa autoestima potencializa a capacidade para o desenvolvimento de habilidades e segurança pessoal. Por outro lado, um nível baixo de aceitação de si e de reconhecimento do outro, pode levar ao aprisionamento, se a pessoa se focar nas derrotas e fracassos, com consequentes alterações socioemocionais e adoecimento: ansiedade, isolamento, retraimento e depressão. A autoestima influencia diretamente na responsabilidade e compromisso com a formação integral. Daí a necessidade de perceber os riscos e reforçar os fatores protetores, oferecendo climas emocionais positivos e otimistas para que as pessoas em formação se sintam seguras e responsáveis na busca de atitudes e respostas resilientes.

O fortalecimento da resiliência se dá no processo de aprendizagem e autoconhecimento e possibilita às pessoas em formação, aos aprendentes, enfrentar a sua inserção social de modo mais favorável, tornando possível o bem-estar e felicidade.

b) As aptidões e competências pessoais

A construção da resiliência precisa mobilizar diferentes habilidades e competências pessoais, dentre elas sociabilidade, empatia, determinação, autocontrole, pensamento crítico e a visão positiva das mudanças e do futuro etc. As demandas do mundo em diferentes tempos e contextos como conflitos, as guerras, as pandemias e outras adversidades alteram as relações e solicitam a ressignificação da vida. O cenário da pós COVID-19 recorda a todos a urgência de reconstruir os laços humanos e o sentido de comunidade em vista de respostas rápidas às emergências.

A sociabilidade, compreendida como a capacidade de estabelecer vínculos de confiança e cultivar relações é um pilar da resiliência. Para Rocca (2015), os indivíduos mais sociáveis e que conseguem estabelecer diferentes relações formais e informais de apoio com pessoas de ambientes e idades diferentes apresentam abertura para a confiança e melhores condições para buscar e encontrar ajuda. Quanto maior a naturalidade para despertar simpatia nos outros, maior a facilidade para obter o apoio social.

De acordo com Melillo (2004), para superar as adversidades é

importante não se isolar, compartilhar as inquietações e aprender a pedir ajuda. Os grupos de apoio de pessoas que padecem um mesmo tipo de sofrimento, seja por situações pessoais diretas, seja por vínculos bem próximos, são instrumentos significativos para evitar o isolamento e promover a resiliência. Muitos destes grupos: imigrantes, sobreviventes de tragédias naturais ou guerras, doentes de um tipo semelhante de enfermidades ou dependências, portadores de deficiência, enlutados, familiares de alcoólatras, jovens em situação de vulnerabilidade, entre outros são promovidos e funcionam nos locais das igrejas e comunidades religiosas.

No dizer de Miguel et al (2018) a empatia como a capacidade de compreender os estados emocionais do outro e manifestar essa capacidade de forma que a outra pessoa se sinta compreendida é um aspecto importante das interações sociais. De acordo com o autor há processos diferenciados na forma de ser empático. A empatia cognitiva permite compreender racionalmente o sentimento, motivos e propósito do outro, sem necessariamente vivenciar o que o mesmo está sentindo e pensando. A empatia afetiva implica o envolvimento emocional na experiência de sentir do outro e um terceiro componente, pró-so-

ciabilidade ou compaixão indica o desejo de ajuda e prevenção em relação a eventos desagradáveis à pessoa.

Para Rocca (2015), o controle dos próprios impulsos mencionado na literatura como pilar da resiliência é compreendido como a capacidade de estabelecer limites, de aceitar os próprios erros, assumir responsabilidades e de delimitar expectativas suficientemente elevadas, claras e compatíveis com as possibilidades da pessoa.

No processo de desenvolvimento psicológico, são as figuras parentais e posteriormente os educadores os que promovem o ensinamento dos limites, do controle dos impulsos, da aceitação dos erros, e a tolerância das frustrações. São os pais e educadores que apresentam as normas de conduta para um convívio social sadio que possibilita um crescimento pessoal e o desenvolvimento das virtudes, como o controle de si. A responsabilidade, como fator protetor, deve ser promovida desde o início e em todas as etapas do desenvolvimento.

Munist (2001) destaca as capacidades de iniciativa, protagonismo e criatividade para resolver as situações adversas como elementos favorecedores para a superação das dificuldades. De acordo com Anaut (2008 apud ROCCA

2015 p. 58) o empoderamento (*empowerment*), o protagonismo e a autonomia são conceitos associados à resiliência e abrangem o desenvolvimento de independência, atitudes de manejo de situações pessoais dentro das possibilidades. Nesse sentido, a autoeficácia é o resultado do reconhecimento das competências para lidar com a situação adversa e o sentimento de poder desenvolver atitudes concretas que ajudem no enfrentamento e superação.

Rocca (2015) defende que pensamento crítico, reflexivo e a visão realista potencializam a resiliência, embora as pesquisas não consigam comprovar até que ponto a escolaridade e o desenvolvimento das capacidades intelectuais a promovem. Há uma associação da situação traumática com a visão realista, otimista e esperançosa da realidade, permitindo mentalizar, simbolizar e poder dar um sentido. A liberdade humana possibilita a esperança e o rechaço da vitimização.

c) O senso de humor

O humor tem sido estudado como uma das características que definem uma pessoa resiliente e lhe permitem gozar de maior bem-estar.

Para Alonso et al (2021), o humor tem sido considerado como estratégia benéfica tanto para

lidar com as situações difíceis que causam estresse, como para melhorar as interações sociais, aumentar a criatividade e satisfação com a vida e diminuir as emoções negativas. Pode ser um importante mecanismo de reforço de abordagens de autoeficácia e apoio social para a gestão da vida, apontando para a capacidade de ressignificação dos acontecimentos negativos e a promoção da saúde mental e bem-estar.

Rocca (2015) defende que o senso de humor não deve ser confundido com um simples mecanismo de evasão, mas reconhecido como capacidade de incluir os aspectos duros da realidade ao cotidiano, convertendo-a em algo mais suportável, instrumento poderoso para a sobrevivência em situações adversas. Mesmo não suprimindo a realidade dolorosa, trata-se de um olhar que permite encontrar algo de esperança e até cômico em uma situação trágica. Da capacidade de tomar distância do assunto: ver, pensar e sentir a partir de outros ângulos, brota a atitude de aceitar e até rir das imperfeições. O clima afetivo, de aceitação e confiança que há no entorno é fundamental para o desenvolvimento dessa faculdade psíquica.

De acordo com a autora as atividades artísticas e lúdicas: dança, música, poesia, jogos, o espí-

rito celebrativo etc., favorecem a leitura e a verbalização criativas e com humor dos acontecimentos e promovem resiliência. Em realidades políticas opressoras, como característica social o humor de grupos, tem contribuído para a liberdade, possibilitando a leitura das realidades adversas, a exteriorização do sofrimento e a busca de melhores estratégias de enfrentamento. Nas catástrofes naturais o senso de humor desperta lideranças, promove resiliência entre as pessoas afetadas e ajuda na recomposição após a tragédia.

Vanistendael (apud Rocca 2015) entende que o clima afetivo do entorno, as brincadeiras, a música e a dança favorecem o humor nos diferentes espaços e mobilizam as energias para o compromisso, o serviço e a amizade e a liberdade interior que possibilitam tomar distância tomar distância dos problemas e aceitar as limitações. A ironia, o cinismo e o sarcasmo são contrários à promoção de resiliência porque aumentam o sofrimento da pessoa afetada e podem deixar o autor do humor negativo exposto ao isolamento e desprovido da proteção do entorno. O humor sadio tem a capacidade de promover a resiliência quando consegue que a pessoa ferida possa rir dela mesma ou da sua própria situação.

Dick (2006) alerta para a importância da festa que se realiza na gratuidade, sem manifestações interesseiras de poder, de ostentação, de vazio, de significado. Embora na literatura sobre resiliência não tenham sido encontrados estudos sobre o humor nas diferentes religiões, de acordo com Vanistendael o humor em Jesus é visto como: “Esse dom que coloca os homens à vontade com o universo, que os impulsiona para procurar mais longe, para regozijar-se com o mundo e com Deus”. (VANISTANDAEL, 1995, p. 26).

d) A espiritualidade

Para Margaça e Rodrigues (2019) a espiritualidade vem sendo investigada como o modo como as pessoas conferem sentido e valor à vida, incluindo a procura de significado na relação com os outros, com a natureza ou uma divindade. É um processo experiencial que permite um olhar fora de sistemas religiosos particulares e possibilita às pessoas transcender, ter esperança e serem resilientes diante de situações adversas.

Aquino e Cruz (2020) falam da relevância da espiritualidade como fenômeno humano que faz parte da vida de todos, não somente das pessoas religiosas, independentemente de ser ou não reconhecido. Por despertar

questionamentos mais profundos sobre o sentido da existência humana e de suas ações no mundo, os estudos e as perspectivas de compreensão têm sido ampliados ultrapassando as fronteiras da Teologia e vinculados à transcendência. O cultivo da dimensão espiritual possibilita o desvelar da vida como abertura para o outro.

Chequini (2007) entende a espiritualidade como um estilo de vida marcado pela capacidade de respeito, aceitação e amor para consigo e para com o outro, que aciona no indivíduo processos subjetivos capazes de ressignificar as situações de adversidades e criar formas de atuações resilientes em realidades adversas.

Para a compreensão do ser humano como um ser em busca de sentido, é esclarecedora a afirmação de Torralba: O anseio por uma vida plena, a aspiração à total realização, são características perfeitamente identificáveis no ser humano. Elas se expressam de múltiplas maneiras, porém, em sua experiência de ser inacabado, o ser humano está sempre em busca de algo. (TORRALBA, 2013, p. 67).

O sentido da vida refere-se ao significado dos acontecimentos que a configuram e supõe uma lógica de direção como a de um rio, sucessão de momentos orientados entre um antes e um depois, uma

espera e um cumprimento, uma possibilidade e uma realização. É a qualidade do cuidado com a vida que transforma os fatos em acontecimentos e possibilita a história orientada de acordo com o princípio e o fim. A espiritualidade é a mola propulsora da realização de sentido da vida, porque contempla as buscas mais profundas do ser humano.

A resiliência vislumbrada como um potencial espiritual, que, inevitavelmente, todos trazem consigo, podendo variar de pessoa para pessoa e das condições da existência, deve ser desenvolvida. Para Freitas (2018, apud CRUZ e AQUINO 2020, p. 60) a resiliência compreendida como poder de resistência ou força desafiadora do espírito é decorrente do movimento que nos faz sair de uma posição de conforto, atraídos por um sentido a realizar e um valor a ser concretizado. Todos a têm como potencial que deve ser desenvolvido sem menosprezar as próprias capacidades, pois toda pessoa é mais forte do que pensa.

Conforme Assis (2006, p. 106), a vivência da religião e a participação na Igreja são fatores de proteção, pois ajudam a aceitar e assumir as adversidades inevitáveis e a lutar com esperança por uma transformação.

Grunspum (2005) defende que a espiritualidade permite à pes-

soa a superação de crises e até o crescimento com as adversidades, uma vez que o sentimento de não contar apenas com a força humana e ter confiança na presença divina a tornam segura e impulsionada por essa força superior. Crer, acreditar e perdoar em nome de Deus são fatores de proteção para aquisição da resiliência. Compartilhar valores em família, fundamentados em uma moral e ética favorecem o bem-estar e a tradição sociocultural. O autor destaca a importância do tempo compartilhado em família para a oração e as celebrações religiosas entre outras atividades.

Vanistendael (2005 apud ROCCA 2008), ressalta as correlações positivas entre a fé religiosa e a resiliência apontadas nas pesquisas, sugerindo prudência nas afirmações desse correlato, especialmente quando se tratar do que ele chama de *sectária*, que não deve ser identificada com as religiões não oficiais, mas indução à violência contra si ou contra os outros. Esse posicionamento não pode ser considerado promotor de resiliência, o que é, necessariamente processo de crescimento e defesa da vida. Diante de um acontecimento traumático trocar a pergunta: “por que isso me aconteceu?” que diz respeito ao passado por: “para que isso me aconteceu?” que aponta para o futuro,

remete à busca do sentido e ajuda a narrar o acontecimento e talvez esclarecer a verdadeira origem da situação dolorosa. A resposta ao “para que isso me aconteceu?” pode ajudar a descobrir na vivência da dor um novo sentido pela fé em Deus, assim como desenvolver um compromisso construtivo. Quando isso acontece, no dizer poético de Vanistendael: “Mais de uma pérola se formou ao redor de uma ferida, como na ostra”. (apud ROCCA 2008).

A psicologia demonstra que não é possível apagar as situações traumáticas, alguns vestígios permanecem, mas pode-se buscar um sentido para a dor e uma nova forma viver mais suportável e mais sensata. Nas palavras de Perosa e Pucci,

na vida, tudo o que não se resolve, se repete. Não necessariamente da mesma maneira, mas em situações em que se revive as mesmas sensações, sentimentos ou pensamentos [...]. O que a gente vive e não sabe o que é, volta muitas vezes de outra maneira para que se tenha a oportunidade de compreender como a situação foi vivida. (2018, p. 57)

Rocca (2015), afirma que se para algumas pessoas, ter ou reconstruir um vínculo positivo com a vida é algo quase intuitivo, para outras, é necessária a presença

afetiva e efetiva dos familiares e amigos, bem como o engajamento nos serviços a outras pessoas.

A autora recorda que que muitos depoimentos de pessoas escutadas não apenas em casos de perdas graves ou doenças, mas em outras que parecem ser irreversíveis, afirmam que só uma forte experiência de amor, humano ou divino, conseguiu dar-lhes novamente uma razão para continuarem lutando pela vida. Em pessoas religiosas as perguntas “por que e para que” brotam naturalmente do contato com o sofrimento e são dirigidas a Deus, levando-as à busca de valores ou sentidos que são necessários para assumir e aceitar os sofrimentos que não se pode evitar.

Do ponto de vista da resiliência é questionada a legitimidade de algumas ações escolhidas como sobrevivência a partir da referência dupla: o bem-estar próprio e bem-estar do outro. Por isso, não é considerada resiliente a pessoa que resolve seus problemas mediante corrupção, engano ou violência, porque ela estaria prejudicando o outro. É necessário analisar os valores defendidos pelas religiões e o risco de fundamentalismo que não considera os parâmetros relacionados ao bem-estar próprio e do outro.

Nessa perspectiva a temática do perdão vinculada à atitude ética, psicológica e da memória é tratada como oportunidade para transitar com liberdade nos labirintos da adversidade. Não se trata de uma desculpa para o sofrimento, dano ou ofensa recebida. O perdão é uma atitude que brota da decisão da pessoa afetada, que não pressupõe apenas sentimentos positivos em relação ao agressor, mas compreende que não necessita permitir que o mal tenha poder de colocar restrições em sua vida e sair vencedor. A vivência do perdão é possibilidade de crescimento tanto para quem dá como para quem o aceita. O perdão é condição de liberdade para tecer um futuro sadio.

Para Brandão (2019) encontrar fatores de resiliência é um dos objetivos da investigação sobre o tema desde a primeira fase dos estudos, que ainda permanece, embora se saiba que seus efeitos para os resultados de resiliência são muito menos diretos do que se pensava. Cada fator específico, identificado como de risco ou proteção, explica apenas uma parte do processo. Os fatores preditivos de resiliência parecem variar muito de situação para situação, dependendo das características dos sujeitos, dos contextos em que estão inseridos e do tipo de adver-

sidade a ser enfrentada. A lista de fatores de resiliência, por ser vasta e variável, permanece um desafio no campo de estudos.

A autora retoma uma metáfora usada por Anthony (1987) que se configura como um convite para que se tenha atenção ao analisar os dados relativos aos efeitos dos eventos estressantes. A analogia das três bonecas, feitas de matérias diferentes que ao serem atingidas por um martelo, apresentam diferentes resultados. A primeira boneca, de vidro, ao ser atingida pelo martelo se quebra irremediavelmente. A segunda boneca, de plástico, sofre o impacto e fica marcada. A terceira boneca, de aço, apenas emite um som ao ser atingida e não se deixa abalar. Outras analogias podem ser acrescentadas. Uma boneca de borracha, se atingida, poderia ser amassada, mas retomaria suas feições originais. Aqui, mais algumas perguntas podem ser colocadas. Qual é o “material” de cada um dos leitores, dos interlocutores da nossa missão? Por quais “martelos” cada um está sendo impactado?

Considerações finais

Na perspectiva de permanente constituição do humano, não há um jeito próprio e mensurável de ser, a consciência de inacabamen-

to perpassa todos os processos e relações da pessoa. Não há um modo único de pertença ou integração. Viver nessa perspectiva é estar em perpétuo deslocamento, é habitar um mundo que não nos acolhe na totalidade, nem nos oferece garantias de segurança. A experiência de desabrigo pode configurar-se como condição de liberdade para o ser humano em relação a referência de valores, atitudes, desejos, conceitos, símbolos, ideias e significados, ocupando-se de determinadas tarefas em detrimento de outras.

É a própria história de vida que vai compondo um cenário em que o sentido se mostra ou se esconde a partir da relação que a pessoa passa a manter consigo mesma, com o outro e com o mundo. e é por isso que não dá para desvincular homem de mundo como propunha a Metafísica (termo usado por Heidegger para se referir ao modo de pensar ocidental). O ser humano é um todo que se constitui de um dinamismo marcado pelo passado, presente e futuro numa relação de integração. Uma história que vai tendo sentido a partir de uma construção circular (não homogênea e linear), a partir dos confrontos, dos enfrentamentos, dos encontros e desencontros, encantos e desencantos, na dramaticidade contida na existência humana.

Considerando que vivemos a era da globalização, da tecnologia, da produtividade, da máxima eficiência, da "qualidade total", da competitividade, como compreender a tarefa de cuidar de ser? Como compreender o limite, a fragilidade, as adversidades, a dor, o sofrimento? Como aproximar-nos da nossa condição de humanos, inacabados e mortais?

Entre tantos modos, cuidar de ser no mundo, ser religiosa/o

consagrada/o, ser/estar resiliente implica na aproximação, aceitação e ressignificação da dor que aparece nas suas expressões de tristeza e fazem parte da vida. Compreender a diferença entre dor (tristeza, pesar, infortúnios) e sofrimento (ressentimento, frustração e revolta) nos permite buscar encaminhamentos distintos, porque o modo como a dor afeta a pessoa pode ou não mobilizar a possibilidade de transformação.

Para conversar em comunidade:

A compreensão da resiliência como a capacidade de uma pessoa ou grupo enfrentar as adversidades, conseguir transformá-las e serem transformados por elas, nos remetem a algumas interrogações:

- O que possibilita a algumas pessoas superarem seus infortúnios de forma que este não as paralise e não impeçam o desenvolvimento?
- Como promover condutas mais saudáveis e prevenir adoecimento e mal-estares decorrentes de situações de sofrimento?
- O que faz com que algumas pessoas, mesmo tendo sido submetidas a processos de desumanização, resistam aos desafios, assumindo uma nova dinâmica de vida?
- Quais condutas estão implicadas nessa “arte de navegar nas torrentes”?

Referências

- ALVES, H.; MENDONÇA, Z. Plantão Psicanalítico: Criatividade e mudança de paradigma na Escuta e Setting, na pandemia de COVID-19. In: **Criatividade, novas nuances teóricas na perspectiva da filosofia e da psicologia**. São Paulo: Editora Gênio Criador, 2022, p. 156-179.
- ALONSO, I. et al. Sentido de humor, bem-estar subjetivo e competências de coping desportivo em atletas. **Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental**, Especial 8, jan. 2021, p. 9-14.
- ALMEIDA, C. L. O Cotidiano. **Revista de Educação AEC**, Brasília, v. 29, n. 117, 2000. p. 7-12.
- AMADO, A. C. et al. Resiliência e escolarização na perspectiva Bioecológica: um ensaio teórico. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 3, , mar. 2021, p. 27695-27713.
- AQUINO, T. A.; CRUZ, J. S. Espiritualidade e resiliência: relevância e implicações no pensamento frankliano. **REVER**. São Paulo. v. 20. n. 2, maio/ago 2020.
- ASSIS, S. G.; PESCE, R. P.; AVANCI, J. Q. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescente. Porto alegre: Artmed, 2006.
- BRANDÃO, J. M. **Resiliência**: de que se trata? O conceito e suas imprecisões. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.
- BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; Gianordoli-Nascimento, I. F. **Resiliência em Psicologia**. 2011.
- BRASIL, T. L. **Promoção de resiliência em alunos do curso de pedagogia da UFPE**: uma análise do Programa Adulto: resiliência ao longo da vida. 206 f. Mestrado em Educação – UFPE, 2015.
- CHEQUINI, M. C. M. A relevância da espiritualidade no processo de resiliência. **Psic. Rev.** São Paulo, v. 16, n. 1-2, p. 93-117, 2007.
- CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido**: a respeito da fenomenologia. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 11-14.
- CYRULNIK, B. **Resiliência**: essa inaudita capacidade de construção humana. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. São Paulo. Martins Fontes, 2004.
- CYRULNIK, B. et al. **El Realismo de la esperanza**: testimonios de experiencias profesionales en torno a la resiliencia. Barcelona: Gedisa, S. A., 2004b.
- DICK, H. **O divino no jovem**: elementos teologais para a evangelização da cultura juvenil. Porto Alegre: Instituto de Pastoral da Juventude; Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006.

- DUARTE, P. A.; WINOGRAD, M.; KLIER N. Cyrulnik e seu pioneirismo na articulação entre o conceito de resiliência e a teoria psicanalítica. **Quadernos de Psicologia**, v. 24, n. 1.
- FELJOO, A. M. L. C. Dor, sofrimento e escuta clínica. *Arquivos do IPUB*, v. 1, n. 1, p. 22-34, jan./abr. 2019.
- GAWENDO, A. F. **Era uma vez...** A existência à luz de histórias. 2001. 166 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo -SP.
- GROTBERG, E. In: MELILLO, A, OJEDA, E. S. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 4. ed. Rio de Janeiro - RJ: Vozes, 1996. v. 2.
- MELILLO, A. Realidad social, psicoanálisis y resiliencia. In: MELILLO, A.; SUÁREZ OJEDA, E. N.; RODRÍGUEZ D. (Comp.). **Resiliencia y subjetividad**. Los ciclos de la vida. Buenos Aires: Paidós, 2004. p. 63-75.
- MARGAÇA C.; RODRIGUES D. Espiritualidade e resiliência na adultez e velhice: uma revisão. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 31, n. 2, p. 150-157, maio/ago. 2019. Doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i2/5690>.
- MIGUEL, F. K. et al. Estudos de validade do questionário online de empatia temas em psicologia. **Trends Psychol.**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 2203-2216, dez./2018.
- PEROSA, M. A. Y.; PUCCI, D. Histórias de uma supervisão: exercícios de compreensão clínica daseisanalítica. São Paulo: Escuta, 2018.
- POMPÉIA, J. A. A. A história dos desejos: in **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, nº 10, p. 5-16, 2001.
- POMPÉIA, J. A. A. Arte e existência. **Revista da Associação Brasileira de Daseinsanalyse**, São Paulo, n. 8, p. 42-51, 1997.
- POMPEIA, J. A.; SAPIENZA, T. B. **Os dois nascimentos do homem**: escritos sobre terapia e educação na era da técnica. Rio de Janeiro: Ed. Viaverita, 2011.
- ROCCA L. S. M. Resiliência: um novo paradigma que desafia a reflexão e a prática pastoral. **Revista do Departamento de Teologia da PUC-Rio / Brasil**. Atualidade Teológica. Ano XII, n. 28, jan./abr. 2008.
- ROCCA L. S. M. **Resiliência, espiritualidade e juventude**, 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2015.
- VANISTENDAEL, S. La infancia en el mundo: familia y resiliencia en el niño. Montevideo: **Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE**, v. 5, n. 3, p. 1-55, 1994.
- VANISTENDAEL, S. Cómo crecer superando los percances: resiliencia, capitalizar las fuerzas del individuo. Ginebra: **Oficina Internacional Católica de la Infancia - BICE**, 1.

A EXPERIÊNCIA DO CUIDADO EM PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO COM AGENTES DE PASTORAIS SOCIAIS NA ARQUIDIOCESE DE VITÓRIA/ES

Ir. Izabete Dal Farra, cic¹

Resumo: O texto relata uma experiência de “cuidado humano,” vivenciada com cento e noventa e cinco Agentes das Pastorais Sociais da Arquidiocese de Vitória, ES. O objetivo era criar condições, através da formação humana integral para atualizar as forças vitais dos participantes, sobretudo, a força vital do amor nas decisões cotidianas de abertura ao outro. O caminho foi o da aprendizagem de meios específicos para administrar as emoções/frustrações e o cansaço, assumindo, por decisão pessoal, tomar seu lugar no grupo com novo sopro de vida, a fim de continuar a evangelizar humanizando, e humanizar evangelizando em sinodalidade.

Palavras-chave: Decisão; Cuidado; Abertura; Autonomia psíquica.

¹ Religiosa da Imaculada Conceição de Castres (Irmãs Azuis). Graduada em Letras/Pedagogia Coordena o Grupo Inter Congregacional de Humanização/Br. – Endereço para contato: dalfarracic@yahoo.fr

Introdução

A iniciativa do encontro de *espiritualidade do cuidado humano*, veio do grupo de apoio dos agentes das Pastorais Sociais da Arquidiocese de Vitória que percebeu a urgência mútua de se cuidar, buscando fortalecer os agentes pastorais, com novo ardor e novos métodos. Nesta perspectiva, foram feitos vários encontros para alargar a representação, buscando juntos, face aos desafios, o objetivo que o grupo buscava: “Fortalecer a confiança na abertura e cuidado da pessoa, para crescer na autonomia e assumir o meu lugar em Igreja sinodal.”

Conscientes das feridas provocadas pela pandemia da Covid19, dores das perdas na realidade de violência atual, buscava-se ajudar as pessoas para uma tomada de decisão, em autonomia psíquica, para o cuidado, pois que são lideranças que se doam no cuidado social dos outros. Como na Casa Comum, também na pessoa humana, “tudo está interligado”, tanto nas forças vitais humanas quanto nas armadilhas que impedem a abertura na autonomia psíquica, no processo de desenvolvimento humano, para crescer no amor; a fim de “tecer palhas” (SILVA, 2023) nas relações sinodais. Partilhou-se assim a experiência do

cuidado, numa decisão de “olhar o outro como pessoa e não como um objeto” (DESMARAI, 2002), em quatro momentos: na abertura em preparação da terra; no lançar as sementes da autonomia psíquica; na tomada de decisão e, por fim para concluir, alguns frutos no agir transformador.

Preparar a terra para alargar a representação.

“Cuide-se!” Era sempre a última palavra que dona Adélia, minha saudosa Mãe, me dizia na despedida das férias ao voltar em Missão. Realmente, a “experiência do cuidado” é uma urgência de vida, base de nossa vida de Fé, Esperança e Caridade.

Esta experiência do cuidado humano, como processo de humanização, que durou um ano, começando com a preparação da terra, num objetivo comum. É importante lembrar que o “Grupo Intercongregacional de humanização”² foi quem conduziu a experiência em Santa Isabel, com base na *Formação Humana Integral pela abordagem das Forças Vitais Hu-*

² O Grupo Inter Congregacional de Humanização é composto por Religiosas de diferentes Congregações, Ex-alunos do Instituto de Formação Humana Integral de Montréal, Canadá (IFHIM) que decidiram trabalhar juntas para ajudar o povo brasileiro através da abordagem das Forças Vitais Humanas.

manas. A escuta da pessoa, nas Forças Vitais Humanas, foi a chave do processo. Como foi a preparação da terra?

Maio 2022. Aconteceu a primeira tarde de espiritualidade com trinta coordenadores das pastorais sociais em Ponta Formosa, em Vitória. A participação ativa e engajada dos agentes possibilitou criar confiança e tecer laços num diálogo livre e profundo. Não foi por acaso, que escutei alguém do grupo dizer no final do encontro de maio 2022: “Você é a mãe do fórum social!” Estávamos nos apresentando para nos conhecer, quando percebi que alguém não se apresentou. Pedimos então à senhora para se apresentar. Ela nos disse apenas: “Eu sou mãe dela!” Foi esta frase - eu sou mãe dela - tão profunda de sentido que nos acompanhou naquela tarde em que íamos aprofundar a Espiritualidade Mariana: Como vivenciar o cuidado a partir da maternidade de Maria? Maria colaborou de forma singular na obra da salvação. Maria é a Mãe de Deus no Verbo encarnado. Ela é a mãe de toda a humanidade. É neste cuidado materno de Maria, no valor feminino de sua personalidade humana, que Maria, na sua liberdade humana, responde por uma decisão: disponibilidade total e fiel aos desígnios de Deus sobre a pessoa e os povos.

A maternidade ou paternidade responsável, nos conduz no caminho da abertura no cuidado que vai além da relação de reciprocidade entre o casal. Agora, o amor se alarga e o centro será o outro, o filho ou a filha. Amor que se alarga ainda mais quando este filho é um desconhecido, uma pessoa qualquer, um desconhecido ao qual se é capaz de olhar e acolhê-lo como pessoa.

Neste primeiro encontro, a equipe esperava cem coordenadores. Só vieram trinta. A frustração se lia no rosto e nas palavras, pois sentiam-se decepcionadas por não ter atingido o objetivo que buscavam. “Onde estão os que tanto se doaram para cuidar das pessoas durante a pandemia?” Era a pergunta que todos se faziam. Os participantes foram convidados a sair em missão, a visitar, convidar e buscar os outros coordenadores que, talvez, estivessem cansados e não vieram ao encontro. Como cuidar dos cuidadores, daquele que já não tem mais força de cuidar do outro?

Outubro. A preparação da terra continuou com o retiro na Serra. Estiveram presentes 87 agentes de pastoral, para o cuidado do corpo e da alma. O local escolhido foi ideal: um bosque em contacto com a natureza. Isto favoreceu a oração e a gratuidade do ar, rece-

bido de Deus, nosso sopro de vida plena. A multiplicação continuava nas ações.

Novembro. Organizamos um encontro por uma plataforma digital para quarenta pessoas, com uma profissional do “Instituto de Formação Humana Integral de Montréal”; Marie-Marcelle Desmarais animou o encontro com o grupo de “Construtores de pontes de paz”, do qual alguns agentes das Pastorais Sociais também participaram. Foi um momento chave que ajudou a sair da armadilha da divisão e do medo no qual o povo brasileiro passava no período pós-eleitoral. Ela ajudou a todos, agentes e animadores, a não se deixar vencer pelo medo da divisão. A força vital do amor, atualizada em atos, nos une todos numa mesma visão, superando as diferentes armadilhas internas e externas, que nos ameaçam paralisando nosso agir. O amor ao povo caído na beira do caminho nos relança a criar novas possibilidades de ajuda, alargando o espaço da criatividade, tomando nosso lugar para evangelizar humanizando e humanizar evangelizando.

Março 2023. Qual não foi a nossa surpresa, quando acolhemos o convite de mais um encontro desta vez de quinze horas, para duzentas pessoas? Na ver-

dade, chegaram cento e noventa e cinco agentes em Santa Isabel, onde tivemos a possibilidade de trabalhar junto com mais três Irmãs – Ana Mary Neves, Dalva Maria Areia e Iranildes dos Santos - de diferentes congregações religiosas, membros de nosso grupo de humanização. O Bispo Dom Dario Campos esteve um dia conosco sentando-se na roda para escutar o trabalho vivenciado e deixar ao grupo sua mensagem de cuidado pastoral. O mesmo aconteceu com o Padre Kelder José Brandão Figueira, vigário episcopal. Também tivemos a presença cuidadora da equipe de apoio coordenada por Elizabeth Regina Lopes.

Envolvidos na preparação, as pastorais sociais já estavam em movimento de discernimento. Como se deu concretamente este discernir?

Lançar as sementes para entrar na autonomia psíquica

Partindo do objetivo construído com a comissão de apoio, iniciamos o processo de discernimento convidando-os a observar nossa realidade a fim de discernir e recolher as alegrias e os desafios das ações vivenciados nas diferentes pastorais. Para tal, foram

lembradas as primeiras sementes para entrar na autonomia que cada um escreveu na ficha de inscrição.

Chegando em Santa Isabel, pudemos contemplar uma “nova estação vocacional”, por meio de uma via-sacra, em contato com o ar puro de uma noite escura, no campo de futebol. Partilhamos neste primeiro momento somente as alegrias, pois os desafios os motivaram a buscar novas possibilidades, com novo olhar.

A **Pastoral carcerária/Aids** saboreou o conforto e a alegria de levar a palavra, encontrar Jesus no outro que está preso, visitá-lo, dar o conforto e a esperança que renasce do encontro, num sorriso, sem julgamento ou cobrança.

A **Pastoral do Povo da Rua** percebeu que está presente na vida do próximo, do desconhecido, fazendo pontes, criando novos vínculos com as famílias, envolvendo num laço renovado de esperança, que os enche de felicidade, encontraram com o Cristo caído que espera ajuda.

A **Pastoral da Pessoa Idosa e da Saúde**, superando desafios, apresentou os encontros que foram luminosos, com abertura e docilidade da parte das pessoas idosas e doentes que esperam com ansiedade por este momento de reconforto, de festa. A experiência

do encontro entre gerações – que ajuda a respeitar e aproveitar os valores da integração - revelou a profundidade da transmissão de valores e conhecimento das tradições familiares.

A **Pastoral da Criança e do Menor** relatou a alegria do servir ao próximo num gesto voluntário, de levar e ser uma presença de amor e de esperança, de tocar a vida familiar que se abre para nos acolher, celebrar a vida e encontrar as crianças que nos revelam a alegria do Evangelho e nos animam com o seu sorriso.

A **Pastoral Operária** e da **Juventude** contou as alegrias que alimentam a profecia do engajamento, o servir os menores deste mundo que nos coloca nos passos de Jesus que amou até o fim. Estão felizes em observar o desenvolvimento das crianças e dos jovens que buscam salvar vidas, proporcionar melhor qualidade de vida na justiça e na paz. Percebemos que estamos a seguir Jesus, superando os obstáculos e servindo nos seus gestos e atitudes.

A **Pastoral Migratória** e da **Mulher** afirmou que a maior alegria vivenciada é o espaço concreto de diálogo, uma comunicação que se articula e partilha saberes e práticas, construindo ações em sintonia com a realidade. Estar a

serviço da pessoa, inspirada nos valores evangélicos, nos renova numa constante missão, buscando maior cuidado das mulheres.

A **Pastoral da Ecologia** e dos **Pescadores** afirmou que as alegrias estão no servir voluntário, no contato com a natureza cuidando das criaturas. Um desenvolvimento pessoal e social na partilha multicultural e atividades humanitárias de grande cuidado da casa comum, na integração entre justiça social e da ecologia humana integral, semeando paz no coração humano.

Os grupos **Paz e Pão** e **Justiça e Paz** contaram as alegrias vivenciadas no combate à fome ao levar as pessoas a passar de assistidos a autônomos, inserindo-as com cuidado nas ações do governo, com informação das políticas públicas. Distribuir o pão da dignidade é uma experiência única e permanente em nossos corações, onde buscamos ser cada vez mais agentes de paz na escuta da pessoa e, não somente entregar o pão.

Como é que articulamos toda esta riqueza com as cento e noventa e cinco novas pessoas, que participaram do último encontro, em Santa Isabel em março de 2023, onde cada uma pode tomar seu lugar e expressar o vivenciado, aquilo que é fonte de alegria,

por ter realizado uma ajuda no concreto atingindo o objetivo buscado?

Tomada de decisão: como agir para superar as armadilhas?

Durante todo o processo, as pessoas foram conduzidas na tomada de decisão a fim de se envolverem com abertura no cuidado uns dos outros. O fato de nomear e aprofundar escutando as experiências de alegria onde cada um se dispôs a ajudar o outro, foi uma chave para criar confiança e empoderar as pessoas, que vendo sua capacidade de agir, expressaram a alegria de terem atingido o objetivo pelo qual se dispuseram a servir numa pastoral específica.

O desafio era viver o tempo na harmonia e com leveza. Precisávamos criar condições para o cuidado, dando um alimento sólido, constante e regularidade. Cada pessoa precisava se sentir acolhida e ter o tempo necessário para falar o que vivenciou. E, ao ser escutada, pudesse vivenciar a importância do que fez e identificar em suas ações, sua capacidade de ajudar o outro com um amor de reciprocidade, numa confiança profunda, nos gestos de gratuidade, nas escolhas de doação sem fronteiras.

Percebemos que, na medida em que iam escutando as descobertas de uns e de outros, percebiam a capacidade de superação, de resiliência, de persistência para não perder de vista a pessoa do outro. Assim começaram a ver as alegrias de superar os obstáculos, a perceber que todos estão buscando a dignidade da pessoa em diferentes fragilidades da vida, em nível pessoal, familiar e social.

Outro momento forte foi a noite da comunhão das pastorais. Ela veio reforçar o engajamento e as alegrias vivenciadas no cuidado do outro. Ao mesmo tempo que eram cuidados, eles se viam cuidando uns dos outros, em gestos bem concretos que exalam o fino perfume o amor. O fato de tomar consciência de sua capacidade de amar na confiança, olhando o outro como pessoa, ajudou-os a evitar a armadilha da fragmentação, da comparação e da competição entre as pastorais, sem falar da necessidade de alguns de serem reconhecidos e valorizados pelo padre, pela autoridade!

Libânio fala dos “empecilhos do cuidado”, quando a pessoa, no início da vida, como também nas diversas circunstâncias difíceis, teve este cuidado existencial da mãe, negado, machucado. O sair de nós, a abertura para o outro, produz felicidade e vai crescendo

nas decisões que vamos aprendendo em família, sobretudo com os pais. Ele confirma assim, a experiência vivenciada pelo grupo quando diz:

Necessitamos passar pela terapia do cuidado para despertar-nos para o movimento primeiro da existência e assim, tornarmos capazes de cuidar de nós e dos outros. Há um voltar-nos sobre nós mesmos, fechando-nos que não significa nenhum real cuidado, mas incapacidade de sairmos de nós e de amar. Por sua vez há um sair de nós’ que se traduz cuidado, já que nele encontramos, felicidade, alegria e tranquilidade. (LIBÂNIO, 2015, p. 112-113).

Durante o encontro, foi previsto viver quatro dinâmicas em níveis de relação:

- a) *Em duplas*, onde partilhavam a experiência vivenciada de fazer algo para o outro, com o objetivo de cuidar, num gesto de confiança recíproca. Cada pessoa pôde expressar sua experiência e ser escutado com interesse, valorizando a importância deste agir que tocou o coração tanto do que fez, como do que recebeu.
- b) *Em grupos de dez*, sob o olhar de líder cuidador que fazia circular a palavra, criando-lhe para cada um as condições de confiança para ser acolhido, tomar

o seu lugar na família, onde todos acolhiam o que cada pessoa descobriu de si mesmo, no fato de ter tomada uma decisão de servir, valorizava a pessoa ajudada e sobretudo, a motivação que o levou a agir, desenvolvendo na pessoa o potencial de vida escondido. Em seguida, as pessoas se reuniam novamente em outro espaço com a facilitadora, num grupo maior.

- c) *Em grupos de 50 pessoas.* Acompanhados por uma facilitadora foram aprofundando na interação, com meios próprios para a gestão das emoções, segundo o que cada pessoa precisava. O conceito de “gestão corporal, com movimentos específicos de contração e descontração muscular” (BEAUCHAMPS, 1995), foi vivenciado juntos, possibilitando abrir espaço interior, deixando vir à tona o verdadeiro que brota das entranhas nas palavras, lágrimas, silêncios, curiosidade... Este cuidado, com intervenções pontuais, como sementes lançadas em terra boa, foi fundamental para situar cada pessoa em suas forças vitais humanas e poder assim, dar o salto de uma tomada de decisão livre, autônoma e responsável, para si, sem esquecer de abrir-se ao outro. Após, todos se reuniam no salão.

- d) *O Povo de Deus em Pastoral.* A Formadora principal acolheu cada um/a em suas descobertas, como num movimento que se derramava como a água corrente e límpida de um rio que se desemboca no mar. Neste momento, as pessoas que tomavam a palavra testemunhavam transformações vivenciadas que brotava do coração, comovendo a todos/as. Cada um/a tinha seu tempo e seu lugar.

Vejamos um exemplo concreto:

Durante o encontro, uma senhora recebeu de uma amiga um telefonema informando a perda da mãe. Ela começou a chorar e queria imediatamente sair da sala para falar com a amiga. A facilitadora convidou-a, a primeiro, administrar a emoção que o fato provocou nela. Ela aceitou e todo o grupo se uniu a ela nesta experiência de “gestão corporal” específica. No final testemunhou que o fato de cuidar primeiro de sua própria emoção foi importante e possibilitou tomar a distância necessária para acolher e gerir a dor, entregando a vida de quem partiu, mesmo continuando a sentir uma profunda dor no coração. Isto lhe permitiu escutar sua amiga de outra maneira, ajudando-a a acolher a vida na morte. A mudança foi luz no grupo.

A descoberta da própria energia colocou os participantes em

movimento para controlar a energia que amarra a liberdade ou a superficialidade da energia móvel que nos leva a reagir rapidamente, sem sentido nem direção, de forma apenas reacional. Este é um dos maiores empecilhos no cuidado do outro. Precisamos aprender a discernir os movimentos interiores e as atitudes externas, a somatização de nossas frustrações, raivas e acolhê-los para descarregar aquilo que não ajuda a viver bem consigo e com os outros. Entrar no caminho da autonomia tomando o próprio lugar na força do amor, na abertura por decisão, foi fundamental. Cada um, livremente, pode escolher o que dá sentido ao que quer vivenciar no cotidiano da vida. É um caminho inovador de leveza no cuidado do outro, sem esquecer de si, tal como nos apresenta Guindon (2001), buscando construir a autonomia psíquica nas diferentes fases da vida.

Para ajudar a crescer na abertura, uma vez que já tinham partilhado muitas experiências, a formadora propôs uma mudança de facilitadora nas diferentes famílias. Todos reclamaram manifestando frustração face a uma mudança inesperada que levava ao encontro de alguém desconhecido. No primeiro momento, não gostaram da ideia, mas, por decisão, escolheram sair de si e ir ao encontro desta pessoa desconhe-

cida, para abrir o coração e alargar a maneira de viver a missão. Foi uma linda experiência que os encantou, na tomada de consciência do cuidado de todas as pessoas no seu crescimento em abertura sinodal.

Não podemos deixar de falar do último momento forte, que foi a experiência de fraternidade universal. Um grupo de diferentes países do mundo, ligados ao Instituto de Montréal, sabendo que estávamos reunidos, enviaram uma mensagem através de um canto que foi projetado. Cada um em sua casa, na harmonia universal cantava: “Cuidar/Humanizar é nossa Missão!” Foi a experiência de um mundo conectado, num mesmo amor sem fronteiras. Cada um dos presentes também pôde partilhar uma experiência onde foi capaz de superar uma fronteira. Como foi lindo escutar tanto amor em atos, que não são anunciados em Jornais, TV ou Redes Sociais. Somente quem viveu a experiência pode se deixar tocar por este olhar transformador.

Frutos: transformações pessoais em Pastoral de Conjunto

Caminhar em Pastoral de conjunto, acolhendo a riqueza do diferente na continuidade do cuidado do outro e de si mesmo na

Missão, pode ser considerado o mais saboroso dos frutos. Eis alguns fatos escutados no final do encontro que falavam das mudanças vivenciadas pelas pessoas:

- “A dinâmica da partilha, em duplas, em famílias e em pastoral, como foi vivenciado eu nunca vi”, falou uma senhora da Igreja Luterana. Disse ela: “Eu vivi a espiritualidade do cuidado no meu corpo!”;
- Outra senhora afirmou: “Sinto uma Ressurreição interna, estou muito feliz. Um novo sopro de vida me habita. Um dinamismo novo para evangelizar cuidando das pessoas e de toda a humanidade!”
- Um jovem disse: “A animação foi espontânea, vocês colocaram todas as Pastorais no mesmo barco. Obrigado!”

Agir em pastoral de conjunto foi um sinal que o fim do encontro lançou o grupo no caminho de novas transformações, neste tempo de sinodalidade. Para isso, começamos com uma dinâmica em duplas, passando depois pelas famílias e, no final, no grande salão da pastoral social, foi assumido por todos uma série de compromissos transformadores bem concretos:

- **Organizar encontros** semelhantes a este nas Paróquias, para cuidar das pessoas, mas também para os Padres, os Seminaristas e rever o caminho de humanização dos Jovens em Formação para a VRC;
- **Construir um Projeto estratégico de Formação continuada** para os Agentes que se multiplique na base, em nossas Pastorais Sociais.
- **Programar um outro encontro em 2024**, com este “Grupo Intercongregacional de humanização” neste mesmo local.

O rosto radiante das cento e noventa e cinco pessoas que viveram esta experiência do cuidado e a avaliação escrita feita ao longo do processo confirmam que o tempo a ela dedicado foi fecundo, renovando o dinamismo interior, como “...um fogo que arde sem se consumir” e, fortalecidos como pessoas, se levantam e,” saem apressadamente...” como Maria levando gestos de cuidado nos encontros da vida.

Na final da missa de envio entregamos um cajado para cada pastoral que partiu determinada a evangelizar humanizando e humanizar evangelizando!

Para dialogar em comunidade:

- Sou capaz de deixar algo do que é *meu* para me abrir ao outro, colocando-o no centro de meus cuidados, de minha atenção?
- Que tempo reservo ao lazer (individual e comunitário), para o cuidado de meu cansaço, de minhas frustrações e dores a fim de estar em condição de cuidar do outro?
- Como é que vivo a autonomia psíquica na tomada de decisões?

Referências

- ALAIN, Julien. Un processus de Formation Humaine Integrale. **Sans frontières**. v. 6, n. 2, p. 3-27.
- BEAUCHAMP, Rita. Hostilité et Objet affectif. **Sans frontières**. V. 12, n. 1, 1995, p. 3-12.
- DESMARAIS, Marie Marcelle. L'actualisation des Forces Vitales Humaines, um Chemin de developement social. **Église Canadienne**, Quebec, v. 22, n. 240, 1989, p. 747-752.
- GUINDON, Jeannine. Vers l'Autonomie Psychique, de la naissance à la mort. Le processus thérapeutiques, **Sciences et Culture**, 2001, p. 2014-2032.
- LIBANIO, João Batista. **A ética do cuidado**. São Paulo: Paulus, 2015.



FORTALEZA/CE

30/05 A 02/06/ 2024

CONGRESSO:
70 ANOS DA

CRB NACIONAL

TEMA:

"MEMÓRIA, MÍSTICA, PROFECIA E ESPERANÇA "

LEMA: "Permanecci no meu amor". (Jo 15, 9)

VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA: UMA EXEGESE VIVA DA PALAVRA DE DEUS

Ir. Zuleica Aparecida Silvano, fsp¹

Resumo: O artigo propõe-se apresentar a “Animação Bíblica de toda Pastoral” (ABP), como uma das três etapas da relação entre Bíblia e Pastoral na América Latina. Após esses elementos históricos, serão elencadas as três dimensões da ABP, oferecidas pistas de ação para a Vida Religiosa Consagrada (VRC) e, por fim, elencados alguns desafios a serem enfrentados e atitudes a serem evitadas nessa relação entre a ABP e a VRC. Oxalá a Palavra de Deus possa ocupar, cada vez mais, a centralidade de nossa ação evangelizadora, sendo essa seiva que sustenta e alimenta toda a vida eclesial e de forma especial a VCR.

Palavras-chave: Animação Bíblica da Pastoral; Vida Religiosa Consagrada; Palavra de Deus.

Introdução

A Bíblia reúne o testemunho da experiência de um povo ou de comunidades que releem a sua história tendo como ponto de par-

tida o plano salvífico de Deus e de sua revelação em Jesus Cristo, a Palavra por excelência. O Concílio Vaticano II convocou toda a Igreja a voltar-se para a sua fonte primordial a Palavra de Deus.

¹ Irmã Paulina. Licenciada em Filosofia. Mestre e Doutora em Teologia. Professora na Faculdade Jesuíta (FAJE) de Belo Horizonte. Membro da Equipe de Assessoria Interdisciplinar da CRB Nacional. Endereço para contato: zuleica.silvano@paulinas.com.br.

Esse apelo marcou a Vida Religiosa Consagrada (VRC), sobretudo na América Latina, gerando um dinamismo em seu estilo de vida, na missão e nas relações fraternas, por meio de uma leitura e interpretação da Bíblia e da realidade. Não é exagero dizer, que toda congregação ou instituto, sem exceção, está baseado num personagem ou num texto bíblico, numa frase, ou em várias, sendo esses norteadores de sua caminhada, carisma e missão. Os fundadores e fundadoras também deixam claro que a regra fundamental dos institutos ou congregações é a Palavra de Deus e a sua centralidade é o Evangelho de Jesus Cristo, a Palavra Encarnada. De fato, a VRC, com seu seguimento de Jesus, é “uma ‘exegese’ viva da Palavra de Deus” (VD 83). Porém, na preparação da Assembleia Geral da CRB e na sua realização, percebeu-se que a Palavra de Deus foi perdendo a centralidade nas comunidades religiosas; nota-se também que a Bíblia é um tema secundário na formação inicial e permanente, e que o devocionismo, em algumas circunstâncias, substituiu a Leitura Orante ou o rezar com a Palavra de Deus. Verifica-se ainda a ausência da meditação ou de uma escuta mais profunda da Palavra de Deus nas reuniões, nos encontros e orações comunitários, nos

processos de discernimentos, nas decisões apostólicas, sendo considerados outros critérios, como o sociológico, psicológicos, antropológicos. Não que esses sejam pouco importantes, pelo contrário, trazem grandes contribuições, porém é necessária uma gramática para ler a vida, os caminhos do Espírito, para descobrir a ação salvífica na história pessoal, comunitária, social e congregacional. De fato, somente ouvindo a realidade e a Palavra é possível perceber o que Deus tem a dizer, como VRC. Portanto, este artigo visa responder as seguintes perguntas que emergem do contexto supramencionado: A Palavra de Deus é o eixo norteador da VRC, nas comunidades, congregações, nos discernimentos, nas decisões? O que a Animação Bíblica da vida eclesial pode oferecer para uma fidelidade à Palavra de Deus na VRC?

Animação Bíblica: do Concílio Vaticano II à *Verbum Domini*

A Animação Bíblica de toda Pastoral é uma forma de recepção da Constituição Dogmática *Dei Verbum*, sobretudo, do Capítulo VI, que aborda essa relação entre a Palavra de Deus e a vida eclesial. Essa Constituição é marca-

da por profundas transformações sociais, políticas, pastorais e eclesiais, ocorrida no final do século XIX, e pelo movimento bíblico incentivado por tríplice renovação no ambiente católico: a) da catequese; b) dos estudos patrísticos, e c) da liturgia (CARNIATO, 1999, p. 25; RETAMALES, 2014, p. 35). O evento do Concílio Vaticano II (11 de outubro de 1962 – 8 de dezembro de 1965), especialmente com a *Dei Verbum* (DV), promulgada pelo papa Paulo VI (1897-1978), em 18 de novembro de 1965, fez com que a Bíblia retomasse seu lugar na Igreja, como fonte e alma da vida cristã (DV 24-25), e resultou numa nova forma de fazer teologia e pastoral (RETAMALES, 2014, p. 57).

Naranjo Salazar (2009, p. 17) estabeleceu três etapas da relação entre Bíblia e vida eclesial: o Movimento Bíblico, a Pastoral Bíblica e a Animação Bíblica da Pastoral. O movimento bíblico, que em alguns países iniciou em 1940, mas foi intensificado logo após o Concílio Vaticano II, se caracterizava pela preocupação em tornar acessível o texto bíblico, por meio de traduções e edições da Bíblia, da distribuição dos Evangelhos, do Livros dos Salmos ou da Bíblia inteira. Isso se deu porque os católicos não tinham o hábito de ler a Bíblia. Nessa etapa, eram organizadas e promovidas as Se-

manas, as Missões Bíblicas ou o Domingo da Bíblia nas comunidades. Surgiram os Círculos Bíblicos e as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Havia também a preocupação de enfatizar o aspecto litúrgico-sacramental da Bíblia. No Brasil, surgiu o “Mês da Bíblia” (1971), inicialmente, como uma atividade restrita a algumas dioceses, mas que ao ser assumido pela CNBB, em 1985, se difundiu nacionalmente. (MEDINA; SILVANO, 2021).

A Pastoral Bíblica iniciou-se no Brasil em 1985, sendo caracterizada pela sistematização das atividades bíblicas, da promoção de cursos de formação e de uma adequada interpretação da Bíblia, com a finalidade de descobrir sua mensagem e aplicá-la na vida, incentivando uma atuação profética iluminada pela Palavra de Deus. Nessa etapa, houve o florescimento das entidades bíblicas e aquelas já existentes adquiriram um novo impulso. Floresceram também os Círculos Bíblicos, as escolas da fé e os grupos de reflexão bíblica. Foi incentivada a Leitura Popular da Bíblia e a formação de grupos para rezar por meio do método da Leitura Orante (*Lectio Divina*). Elaborou-se o “Ofício Divino das Comunidades”, como uma forma de popularizar e inculturar a Liturgia das Horas. Houve uma intensa publicação de

materiais e outros recursos para o estudo da Bíblia, como comentários e subsídios populares.

A VRC também foi desafiada a criar uma forma nova de reler as Escrituras, e acompanhou todo esse processo, passando de uma concepção de Movimento Bíblico, marcado pela divulgação e aquisição da Bíblia, do conhecimento das histórias bíblicas, para uma Pastoral Bíblica, caracterizada pelo estudo e atualização dos textos bíblicos. Foi nessa concepção que surgiu o Projeto Palavra Vida ou “Tua Palavra é Vida”, promovido pela CLAR e animado e traduzido pela CRB. Verificou-se a atuação de religiosos e religiosas nos Círculos Bíblicos; no resgate da leitura Orante nas casas de formação e nas comunidades; na elaboração e prática do Ofício Divino das Comunidades, em iniciar o Mês da Bíblia e em tantas outras iniciativas realizadas em e pelas nossas instituições.

A Animação Bíblica da Pastoral (ABP) surgiu em 2007, como uma forma de recepção dos documentos conciliares na América Latina, após um longo percurso, inspirado pelas reflexões das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano e Caribenha, de Medellín (1968) a Santo Domingo (1992). Ela nasceu da necessidade de uma centralidade

da Palavra na Igreja, de enfatizar o encontro com Jesus Cristo por meio da Palavra e da redescoberta de uma hermenêutica marcada pelo discipulado missionário. Esse processo culminou na V Conferência Episcopal, quando, pela primeira vez, num documento oficial da Igreja Católica da América Latina e Caribe, apareceu essa nomenclatura. Essa conferência ocorreu nos dias 13 a 31 de maio de 2007, em Aparecida - São Paulo, tendo como tema: “Discípulos missionários para que nele nossos povos tenham vida. ‘Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida’” (Jo 14,6). O centro de sua preocupação pastoral era a vida plena em Cristo, tanto do sujeito pessoal, discípulo missionário, como do sujeito comunitário, que se realiza na Igreja para o bem dos povos (RETAMALES, 2014, p. 69). A conferência se deixou guiar pela Palavra de Deus, e serviu-se dela como fundamento para os conteúdos teológicos e como inspiração para suas conclusões pastorais (RETAMALES, 2014, p. 70). Isso é constatado no documento com as conclusões da V Conferência Geral (DAP).

A Animação Bíblica da Pastoral é citada no n. 99, porém há um maior destaque no n. 248. Esse número está inserido no contexto teológico-espiritual das mediações para o encontro com

Jesus Cristo vivo (Dap 243-257), quando aborda o tema da Palavra revelada, contida na Escritura, como fonte de evangelização:

Os discípulos de Jesus desejam alimentar-se com o Pão da Palavra: querem chegar à interpretação adequada dos textos bíblicos, empregá-los como mediação de diálogo com Jesus Cristo, e a que sejam alma da própria evangelização e do anúncio de Jesus a todos. Por isso, a importância de uma “pastoral bíblica”, entendida como animação bíblica da pastoral, que seja escola de interpretação ou conhecimento da Palavra, de comunhão com Jesus ou oração com a Palavra, e de evangelização inculturada ou de proclamação da Palavra. Isso exige, da parte dos bispos, presbíteros, diáconos e ministros leigos da Palavra, uma aproximação da Sagrada Escritura que não seja só intelectual e instrumental, mas com coração “faminto de ouvir a Palavra do Senhor” (Am 8,11).

Para responder à exigência de uma Igreja em estado permanente de missão o documento segue um itinerário em quatro etapas (BRIGHENTI, 2007a, p. 322-323; BRIGHENTI, 2007 e LIBANIO, 2007). A primeira é a experiência pessoal de fé, ou seja, o encontro pessoal com Jesus Cristo. A Sagrada Escritura, a Liturgia, e os Sacramentos são indicados como lugares de encontro com Cristo

(Dap 246). Nesse sentido, fala-se em olhar a realidade com os olhos da fé por meio de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos sacramentos (Dap 19). Assim, os discípulos e discípulas recebem o chamado a ouvir os ensinamentos (Dap 121) e a serem obedientes à Palavra do Pai (Dap 133), a fim de produzir frutos de amor em abundância (Jo 15,1-17). Expressa também a busca dos cristãos e cristãs por encontrar-se com Jesus na escuta orante da Palavra, nos sacramentos (Dap 262) e na realidade (Dap 142). São citados alguns personagens bíblicos que foram favorecidos pelo seu encontro com Cristo: Nicodemos (Jo 3,1-21), a Samaritana (Jo 4,1-42); o cego de nascimento (Jo 9), e Zaqueu (Lc 19,1-10).

A Leitura Orante das Escrituras é considerada no documento de Aparecida a forma privilegiada de se aproximar da Palavra de Deus, e é apresentada com quatro passos (leitura, meditação, oração e contemplação), e vista como parte integrante da pastoral ordinária das comunidades (Dap 249). O texto incentiva a oração pessoal e comunitária (Dap 255) e acentua o papel fundamental da Bíblia nas celebrações dos sacramentos (Dap 262; 420).

A segunda etapa proposta no documento é a vivência comuni-

tária, na qual a pessoa batizada viverá a fé em comunhão, por isso o texto exorta as comunidades a cultivarem novas relações evangélicas, estando a serviço da missão evangelizadora (DAp 158) e anunciando a Palavra de Deus (DAp 386). Ao afirmar que a “Palavra acolhida é salvífica e reveladora do mistério de Deus e de sua vontade”, convoca as comunidades a serem o espaço “onde se recebe e se acolhe a Palavra, onde se celebra e se expressa na adoração do Corpo de Cristo, e assim ser a fonte dinâmica do discipulado missionário”. Portanto, a sua renovação exige que se deixe iluminar de novo e sempre pela Palavra viva e eficaz (DAp 172).

Conforme o Documento de Aparecida, a tarefa da Igreja é suscitar o primado da escuta da Palavra (DAp 271; 255). Ao se direcionar aos consagrados e consagradas, como discípulas e discípulos missionários de Jesus testemunha do Pai, afirma que a VRC é um dom e é chamada a fazer de “seus lugares de presença, de sua vida fraterna em comunhão e de suas obras, lugares de anúncio do Evangelho, principalmente aos mais pobres”, colaborando na formação de uma nova geração de cristãos discípulos missionários e de uma sociedade na qual se respeite a justiça e a dignidade da pessoa humana” (DAp 217). Com

isso estabelece uma estreita relação entre o serviço da Palavra e o serviço aos pobres.

Na terceira etapa nesse itinerário cristão, temos a formação bíblico-teológica e para isso é necessário o conhecimento da Palavra de Deus (DAp 99a) e dos conteúdos da fé, como forma de amadurecimento na vivência cristã (DAp 280c). Não é meramente um conhecimento teórico, mas experiencial, vivenciado num contexto comunitário (DAp 226c), numa formação integral e que-rigmática (DAp 279). Sublinha a necessidade da formação bíblico-teológica nas casas de formação religiosas (316; 323). Nota-se como a Palavra, enquanto fonte de uma espiritualidade sólida, foi individuada no documento para a vida eclesial, mas pode-se dizer também para a VRC. Constata-se um aumento do conhecimento da Palavra de Deus e do amor por ela, graças aos cursos, minicursos, momentos de reflexão bíblica na comunidade, nos encontros de formação promovidos pela CRB regional e nacional e até mesmo pelo Projeto de formação “Tua Palavra é Vida”. Porém, nota-se uma fraca formação bíblica e teológica nas etapas formativas iniciais e até mesmo em religiosos e religiosas com votos perpétuos.

A quarta e última etapa é o compromisso missionário de toda

a comunidade (Dap 226d) (BRIGHENTI, 2007 a, p. 323). Todo esse processo tem como meta a vida plena em Jesus Cristo, uma vida mais humana, para a pessoa inteira e para todos os povos. Assim, “a conversão do discípulo e discipula é em vista de uma missão no mundo”, tornando cada vez mais visível, na história, o Reino de Deus (BRIGHENTI, 2007a, p. 324). Nesse sentido, o texto diz que o(a) “discípulo(a) fundamentado(a) na rocha da Palavra de Deus é impulsionado(a) a levar a Boa Nova da salvação” aos demais, ressaltando a dimensão missionária, que nasce do encontro profundo com Jesus Cristo, mediado pela Palavra de Deus em suas várias concepções (Dap 146). É o Espírito que guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na liturgia e no serviço da caridade (Dap 151), sendo ela chamada a anunciar a Boa-Nova a todos, sobretudo, aos pobres, aos tristes, aos enfermos, aos cativos, aos vulneráveis (Dap 152), e com alegria (Dap 167).

O documento ressalta a relação entre a Bíblia e a religiosidade popular (Dap 262); com as pastorais sociais (Dap 399) e o uso dos Meios de Comunicação colocando a serviço do anúncio da Palavra (Dap 485). A Palavra de Deus também interpela a cuidar das viúvas (Dap 437n), dos idosos

(Dap 448), e apresenta a necessidade de anunciá-la nas realidades urbanas (Dap 516; 517g.h.; 518 l). É importante perceber como essas etapas do itinerário de uma igreja em estado permanente de missão estão presentes na vida comunitária.

São utilizadas três metáforas para referir-se à Palavra de Deus no Dap: é o alimento que nutre o discípulo missionário; é a rocha que sustenta a vida cristã (146), e é o farol que o guia (180; 518i). O documento não restringe a expressão “Palavra de Deus” ao termo “Bíblia”, interpretando-a de forma mais ampla como a realidade onde Deus também se revela. Há vários elementos de uma teologia da Palavra, ao afirmar a sua importância no ato criacional (Dap 27); ao apresentar Jesus Cristo como a Palavra Encarnada (Dap 25; 102; 348), que revela o mistério de Deus e de sua vontade (Dap 121; 172). Mas, também menciona o Espírito como aquele que recorda à Igreja as palavras de Cristo (Dap 103; 131; 152; 242; 350), e Maria como discipula e anunciadora da Palavra (Dap 266).

O Documento de Aparecida se serve das palavras de São Jerônimo e ao dizer que desconhecer a Escritura é desconhecer Jesus Cristo, reforçando a exigência de um conhecimento profundo

e vivencial da Palavra de Deus. Ressalta a necessidade de educar os fiéis para lê-la e meditá-la, tornando-se alimento, para assim ser anunciada. Diz ainda: é importante “fundamentar nosso compromisso missionário e toda a nossa vida na rocha da Palavra de Deus (discurso 3 e DAp 247).

Com o documento de Aparecida ficou clara a necessidade da formação de comunidades que vivem a fé, na conjuntura de cada dia, e centrada na Sagrada Escritura e na prática da caridade e da justiça, tornando o Reino de Deus visível nos diferentes contextos. De fato, com a V Conferência, há, oficialmente, essa passagem, na Igreja da América Latina e Caribe, da Pastoral Bíblica para a Animação Bíblica da vida e de toda a ação pastoral. A Animação Bíblica de toda Pastoral também foi refletida na XII Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus, transcorrida em Roma, sobre o tema: “A Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja”, nos dias 5 a 26 de outubro de 2008 (KONINGS, 2009). Essa assembleia teve a finalidade de aprofundar a recepção da Constituição Dogmática Dei Verbum na Igreja, de forma especial do capítulo VI. No documento resultante dessa Assembleia, a *Verbum Domini*, no parágrafo dedicado à Palavra de Deus e a vida consagrada (n. 83),

se diz: “vida consagrada nasce da escuta da Palavra de Deus e acolhe o evangelho como sua norma de vida” e continua afirmando que “o viver no seguimento de Cristo casto, pobre e obediente é uma ‘exegese’ viva da Palavra de Deus”. Nesse ponto também é reforçada a necessidade de nas comunidades de vida consagrada promover uma sólida formação para uma leitura crente da Bíblia.

As três dimensões da Animação Bíblica da Pastoral

A *Verbum Domini* afirma: “o Sínodo convidou a um esforço pastoral particular para ressaltar o lugar central da Palavra de Deus na vida eclesial, recomendando incrementar a ‘pastoral bíblica’, não em justaposição com outras formas de pastoral, mas como animação bíblica de toda a pastoral” (n. 73). Assim, percebe-se que a ABP, não é uma pastoral entre as outras, mas é retomada a centralidade da Bíblia em toda a vida eclesial, numa visão orgânica de Pastoral. Essa centralidade, porém, tem como finalidade o encontro com a Palavra Encarnada, Jesus Cristo, proporcionando a experiência de Deus e o tornar visível o seu Reino, razão de toda a ação eclesial.

Apesar de haver um número específico para a ABP na *Verbum Domini*, pode-se dizer que todo documento aborda as três dimensões da ABP: do conhecimento e

da interpretação; da comunhão e Oração, e Evangelização e proclamação da Palavra. Essas três dimensões estão fundamentadas nos textos da *Dei Verbum*, ao dizer que a Sagrada Escritura é a Palavra escrita (DV 9), inspirada pelo Espírito Santo (DV 11), confiada à Igreja para nossa salvação (DV 21). Ela comunica como promessa (AT) e cumprimento (NT), Jesus Cristo, a Palavra de Deus, que se encarna e revela o amor do Pai.

A primeira dimensão da ABP, a do conhecimento e da Interpretação, parte da constatação de que o Pai se revela e “sai amorosamente ao encontro de seus filhos e filhas para conversar com eles” (DV, n. 21) e o faz “por meio de mulheres e homens e em linguagem humana (DV, n. 12). Por ser um texto escrito, em linguagem humana, num determinado contexto histórico, é necessário conhecer o contexto situacional, literário e teológico em que foi escrito cada livro do cânone da Bíblia assumido pela Igreja Católica Apostólica Romana ou de outras denominações religiosas. Para responder a essa dimensão, sublinha-se a formação bíblico-teológica para os religiosos e religiosas, sobretudo, os vocacionados e vocacionadas e nas casas de formação, por meio de um estudo sério (EG 175), permanente, profundo, sistemático, orgânico e especializado da Bíblia e de temas bíblicos, por meio de

cursos, minicursos, estudo introdutório, cursos de pós-graduação ou de extensão universitária, presenciais e virtuais. Nessa dimensão, a VRC é desafiada a promover atividades de formação com as entidades bíblicas, entre as congregações religiosas, institutos, faculdades, universidades e escolas. Delinear um itinerário bíblico-teológico para a formação inicial, centrada no anúncio da Palavra de Deus (EG 163-167).

A comunhão e a oração com a Palavra é a segunda dimensão da ABP. Esse princípio parte da constatação de que pessoas eleitas, inspiradas pelo Espírito Santo, escreveram a verdade salvífica que Deus quer revelar (DV 6 e 11). Por isso, a ABP é chamada a promover uma leitura crente e orante da Palavra, para cultivar a comunhão com Deus e com os outros, por meio de momentos de oração com a Palavra. Nessa dimensão, acentua-se a importância de ler, meditar, confrontar-se com os textos bíblicos para estabelecer um itinerário espiritual e um processo de conversão para melhor seguir Jesus Cristo e testemunhar, com a vida, o que ouviram, viram e contemplaram da Palavra da Vida (1Jo 1,1). Ter presente nos encontros, reuniões, decisões e discernimentos a Palavra de Deus, dado que escutar a Palavra torna o caminho seguro, porque o torna um caminho de comunhão com o Projeto do Pai, for-

talecendo a vocação dos membros, nesse encontro com a Palavra Encarnada e a missão.

O lugar privilegiado para o encontro com a Palavra é a liturgia. Nesse sentido, é relevante uma adequada formação litúrgica nas casas de formação que proporcione esse saborear o sentido profundo da Palavra de Deus ao longo do Ano Litúrgico. A CRB também tem a preocupação de preparar roteiros de Leitura Orante para serem rezados nas comunidades, mas também é importante proporcionar momentos de oração por meio da Liturgia das Horas, do Ofício Divino das Comunidades, de Grupos de Oração, Círculos Bíblicos, Leitura Contínua e da Leitura Orante da Palavra entre as congregações e com as comunidades nas quais os religiosos e religiosas são inseridos (EG 152-153), tanto nos encontros presenciais, como nas mídias digitais e nas redes sociais. Proporcionar encontros ecumênicos de oração bíblica e iniciativas de experiência com a Palavra de Deus na piedade popular, nos rosários ou reza de terço, nas romarias, via-sacra, Ofício de Nossa Senhora, procissões, peregrinações, missões populares. Nesse sentido, a VRC tem muito para contribuir.

A terceira dimensão proposta no documento *Verbum Domini*, a evangelização, parte da certeza de que a finalidade da Sagrada

Escritura, enquanto consigna a Palavra de Deus, é animar e conduzir a vida da Igreja enviada a anunciar a Boa-nova do Reino de Deus (DV 21). Assim, a VRC é chamada a viver, anunciar e testemunhar a Boa Nova do Reino, a ser discípula missionária numa Igreja em saída. Portanto, cultivar esse confronto com a Palavra e deixar-se interpelar por ela, para viver a missionariedade, que é uma característica fundamental da Igreja, num processo contínuo de conversão. Nesse sentido, a *Verbum Domini* afirma que a Palavra de Deus é a seiva que sustenta toda a vida eclesial, é o coração de toda a ação eclesial (VD 1), e parafraseando esse parágrafo, pode-se dizer que é também a seiva e o coração da VRC, das congregações, dos diferentes carismas.

Desafios

Ao levar em consideração a VRC e sua relação com a ABP, é possível apontar alguns desafios. O primeiro é o de proporcionar na formação inicial um encontro pessoal com Cristo, por meio da Palavra de Deus. Uma experiência que não seja somente intelectual, ou um adquirir determinado conhecimento, mas que envolva existencialmente as pessoas vocacionadas e formandas, e estas, ao serem afetadas pela Palavra, anunciem profética e sapiencial-

mente os valores evangélicos num contexto de ausência dos valores cristãos, como é grande parte da sociedade brasileira atual.

Ao considerar a dimensão da interpretação, percebe-se a ausência de uma formação bíblica adequada, sistemática, orgânica, processual, vivencial e profunda, seja nas etapas iniciais como na formação permanente. No itinerário formativo é necessário ter presentes as “grandes etapas da história da salvação (AT e NT) e a história da Igreja, à luz do Mistério Pascal” (DC 144) e que a Bíblia realmente seja uma das fontes fundamentais da VRC. Oxalá esse processo formativo inicial e permanente possa dinamizar o seguimento a Jesus Cristo e abrir-nos para uma conversão que é contínua, integral, pessoal, comunitária, pastoral, cultural, ecológica e sinodal.

Quanto à dimensão da comunhão e oração, tendo presente a VRC, os consagrados(as) são chamados(as) a cultivar uma espiritualidade, tendo presente a diversidade dos carismas, fundamentadas na Palavra de Deus, uma mística profética sapiencial, marcada pelo Evangelho.

Com relação à última dimensão, a evangelização, os desafios são vários, ao considerar a missão dos diversos carismas. Destacam-se a inculturação da Palavra de Deus nas variadas realidades

(EG, n. 122); e a exigência de uma prática assídua da leitura orante da Palavra de Deus, sendo essa a centralidade da vida e da missão das congregações e institutos. Ressaltam-se mais três, que mais do que desafios são atitudes a serem evitadas. A primeira é o fundamentalismo e, nesse sentido, as pessoas consagradas são convocadas a ajudar a interpretar a Sagrada Escritura de forma adequada, levando em consideração os diferentes contextos situacionais nos quais foram escritos os textos bíblicos e o tripé: literatura (ciência da linguagem), história (as ciências humanas e sociais) e fé (Teologia). O fundamentalismo não é unívoco, mas se expressa de várias formas, como “leituras subjetivas e arbitrárias, a traição do sentido literal e espiritual do texto”, descontextualização dos textos bíblicos “para justificar posturas contrárias ao ensinamento de Jesus Cristo”, rejeição aos estudos realizados pelas ciências para a compreensão dos textos bíblicos, falta de um conhecimento adequado da realidade dos interlocutores, da vida cotidiana (CNBB, 2022, n. 60.63). O segundo é o pensamento da prosperidade, que acaba manipulando a Bíblia para enganar as pessoas prometendo prosperidade material, ao manipular e instrumentalizar Deus, tornando-o num fetiche ou servindo para alimentar uma mentalidade individualista e

consumista. O terceiro é não considerar a dimensão ética das interpretações bíblicas. No decorrer da história, muitas pessoas sofreram e até mesmo foram mortas por leituras equivocadas, discriminadoras e fundamentalistas de textos bíblicos.

Ao concluir, recordar-se-á algumas palavras do Papa Francisco que ajudam a compreender a importância da Bíblia em nossa vida:

A Bíblia é a grande narração que relata as maravilhas da misericórdia de Deus. Nela, cada página está imbuída do amor do Pai, que, desde a criação, quis imprimir no universo os sinais de seu amor. O Espírito Santo, por meio das palavras dos profetas e dos escritos sapienciais, moldou a história de Israel no reconhecimento da ternura e proximidade de Deus, não obstante a infidelidade do povo. A vida de Jesus e a sua pregação marcam, de forma determinante, a história da comunidade cristã, que com-

preendeu a sua missão com base no mandato que Cristo lhe confiou de ser instrumento permanente da sua misericórdia e do seu perdão (Jo 20,23). Mediante a Sagrada Escritura, mantida viva pela fé na Igreja, o Senhor continua a falar à sua Esposa, indicando-lhe as sendas a percorrer para que o Evangelho da salvação chegue a todos. É vivo desejo que a Palavra de Deus seja cada vez mais celebrada, conhecida e difundida, para que se possa, por meio dela, compreender o mistério de amor que dimana daquela fonte de misericórdia. Claramente nos recorda o Apóstolo: “Toda escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. (2Tm 3,16) (MeM, n.7).

Enfim, esperar-se-á que, por meio do testemunho de cada religioso e religiosa, a Palavra não seja aprisionada e possa ser anunciada e vivida ousada, profética e sapiencialmente nas comunidades e na missão de cada instituto e congregação (At 28,30-31).

Para conversar em comunidade:

- A Palavra de Deus é o eixo norteador da VRC em nossas comunidades, nas congregações, nos discernimentos, nas decisões cotidianas?
- O que a Animação Bíblica da vida eclesial pode nos oferecer para uma fidelidade à Palavra de Deus em nossa congregação?
- Como a Bíblia está presente no itinerário formativo de minha congregação nas diferentes etapas?

Referências

77

- BRIGHENTI, A. Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 39, n. 109, p. 322-324, set./dez. 2007a.
- BRIGHENTI, A. Documento de Aparecida. O contexto do texto. **REB**, Petrópolis, n. 268, p. 772-800, outubro 2007b.
- CARNIATO, M. **O caminho que o Espírito abre à Palavra: a Pastoral Bíblica na intuição de Padre Tiago Alberione e seu desdobramento histórico**. Dissertação de Mestrado em Teologia Sistemática. Belo Horizonte: Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus - Faculdade de Teologia / Pós-Graduação, 1999.
- CELAM. **Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: Paulinas; Paulus; Brasília: CNBB, 2008.
- CNBB. **“E a Palavra habitou entre nós” (Jo 1,14)**. Animação Bíblica da Pastoral a partir das comunidades eclesiais missionárias. Brasília: CNBB, 2022. n. 60.63. (Documentos da CNBB, 111).
- CONCÍLIO VATICANO II. **Constituição Dogmática “Dei Verbum”**. São Paulo: Paulinas, 2005. (A voz do Papa, 37).
- FRANCISCO, Papa. **Carta Apostólica Misericordia et misera**. No termo do jubileu extraordinário da misericórdia. Roma: 2016. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120-misericordia-et-misera.html> Acesso em: 05 abr. 2023.
- KONINGS, J. XII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos sobre a Palavra de Deus. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 41, n. 114, p. 165-190, maio/ago. 2009.
- LIBANIO, J. B. Conferência de Aparecida. **REB**, Petrópolis, n. 268, p. 816-842, outubro 2007.
- MEDINA, E.; SILVANO, Zuleica Aparecida (Org.). **50 anos do Mês da Bíblia: memórias, desafios e perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2021.
- NARANJO SALAZAR, G. El camino de la pastoral bíblica antes y después del Concilio en America Latina. **Medellín**, Bogotá, v. 35, n. 137, p. 17, 2009.
- RETAMALES, S. S. **La palabra de Dios en la vida e pastoral de la Iglesia**. Estella (Navarra) / Espanha: Editorial Verbo Divino, 2014.

VRC E ENVELHECIMENTO: CUIDANDO DE QUEM CUIDA



- ✓ Casa de Retiros Coração de Jesus - Florianópolis, SC
- ✓ De 16 a 21 de junho de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
formacao@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

A CONTRIBUIÇÃO DA “PEQUENA VIA” DE SANTA TERESINHA DO MENINO JESUS PARA A DIREÇÃO ESPIRITUAL

Ir. Antonieta Vieira da Silva¹

Resumo: O presente trabalho analisa a contribuição da “Pequena Via” de Santa Teresinha do Menino Jesus para a direção espiritual. Tem como embasamento teórico os manuscritos autobiográficos A, B e C que se encontram nas obras completas de Santa Teresinha, na Carta apostólica *Divini amoris scientia* do Papa João Paulo II e em estudos desenvolvidos por autores da vida de Santa Teresinha. O método utilizado é a pesquisa teórica e seu objetivo é investigar a contribuição da “pequena via” para a direção espiritual. Nessa busca, percebe-se que a grande contribuição de Teresa é confirmar que a santidade é a vocação natural de todo homem e mulher.

Palavras-chave: Direção Espiritual, “Pequena Via”, Teresa do Menino Jesus.

¹ Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias de Santa Teresinha. Licenciada em Língua Portuguesa; Bacharel em Teologia e Psicologia. Endereço para contato: irma_antonieta@hotmail.com

Introdução

Em seus escritos, Teresa revela a procura por uma via que a conduzisse a uma maior comunhão com Deus. A “Pequena Via” foi sendo construída, pouco a pouco, como fruto de reflexões, estudo da Sagrada Escritura e experiências interiores ao longo de sua tão curta vida.

Teresa descobriu o seu caminho espiritual que foi uma “Pequena Via bem reta, bem curta, uma Pequena Via toda nova” (TERESA, 2002, p. 181). O ensinamento de Teresa é proposto a todos os fiéis, pois ela nos recorda que a santidade não é apenas para alguns privilegiados, mas acessível a todos os fiéis e pode ser vivida na rotina de cada dia, no trabalho, no lazer, nas relações familiares e em todos os momentos do nosso dia.

Santa Teresinha do Menino Jesus e a “Pequena Via”

Santa Teresinha do Menino Jesus nasceu em Alençon (França), em 2 de janeiro de 1873, sendo batizada com o nome de Maria Francisca Teresa Martin. Ela tinha apenas quatro anos de idade quando teve que enfrentar a morte da mãe, ocorrida em 28 de agosto de 1877. Depois da morte da mãe, Teresa transferiu-se com toda a família para a cidade de Li-

sieux. Tinha 10 anos quando sua irmã Paulina, que até então tinha assumido o papel de sua segunda mãe, pediu ao pai para entrar no Carmelo. Teresa foi educada pelas beneditinas de Lisieux e fez a sua Primeira Comunhão em 8 de maio de 1884 e, em 14 de junho do mesmo ano, recebeu o sacramento da Crisma. Em agosto de 1887 sua irmã Maria decidiu entrar para o Carmelo. Teresa tinha 14 anos e a despedida de Maria foi para ela mais uma perda.

Teresa relata que, na noite de 25 de dezembro de 1886, como de costume, deixou os sapatos perto da lareira para que seu pai colocasse o seu presente de Natal. Quando a família voltou da Missa do Galo, Teresinha ouviu um desabafo do pai que dizia que ela não era mais criança e que esse seria o último ano em que colocaria presentes nos seus sapatos. Esse fato ajudou Teresa a superar a fragilidade emotiva decorrente da perda de sua mãe e a dar um salto em seu desenvolvimento humano e espiritual, pois, a partir deste momento, ela deixou os comportamentos infantis e começou a assumir atitudes de maturidade espiritual, não mais pensando somente em receber presentes, cuidados e atenção para si mesma, mas sendo capaz de auto transcender-se desejando ser carmelita, para amar a Jesus e doar-se aos irmãos e irmãs.

Fruto de seu amadurecimento, Teresinha pediu ao pai para entrar no Carmelo, como as suas irmãs, Paulina e Maria. Por ter apenas 15 anos de idade precisou ir até Roma pedir permissão ao Papa Leão XIII para entrar no Carmelo. Assim, em 9 de abril de 1888, Teresa, acompanhada pelo pai, entrou no Carmelo de Lisieux, onde iniciou sua vida de postulante. Recebeu o hábito de carmelita, em 10 de janeiro de 1889 e fez sua profissão religiosa em 8 de setembro de 1890. No dia da sua profissão, recebeu o nome de Irmã Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face.

No “Manuscrito B”, Teresa revela seu desejo missionário: “Ah! Apesar de minha pequenez, quisera esclarecer as almas como os Profetas, os Doutores; tenho vocação de ser Apóstolo (...) Quisera percorrer a terra, pregar teu nome, fincar no solo infiel a tua Cruz gloriosa” (TERESA, 2002, P. 171). Como carmelita, esteve sempre unida aos sacerdotes que estavam em missão, através de cartas e rezando pelas vocações missionárias.

A vida de Teresa foi breve. Acometida por uma tuberculose, morreu em 30 de setembro de 1897, com apenas 24 anos de idade. Em 17 de maio de 1925, foi canonizada pelo Papa Pio XI e, em 14 de dezembro de 1927, foi proclamada, juntamente com São Francis-

co Xavier, Padroeira das missões. Em 19 de outubro de 1997, o Papa João Paulo II proclamou Doutora da Igreja universal Teresa do Menino Jesus e da Santa Face (JOÃO PAULO II, 1997), na comemoração do centenário de sua morte.

A originalidade da “Pequena Via”

A “Pequena Via” é a espiritualidade que Deus comunicou a Teresa para que pudesse percorrer o caminho da santidade. A originalidade da “Pequena Via” consiste nos meios que descobriu para trilhar seu caminho de santificação e que não eram conhecidos na sua época. Teresa nos diz que sempre desejou ser santa, mas, ao ler a vida dos santos do Carmelo, Teresa de Jesus e João da Cruz, verificou que existia uma distância muito grande entre ela e eles. Em vez de desanimar, nos ensina dizendo:

o Bom Deus não poderia me inspirar desejos irrealizáveis; posso, apesar de minha pequenez, aspirar à santidade. Crescer me é impossível; devo suportar-me tal qual sou, com todas as minhas imperfeições, mas quero, contudo, procurar o meio de ir para o Céu por um caminhozinho bem reto, bem curto, uma Pequena Via inteiramente nova (apud CAVALCANTE, 1997, p. 181).

Quando Teresa foi em peregrinação à Itália, viu pela primeira vez um elevador e, por isso, considerando o contexto histórico de sua época, nos informa que aquele era um século de invenções. A invenção do elevador substituiu os degraus das escadas. Mas somente na casa dos ricos tinha elevador. Mesmo assim, a santa nos diz:

quanto a mim, também desejei encontrar um elevador para subir até Jesus, pois sou muito pequena para subir a escada da perfeição. [...] O elevador que deve fazer-me subir até o Céu, são os vossos braços, Jesus! Por isso não preciso crescer; devo, pelo contrário, permanecer pequenina, e tornar-me cada vez mais pequenina (apud CAVALCANTE, 1997, p. 181).

Teresa procurou na Sagrada Escritura uma indicação do elevador e deparou-se com este texto: “Se alguém é pequenino, venha a mim” (Pr 9,4). Diz ela ao deparar-se com o texto:

Aproximei-me, pois, adivinhando que tinha descoberto aquilo que procurava. Querendo saber oh, meu Deus, o que faríeis com o *pequenino* que correspondesse ao vosso apelo, continuei minhas buscas e eis o que encontrei: ‘Assim como uma mãe acaricia seu filhinho, assim eu vos consolarei; aconchegar-vos-ei ao meu seio e acariciar-vos-ei sobre meus joelhos!’ (Is 66, 12-13); e

ainda, “Eu te louvo, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e aos doutores e as revelaste aos pequeninos” (Mt 11,25) (apud CAVALCANTE, 1997, 182).

Assim, a “Pequena Via” tornou-se para Teresa o meio certo e eficaz para alcançar a santidade através do itinerário da própria santificação que consiste em fazer as coisas do cotidiano de maneira extraordinária: os pequenos sacrifícios que agradam muito a Cristo e nisso ofertar as pequenas coisas por amor a Deus e deixar-se amar por Ele, pois Deus nos ama com amor de Pai.

Nesse caminho espiritual, Teresa nos mostra que a “Pequena Via” é a verdadeira via, porque é a via da graça, e nem por isso a via mais fácil, porque “é o caminho do retorno à própria origem, ao ‘húmus’ que constitui a realidade do ser criado, desprendendo-se dos mínimos resquícios de autossuficiência e do sentimento de grandeza que não provenha do próprio Criador” (TADA, 2011, p. 56).

Desse modo, Teresa nos ensina que a sua pequenez não é um obstáculo para a santidade, ao contrário, capacita-a para o seguimento de Cristo no dia a dia. Ela nos mostra, também, que a santidade não é somente para alguns privilegiados, para os que estão nos conventos e mosteiros, mas

com a ‘pequena via’, a santidade desce às praças, faz-se convite para todo o homem, senta-se à mesa de toda família, torna-se companheira do dia a dia de todos, depõe definitivamente a auréola de prêmio reservado a poucos privilegiados para ser o caminho normal de todos (DI BERARDINO, 1995, p. 206).

“Pequena via” e a direção espiritual

A “Pequena Via” é uma experiência espiritual na qual Teresa nos ensina a nos entregar de maneira confiante a um Deus que é Pai de bondade e nos ama ternamente. No entanto, Teresa viveu no século XVIII, onde, principalmente na França, o rosto de Deus estava deformado por influência do jansenismo, doutrina espiritual inspirada nas ideias do bispo e teólogo holandês Cornelius Jansen (1585-1638), que tinha uma visão pessimista do homem e de Deus. Apresentava Deus como um juiz severo, distante dos seres humanos e ávido de justiça. Para acalmar a justiça de Deus, muitas almas se ofereciam como vítima de expiação (Nel cuore..., 1996, p. 8).

No Carmelo de Lisieux, também, existiam tais ofertas:

o fim da Ordem do Carmelo é honrar a Encarnação e os aniquilamentos do Salvador, glorificar a Deus pela imitação da

sua vida escondida, padecente e imolada. E também rezar pelos pecadores, oferecer-se por eles à Justiça divina e, pelos rigores de uma vida austera e crucificada, suprir a penitência que eles não praticam (EMONNET, 1998, p. 28-29).

Teresa não se sentia atraída por esta via que lhe foi apresentada como a via por excelência. Não se sentia em condições de segui-la e considerava-a impraticável pela maior parte dos homens e mulheres. “Pensava nas almas que se oferecem como vítimas à Justiça de Deus, a fim de desviar e atrair sobre si os castigos reservados aos culpados. Este oferecimento parecia-me grande e generoso, mas sentia-me longe de ser levada a fazê-lo” (TERESA, 2002, p. 163).

Teresa não aceitava o fato de que as “pequenas almas” fossem excluídas da santidade. Por isso, procurou no Evangelho e encontrou Jesus que revela o verdadeiro rosto de Deus que é Pai misericordioso, que chama a todos a viver como filhos e filhas no abandono e na confiança filial (Lc 15,31). Com esta certeza de um Deus que é Pai, que é justo porque é misericordioso, Teresa perguntava com simplicidade e com espírito de fé: “Oh, meu Deus! Haverá apenas vossa Justiça para receber almas imolando-se como vítimas?... Vosso Amor Misericordioso também

não precisa delas?" (EMONNET, 1998, p. 163).

Neste sentido, a "Pequena Via" é toda a espiritualidade de Teresa, é o "caminho do amor; da humildade; da pequenez e da pobreza; da confiança e do total abandono; da simplicidade de uma criança; da obediência à vontade divina". (CAVALCANTE, 1997, p. 418). Teresa revela que a "Pequena Via" não consiste na realização de grandes obras, mas nos pequenos sacrifícios obscuros do dia a dia, na fidelidade às tarefas diárias, na superação das contrariedades que aparecem ao longo do dia, na convivência com pessoas difíceis, no apostolado da alegria, no trabalho que não aparece e que não é elogiado, na acolhida e no encontro com o outro e, sobretudo, é estar direcionado para algo além de si mesmo. É encontrar o sentido da vida em Deus, doando-se na missão por amor ao próximo.

No tempo de Teresa, acreditava-se que a santidade estivesse ligada aos atos heroicos de uma vida excepcional, onde o milagre não devia faltar. Neste contexto, a contribuição extraordinária de Teresa foi ter mostrado que os mais modestos caminhos de nossa existência humilde e generosa levam a Deus, pois a sua vida no Carmelo foi de simplicidade: "respeitava o silêncio; acatava de bom grado as ordens da superiora;

obedecia aos horários; às Regras; aos ofícios litúrgicos e, sobretudo, exercitava a caridade com as irmãs da comunidade" (PENNA, 2018, p.543). Com isso, Teresa mostra que a santidade é o caminho natural de todo homem e mulher do nosso tempo.

A relação entre a "Pequena Via" e a Direção Espiritual

Conhecemos Teresa do Menino Jesus através de seus escritos que lhe deram a qualificação de mestra de vida espiritual. A sua obra principal continua a ser a narração da sua vida nos três manuscritos autobiográficos (A, B e C), publicados com o título, de *História de uma alma*. Para o Papa João Paulo II (1997), nas 266 Cartas que Teresa escreveu e que foram enviadas aos familiares, às religiosas, aos irmãos missionários, ela comunica a sua sabedoria, desenvolvendo um ensinamento que constitui, de fato, um profundo exercício de direção espiritual das almas.

Segundo Cavalcante (1997, p. 186), na época de Teresa a direção espiritual era o encontro de uma postulante ou de uma noviça com a madre superiora ou com a mestra de noviça, para orientar-se espiritualmente. Assim, embora Teresa não tenha tido especificamente um diretor espiritual,

deixou-se orientar pelas luzes do Espírito Santo para em seguida dirigir as pessoas.

Vejamos o relato de Madre Inês, no qual revela algumas pistas do comportamento de Teresa no seu ofício de diretora espiritual das noviças do Carmelo de Lisieux:

Ela não temia sua dificuldade, advertia sem nada temer, malgrado tudo o que lhe custava. Ela o fazia, contudo, com prudência e discernimento. [...] Ela não contava jamais suas penas e seus abusos; jamais apresentava às noviças questões que satisfariam sua curiosidade; não tentava conquistar seus corações; nas suas dificuldades colocava toda a sua confiança em Deus e implorava, então, mais especialmente, o socorro de Nossa Senhora. [...] Ela deixava as noviças dizerem o que pensavam contra ela e elas o faziam com tanto mais liberdade quando ela não era mestra titular e era mais jovem do que algumas entre elas. (apud CAVALCANTE, 1997, p. 186).

Celina, que foi noviça de Teresa, complementa as informações já citadas acima dizendo:

sua direção era segura; ela tinha uma resposta para tudo. Não recuava jamais diante do dever. [...] o que fazia toda a força de nossa jovem mestra era seu inteiro desapareço de si mesma: ela

se esquecia de si completamente e cuidava sempre de se mortificar. Durante essas direções, ela era muito vigilante em recorrer a Deus pela oração. (apud CAVALCANTE, 1997, p. 186).

No que se refere à pessoa do diretor espiritual, Miranda afirma que deve ser alguém com capacidade de resolver suficientemente seus problemas pessoais, para, a partir daí ter condições de ajudar os outros a enfrentar os seus próprios problemas com liberdade interior, pois quem deseja ajudar os outros deve primeiramente viver essa experiência de unidade interior. (MIRANDA, 2018, p. 77).

Nesse sentido, percebe-se que Teresa soube lidar com seus problemas de tal maneira que deu espaço na sua vida para Deus agir, comunicando-lhe os ensinamentos da “Pequena Via” que viveu e conseguiu, sob a orientação do Espírito Santo, transmitir às noviças e às pessoas que lhe foram confiadas.

O relacionamento entre diretor espiritual e dirigido é marcado pela presença de um diante do outro e ambos diante do Espírito Santo, pois o verdadeiro diretor espiritual é o Espírito Santo que age sempre e se vale do diretor espiritual como instrumento. Embora Teresa não tenha feito nenhum curso de direção espiritual,

teve Jesus como seu guia e mestre e, à luz do Espírito Santo, aprendeu a arte de dirigir as pessoas nas estradas do amor divino. São admiráveis, com efeito, a sabedoria, a psicologia, a metodologia e a pedagogia que nossa Santa soube empregar na direção de suas noviças. (CAVALCANTE, 1997, p. 186).

Teresa ensinava que, ao dirigir os outros, é preciso absolutamente esquecer seus gostos, suas concepções pessoais e guiar as almas, não pelo seu próprio caminho, mas pelo caminho particular indicado por Jesus. Celina declarou: “tendo sido eu mesma uma de suas noviças, sempre observei sua grande renúncia, sua paciência em nos escutar, em nos instruir, sem buscar para ela a sombra de uma consolação”. (CAVALCANTE, 1997, p. 187).

Para Miranda, um encontro de direção espiritual deve acontecer com boa comunicação, escuta empática e coerência, tolerância para com a expressão de sentimentos, limites de ação bem definidos e ausência de coerção. Todos estes elementos ajudarão no estabelecimento do vínculo e da confiança na pessoa do diretor espiritual e facilitarão a abertura do dirigido que se sentirá acolhido e, por isso mesmo, terá maior abertura. (MIRANDA, 2018, p. 71).

Percebemos, assim, a atualidade do ensinamento de Teresa, pois os elementos acima citados encontram-se na sua prática de direção espiritual. Como nos relata Celina, na direção espiritual:

não tinha nenhum medo de travar a luta contra os defeitos das noviças; mas também era doce e compassiva quando era o momento. [...] Sem o confessar muitas vezes, todas apreciavam sua direção. [...] Mesmo algumas anciãs, observando sua prudência celeste, vieram também consultá-la em segredo. (CAVALCANTE, 1997, p. 187).

Assim, Teresa soube primeiramente vivenciar a “Pequena Via” para, em seguida, propor aos seus dirigidos esse caminho de santidade todo feito de simplicidade, humildade e espírito de confiança e abandono no amor misericordioso de Deus Pai, respeitando e acolhendo o processo de cada uma das suas dirigidas.

Referindo-se à direção espiritual, Teresa confessa:

o tempo que passei ocupando-me das noviças, foi para mim de guerra e de luta! Não procurava ser amada. Não me preocupava com o que poderiam dizer ou pensar de mim, só buscava contentar a Nosso Senhor, sem desejar que meus esforços tivessem êxito. Sim, é preciso semear o bem ao redor de si, sem se inquietar com a colheita. A nós o trabalho, a Jesus o sucesso. (TERESA, 1984, p. 23).

Segundo Celina, que foi sua noviça, “para qualquer circunstância, nossa querida mestra indicava-nos sua ‘Pequena Via’. É assim que ela chamava sua espiritualidade, isto é, seus meios de ir a Deus. Para caminhar na ‘Pequena Via,’ declarava, é preciso ser humilde, pobre, de espírito e simples” (TERESA, 1984, p. 41). Dessa forma, Teresa ensina que o segredo da santidade está contido na sua espiritualidade da “Pequena Via”, que manifestou às pessoas que entraram em contato com ela, e, por meio da qual, continua nos orientando hoje para uma experiência espiritual de fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo, reconhecendo com humildade e serenidade as próprias fraquezas para abandonar-se com confiança filial ao amor misericordioso de Deus Pai.

Considerações finais

A “Pequena Via” foi o caminho que Santa Teresinha descobriu, a partir de sua experiência espiritual profundamente vivida, que tem suas raízes no espírito religioso de seu ambiente familiar, pois seus pais foram reconhecidos

como santos pela Igreja católica. A espiritualidade da “Pequena Via” apresenta, em primeiro lugar, o reconhecimento da existência de uma vocação natural do homem de caminhar em direção à santidade que é a união com Deus e a percepção da impossibilidade humana de alcançar esse objetivo com os próprios meios. Em segundo lugar, evidencia a consciência da Misericórdia de Deus, que nos ajuda a superar os obstáculos do caminho. Em terceiro lugar, o abandono e a confiança filial em Deus nos permitem entregar em suas mãos os nossos caminhos, angústias, preocupações e toda a nossa vida, na certeza de que Ele estará conosco e nos acompanhará em todas as nossas ações, ajudando-nos a realizá-las.

Em suma, Teresa nos ensina que a santidade consiste em não se ocupar de si mesmo, que o abandono e a confiança em Deus alimentam-se mais de misericórdia do que de sacrifícios. Para isso, é preciso fazer tudo o que está ao nosso alcance, renunciar, constantemente, a nós mesmos e encontrar sentido na vida, realizando os valores da doação na missão que nos é confiada.

Para dialogar em comunidade:

- Quais é o lugar que ocupa a espiritualidade originante de nosso carisma em nossos momentos comunitários de estudos e oração/
- O modo como vivenciamos e partilhamos nossa espiritualidade com os leigos e leigas, leva em consideração o fato de que “a santidade é para todos” e não apenas para uma pequena elite de eleitos e eleitas?

Referências

- BERARDINO, Pedro Paulo. **Descoberta da pequena via**. São Paulo, Paulus, 1995.
- BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CAVALCANTE, Pedro Teixeira. **Dicionário de Santa Teresinha**. São Paulo: Paulus, 1997.
- EMONNET, Gabriel. **Ato de oblação de Santa Teresinha**. São Paulo: Atualidade e prática, 1988.
- JOÃO PAULO II, *Divini amoris scientia*. Carta Apostólica, Roma, 1997. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/1997/documents/hf_jp-ii_apl_19101997_divini-amoris.html>. Acesso em: 15 maio 2019.
- MIRANDA, R. Tomás. **A direção espiritual**. Pastoral do acompanhamento espiritual. São Paulo: Paulus, 2018.
- NEL cuore dela Chiesa sarò l'amore. Santa Teresa de Lisieux, Dottore della Chiesa. Roma, OCD, 1996.
- PENNA, Pedro. **Santa Teresa de Lisieux, uma jovem doutora**. Rio de Janeiro: Cassará, 2018.
- STÖCKER, Monika Maria. **Teresa de Lisieux 1873-1897**. A aventura de um grande amor. São Paulo: Musa, 2000.
- TADA, Cecília. **A pequena via de Santa Teresinha**: itinerário de pobreza espiritual. São Paulo: Paulinas, 2011.
- TERESA de Lisieux. **Conselhos e lembranças**. São Paulo: Paulus, 1984.
- TERESA do Menino Jesus, Santa. **Obras completas de Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa face**. Manuscrito A, B, C. São Paulo: Paulus, 2002.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A VRC À LUZ DO MAGISTÉRIO DE PAPA FRANCISCO

Fr. Edalan Guedes de Andrade¹

Resumo: O texto se propõe a sistematizar as provocações que o Papa Francisco apresenta à Vida Religiosa Consagrada (VRC). Considerando que o Papa ainda não ofereceu um documento magisterial sobre a VRC, o autor busca, nos diversos pronunciamentos papais, elementos que se referem direta ou indiretamente aos consagradas e consagrados. Como diretriz geral, pode-se afirmar que o que Francisco propõe para a Vida Religiosa é a radicalização de sua proposta para toda a Igreja: uma Igreja em saída, misericordiosa, a serviço dos últimos da sociedade e comprometida na construção do Reino de Deus.

Palavras-chave: Vida Religiosa Consagrada; Papa Francisco; Igreja em saída; Misericórdia; Missão.

Introdução

Assumi o compromisso desafiador de escrever esse artigo mais por força do entusiasmo que o Papa Francisco provoca dentro de mim como religioso mercedário

(acredito que em você também!), sem, no entanto, pensar no desafio que significa refletir sobre a vida religiosa tendo como marco o seu magistério. Primeiro porque muitos já disseram tanto sobre o tema que talvez poderíamos cair

¹ Frade da Ordem das Mercedes. Mestre de noviços. Endereço para contato: freiguedes@hotmail.com

numa ingênua repetição de ideias já sabidas por muitos; e segundo, mesmo buscando partilhar algo a partir do jeito próprio de perceber, de sentir e de experienciar o que li, refleti e rezei a partir do ser e atuar de “Francisco de Roma”², resta saber o que escolher dentre tanta verdade, beleza e bondade naquilo que o Papa tem dito, rezado e proposto aos religiosos e religiosas.

Evidentemente, um recorte é necessário. Por isso, refletiremos a partir do que Francisco compartilhou e testemunhou especificamente aos religiosos/as nos discursos e/ou homilias feitos em suas Viagens Apostólicas³. Certamente ele sabe lá dentro de si que pode sempre contar com os religiosos e religiosas e que sua mensagem chegará a alcançar a todos as pessoas ali aonde a VRC está situada profética e evangeli-

camente, mobilizando como que em círculos concêntricos, a partir de dentro de cada um/a, passando pelas estruturas comunitárias e tocando as relações interpessoais nas comunidades eclesiais, instigando o pensamento a arriscar-se a novas ideias e formas de viver nesse mundo diferente e plural, infelizmente polarizado e tão machucado pela falta de diálogo, o que acaba por reforçar violências e injustiças. Por isso, sua iniciativa em convocar um Sínodo sobre Sinodalidade, dando espaço para que todas as igrejas do mundo e outras instâncias sociais e pessoas que o desejassem, pudessem participar da preparação deste Sínodo.

Uma primeira percepção diante das palavras e gestos de Francisco aos religiosos e religiosas é a sua paciente estratégia pedagógica em tocar nas mesmas teclas, a saber: a alegria de ser de Deus sendo irmão/ã na acolhida dos outros filhos/as de Deus; a cultura do encontro no combate àquela do descarte do ser humano frágil (idosos e crianças); o conhecimento das próprias raízes e a transmissão dos valores a partir da memórias dos nossos antepassados (culturas ancestrais); o fortalecimento da religiosidade e cultura populares frente à fragmentação do neoliberalismo religioso destruidor; o desejo de reforma de estruturas que

² Como se refere ao Papa o teólogo nordestino Francisco de Aquino Junior.

³ Escolhemos somente aquelas realizadas fora da Itália. São aproximadamente 30 pronunciamentos aos Consagrados, visto que uma viagem apostólica às vezes abrange a visita a distintos países. Por uma questão prática de leitura e até mesmo de espaço reservado no conjunto da revista, preferi simplesmente acenar o lugar e a data cuja fala do Papa pode ser interessante ao conjunto do artigo. Remeto para aprofundamento dos textos ao site www.vatican.va na seção das viagens apostólicas, agrupadas por ano. Lá se apresentam o programa de cada viagem com os pronunciamentos, discursos e homilias de acordo com cada agenda.

no fundo transparece lucidamente o desejo de transformação da vida abundante e plena que Deus quer para todos.

É óbvio que todos esses temas servem de espaços abertos ao diálogo (círculos menores) criando a possibilidade de pensar mais ampla e livremente, como acontece nos Sínodos (círculos maiores), suscitando luzes, ideias e ações que sejam partilhadas, rezadas e concretizadas nas realidades sócioeclesiais particulares. Sem jamais perder de vista que o motivo pelo qual alguém se consagra totalmente a Deus é o mesmo discernido/eleito por Jesus, ou seja, de viver apaixonado pelo Reino e pela Humanidade, em conformidade com a vontade do seu *Abbá-Pai*.

Vida Religiosa Consagrada “visitada” por Francisco

Vida Religiosa Consagrada é um modo de seguir Jesus de perto. Nem melhor nem pior de outros estilos de vida. Constitui a memória viva da forma de existir e de atuar de Jesus, prolongando na Igreja o seu jeito de amar e servir ao Pai e aos seus irmãos e irmãs (VC, n. 22). Ele inaugurou um jeito diferente e original de viver sua paixão pelo Pai e sua paixão pela humanidade. Com efeito, Jesus chamou os que quis

para viver com ele e para enviá-los em missão (Mc 3,13ss).

Viver esse estilo próprio de seguimento de Jesus num mundo marcado pela fluidez de vínculos e a incerteza provocada pelas ambivalências do relativismo moderno será sempre desafiador, ou seja, exigirá uma releitura sempre atual dos “sinais dos tempos” à luz do Evangelho, discernindo entre os aspectos novos aquilo que mais ajuda a realizar o projeto de vida carismático, sem se deixar cair na tentação do “fundamentalismo” que puxa sempre para um passado longínquo expresso numa vida cômoda e medíocre.

No marco do 10º aniversário do seu Pontificado, penso ser um belo presente colher, entre tantos discursos e homilias, no encontro com tantas realidades eclesiais, as palavras e os sentimentos que dão vida ao colorido do mosaico da VRC sonhada por Francisco, realizada por todos nós! Começemos, então...

Do meio dos jovens, com os jovens

Imediatamente após sua eleição para bispo de Roma, o Papa Francisco teve na agenda oficial um compromisso marcado pelo seu antecessor Bento XVI, e que foi um marco inaugural do seu ministério petrino: a Jor-

nada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro (Brasil), em julho de 2013. Pense no desafio! E, ao mesmo tempo, na dádiva experimentada por ele e por toda a Igreja de começar seu ministério pela América Latina, dirigindo-se a toda a Igreja há tempos cansada, desanimada e constantemente tentada a continuar dando passos refletidos num espelho de glórias passadas que já não correspondem às alegrias e esperanças do mundo atual. Seus gestos, seu sorriso e vigor rejuvenescidos pela Graça, sua *parresia* (ousadia e coragem!) em dizer o que pensa sem se prender a protocolos, mas desejoso de encontrar, escutar e dialogar com todos se tornou em remédio para a maioria e, ao mesmo tempo, deixou outros desconcertados e chateados. Não importa! De fato, poucos meses depois, o Papa apaixonado por Jesus e pelo Reino experimentou a força daquela bem-aventurança que suscita alegria em meio às injúrias e perseguições (Mt 5,11).

Poucos dias antes da JMJ, Francisco pode aquecer o coração e compartilhar alguns sonhos com os noviços e noviças e com seminaristas de várias partes do mundo, num encontro promovido pelo Dicastério para a Nova Evangelização, no Vaticano. Sua tônica foi alegre, ousada e corajosa na tentativa de despertar

o ânimo aventureiro dos jovens em formação para alguns temas óbvios, mas quase sempre deixados de lado: “Como libertar-se da “cultura do provisório” para realizar o desejo de dar a vida pra sempre na vocação ministerial e/ou religiosa consagrada? Como encontrar a verdadeira alegria que nasce de uma vida autêntica e coerente, simples e testemunhada pelo serviço generoso?” E os formadores e formadoras, não ficaram de fora! Francisco lhes pediu encarecidamente: “Deem exemplo, não sejam hipócritas!” E a todos deu uma dica preciosa, vinda de um autêntico jesuíta: o Exame de consciência. Ao final de uma tarde prazerosa de conversa com os formandos e seus formadores, arrematou dizendo: “Recordai-vos dos quatro pilares: vida espiritual, vida intelectual, vida apostólica e vida comunitária. Estes quatro. Sobre eles deveis edificar a vossa vocação”. (Sala Paulo VI, 06/07/2013).

Em pleno Ano da Fé⁴ ele compartilhou o seu desejo de que os jovens se encontrassem com Cristo e se tornassem construtores de um mundo mais fraterno. Para isso, conta com os consagrados, espe-

⁴ Conclamado pelo papa Bento XVI, no 50º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II, de 11 de outubro de 2012 a 24 de novembro de 2013, Solenidade de Cristo Rei do Universo.

cialmente os jovens, para serem a memória testemunhal do encontro com Jesus, pois “é justamente a vida em Cristo que garante nossa eficácia apostólica, a fecundidade do nosso serviço (cf. Jo 15,16)”, gerando uma cultura do encontro e do acolhimento a todos:

Temos de ser servidores da comunhão e da cultura do encontro. Quero vocês quase obsessivos neste aspecto! E fazê-lo sem ser presunçosos, impondo as “nossas verdades”, mas guiados pela certeza humilde e feliz de quem foi encontrado, alcançado e transformado pela Verdade que é Cristo, e não pode deixar de anunciá-la. (Catedral de S. Sebastião do Rio de Janeiro, 27/07/2013).

Essa ideia amadureceu ao longo do seu pontificado, suscitando diálogos e encontros em várias instâncias sócio-políticas-religiosas, trazendo à luz a *Fratelli Tutti*. Com efeito, a VRC, na sua experiência de acompanhar e formar para a fraternidade, é uma referência de consciência eclesial deste “projeto de fraternização” que dá consistência ao Reino de Deus a partir das bases da Igreja e da sociedade. Com Jesus, inegavelmente para todos, porém colocado de maneira inequívoca ao lado dos empobrecidos, cativos e oprimidos (“de sempre?!”) na história.

Desperta, gente boa!

Papa Francisco traz no coração e no estilo de vida aquela profecia da atualização conciliar própria dos “reformadores”, os quais em determinados momentos da história convocam, investem e lançam mãos de processos de escuta e de análise na Igreja em vista de uma *Reforma ad intra* para uma eficaz atualização da “Igreja em saída”, em “estado permanente de missão” (DAP, n. 144). Para isso, ele inaugura processos participativos visando o sonho missionário de chegar a todos. Porém, isso tem que começar no coração de cada um! Quem não se lembra das proféticas palavras de Francisco plasmadas no seu “programa” de pontificado, *A Alegria do Evangelho*: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas a uma igreja enferma pelo fechamento e pela comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro” (EG, n. 49)?

Para impulsionar seu programa, convocou o Ano da Vida Consagrada⁵, um verdadeiro

⁵ Por ocasião do quinquagésimo aniversário da Constituição dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja, que no capítulo VI trata dos/as religiosos/as, bem como do Decreto *Perfectae Caritatis* sobre a renovação da vida religiosa, o Papa Francisco decidiu proclamar um ANO DA VIDA CONSAGRADA, cujo início se deu ao dia 30 de novembro de 2014, I Vésperas de Advento, e se concluirá com a festa da Apresentação de Jesus no Templo, a 2 de Fevereiro de 2016.

despertar que conclamou cada religioso/a consagrado/a a olhar com gratidão o passado, perscrutar o presente à luz do Evangelho e do carisma institucional em vista de construir um futuro com horizontes de esperança, deixando de lado as “profecias de agouro” que tendem a disseminar fatalismos, paradoxalmente sustentando os comodismos que encerram a VRC em si mesma. O Papa Francisco, religioso consagrado na Companhia de Jesus, sabe que pode contar com “sua gente!” Em cada oportunidade de encontro com seu “sindicato” aproveita para instruir no conhecimento de Jesus, dar orientações pastorais e práticas sobre a fraternidade, e fomentar profecia do Evangelho da vida e da defesa dos pequenos do Reino⁶.

⁶ Além da *Carta os Consagrados*, íntima no afeto fraterno e objetiva na proposta feita pela proclamação do Ano da Vida Consagrada, Francisco autoriza uma série de publicações feitas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica com reflexões e aprofundamentos sobre as alegrias, os desafios e as esperanças da VRC, com a colaboração de peritos das Conferências de Religiosos de vários lugares do mundo. Eis os títulos: “Alegrai-vos”; “Perscrutai”; “Contemplai”.

Antes de terminar o ano da Vida Consagrada, convocou, de surpresa, o Ano da Misericórdia⁷, um Jubileu à moda bíblica, cuja reconciliação parte do desejo de Deus e perpassa todas as dimensões da vida: as relações interpessoais (família e comunidades de fé), a economia (políticas e gestão no cuidado da Casa Comum), a cultura e a sociedade (renovação das bases étnico-culturais para uma compreensão da complexa situação do mundo atual). Exercitar-se no perdão, dinamismo criativo inaugurado por Deus que nunca deixa de perdoar, pois é amigo da vida (Sb 11,26). Pois, “toda cultura e todo grupo social necessita de purificação e amadurecimento”. (EG, n. 69).

Animados desde dentro porque reconciliados profundamente, Francisco conta com os/as religiosos/as consagrados para ajudar aos demais homens e mulheres do nosso tempo a facilitar o encontro

⁷ O Jubileu Extraordinário da Misericórdia teve como lema “Sede misericordiosos como o Pai”. A celebração iniciou em 8 de dezembro de 2015 (Solenidade da Imaculada Conceição) e encerrou-se na Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, em 20 de novembro de 2015, abrindo a Porta Santa não só em Roma, mas em todas as dioceses do mundo, como também nos presídios, facilitando o acesso às indulgências próprias da tradição eclesial para tais eventos jubilares. Esse Ano Santo marca as celebrações do 50º aniversário do encerramento do Concílio Vaticano II.

com Jesus, Deus que foi visto andando pelo mundo.

Alguns elementos essenciais

Após o Concílio Vaticano II, o Papa Paulo VI lançou o desafio à Vida Religiosa Consagrada de retomar a força do testemunho evangélico. Na *Evangelica Testificatio* colocou a pergunta sempre atual para um profundo discernimento: Como atualizar sem perder o essencial? Hoje essa pergunta reenquadra o sonho de Papa Francisco para a Igreja inteira.

Oração-Mística, Alegria-Fraternidade e Missão são elementos sempre presentes nos diálogos de Francisco com os/as consagrados/as. Talvez pareçam temas óbvios, mas como muitas coisas óbvias passam despercebidas, ele insiste nelas para que os consagrados não se acostumem a uma realidade que, de tão precária, pensa-se ser natural a dor e pode-se cair na tentação de habituar-se à injustiça. Aqueles e aquelas que assim se portam, são consagrados de “coração blindado”. (Santa Cruz de la Sierra-Bolívia, 09/07/2015).

Para começar, gratuidade! Cotidianamente e em tudo o que faz parte da nossa vida consagrada. Sem gratuidade a vida fica pesada e insuportável. A vocação é uma graça, dádiva de Deus para o serviço dos outros. E se fundamenta naquele primeiro amor (Ap 2, 4)

do encontro com Jesus que se renova todo dia, a cada instante, no desejo autêntico de configurar-se com Ele. Como o foram na vida de Jesus, as tentações na nossa vida também podem ser frequentes e muitas: ser arrastado pelo desânimo ao invés de guiar-se pelo Bom Pastor; lamentar-se e criticar invejosamente os colegas minando suas seguranças; viver comparando-se aos outros sem sair do comodismo individual que se sustenta na falsa imagem elevada de si mesmo; andar sem rumo, sem objetivo e de forma isolada. “Da qualidade da nossa vida espiritual depende a qualidade da nossa consagração”. (Cairo-Egito, 29/04/2017).

Rezar é essencial! “Diga-me como rezas que te direi como vives; diga-me como vives e te direi como rezas” (ditado mexicano). Quando os discípulos pedem a Jesus que lhes ensine a rezar, Ele os introduz no mistério de sua vida, partilhando na sua carne a vida do Pai. Oração e vida dão sentido à nossa entrega. Sem relação com o Senhor na proximidade do sacrário, não seria possível a proximidade com o povo. É difícil criar comunidade fraterna sem oração! (Morelia-Cidade do México, 16/02/2016). De fato, Francisco defende a tese de que o remédio para uma fraternidade sadia, fraterna e apostolicamente, é a mís-

tica como autêntico estilo de vida consagrada. (EG, n. 92).

Quantos minutos ou quantas horas leio o Evangelho ou a Escritura em cada dia? Na oração crescemos em liberdade, aprendemos a ser livres. A oração nos arranca do auto centramento sobre nós mesmos, fechados numa experiência religiosa vazia e nos põe docilmente nas mãos de Deus. E na oração quero também aconselhar-vos uma coisa: pedi, contemplai, agradecei, intercedei, mas habituai-vos a adorar. Aprender a adorar em silencio. Aprender a rezar assim (Medellín-Colômbia, 09/092017).

Longe de alienar, a oração à luz do Evangelho, aliada ao estudo das Sagradas Escrituras, ajuda a interpretar a realidade com os olhos de Deus, deixando-se questionar por quem (os marginalizados, especialmente!) nos interpela a partir das coordenadas do seu mundo e da sua cultura. Um coração orante é capaz de discernir e cuidar. Rezar é também um modo de cuidado. Cuidar para não segregar pelo terrorismo da fofoca e pelo espírito de maledicência que minam as relações, aumentam as divisões e tornam mais complexa a cura das relações tão feridas e dolorosas; essas acabam por justificar todo tipo de violência e maltrato. (Daca-Bangladesh, 02/12/2017).

Fraternizar a convivência na comunidade é um desafio de sempre. Exige criatividade e bom senso, capacidade de escuta e de compreensão ética, desejo de amar e se doar uns pelos outros como testemunho de fé evangélica e de seguimento vocacional. Colaborar e se alegrar com as alegrias e esperanças de cada um, claro, sem descuidar da dor de quem sofre. Só assim é possível compreender que a vida fraterna em comunidade é já apostolado!

É preciso deixar fluir a misericórdia nas relações fraternas extravasando-a na vida das pessoas. Eis o desafio de “tornar-se especialistas da misericórdia divina precisamente através da vida em comunidade. (...) A vossa castidade, pobreza e obediência se tornarão um testemunho jubiloso do amor de Deus, na medida em que permanecerdes firmes sobre a rocha da misericórdia”. (Coréia, 16/08/2014).

Vê-se assim o mesmo movimento reformador, de dentro pra fora, do centro para as periferias. E quais periferias precisam de nós? Aquelas que precisam da luz do evangelho! (EG, n. 20). Lá onde a vida clama liberdade, dignidade e espaço para expandir-se em plenitude. Situar-se hoje na missão requer uma memória agradecida e fundada em raízes

profundas que dão vida ao seguir e/ou servir o Senhor, nos irmãos e irmãs: “Um conselho de irmão e de pai: todas as noites dissei: ‘Faça-se (Como Maria!). Obrigada por tudo o que me deste’”. (El Quinche-Ecuador, 08/07/2015).

O espírito sinodal do Papa tem fortalecido os âmbitos de diálogo e de discernimento da VRC. Graças a Deus! Quem sabe assim, toda a Igreja e toda a sociedade possam aprender, pouco a pouco, um estilo promissor de conhecer a realidade e confrontar-se serenamente com seus desafios, à luz de valores autenticamente evangélicos. (GE, n. 158-175).

Pedagogia do Encontro

Paradoxalmente, enquanto as longas distâncias se encurtam pelos meios rápidos de transporte e a comunicação nas mídias se realiza em tempo real, as pessoas experimentam cada vez mais um distanciamento social, cuja separação se sustenta em preconceitos, mitos e saberes distorcidos pela ignorância, ou simplesmente, pela indiferença e o cansaço do tempo. O que pode estar anestesiando a vida do povo?

Embora a pandemia que assolou a humanidade tenha deixado um rastro de destruição em várias áreas da vida humana, pa-

rece também ter sensibilizado as pessoas frente aos males que afligem o mundo, como por exemplo, o feminicídio, o tráfico de pessoas, o negacionismo da realidade nua e crua do submundo da droga, do fosso cada vez maior entre a minoria que esbanja as riquezas do planeta em detrimento de uma imensa maioria que sofre com a fome, a miséria, a violência e as inúmeras doenças agora escondidas sob o guarda-chuva da Covid19, principalmente causadas pela falta d’água e ao acesso aos cuidados emergenciais.

A partir do clamor da realidade sofrida do mundo, o Papa Francisco se mobiliza para alcançar nas viagens apostólicas - usuais já para seus antecessores - estabelecendo critérios bem mais originais para realizar essa aproximação às pessoas. Ele não se prende somente à história e à tradição dos países tidos por católicos, mas busca se achegar àqueles em que as minorias sócio-político-religiosas são vítimas do abandono e do descarte por parte da insensibilidade dos poderes políticos ou religiosos, “pesados de tudo e cheios de nada”, cuja finalidade deveria ser um sinal próximo de Deus sempre presente e misericordioso (Ex 34,6) revelado em Cristo Jesus (Ef 2,4s). Ele convida à constância no bem, mesmo frente ao sofrimento, alimentan-

do-se do amor de Deus, pois, “são precisamente as tribulações que delineiam os traços distintivos da esperança cristã”, abrindo-nos a um “nós” que integra e supera o “eu”, até ao ponto de incluir a criação inteira (Kaunas-Lituânia, 23/09/2018).

É precisamente desses “lugares e pessoas invisíveis”, ou seja, das periferias do mundo e da existência, que Francisco aproveita para sensibilizar o mundo frente ao sofrimento dos pequenos e descartados pelo domínio da tecnocracia que explora, degrada e produz tantas benesses, mas não alcança a imensa população de desafortunados invisibilizados justamente pelas ditas “leis de mercado”. E o faz clamando o que de mais precioso o ser humano possui, independentemente da sua crença ou valores étnicos: sua própria existência feita de fragilidades, de limites e de necessidades, Mas o faz também pela busca de sentido, de sentimentos e de ética, que nos igualam como irmãos de caminhada. Por isso, estimula o diálogo e o encontro para uma fraternidade e amizade sociais: *Fratelli tutti!*

Assumir processos de cura e reconciliação

Como dito anteriormente, Francisco tem preferido estar lá onde as dores do mundo são mais

patentes, por exemplo, nos lugares onde a comunidade cristã é um sinal da fragilidade mesma do ser humano, além de ser uma minoria. “Ser minoria não é um problema! O problema é quando essa minoria se torna insignificante”. (Rabat-Marrocos, 31/03/2019).

Além disso, vai não só onde há cristãos. Também vai a tantos lugares onde as minorias étnicas e religiosas padecem sob sistemas políticos e socioeconômicos que ofuscam suas esperanças. A raio da paz, o Papa convida a conservar a fé dos avós num diálogo com as novas gerações, elaborando juntos o presente, fazendo-o crescer com esperanças de futuro. O Evangelho não se difunde por proselitismo. Ao invés disso, há um ecumenismo prático, nada burocrático, feito pelo respeito e a amizade social. Pois, a presença cristã é como o fermento na massa (Mt 13,33) que faz crescer toda iniciativa em conjunto para o bem de todos: rezar e praticar obras de caridade, saudar as pessoas independentemente de sua condição social, política ou ideológica, e participar da luta pela justiça e pela paz, sendo “fazedores” de paz. (Tbilisi-Geórgia, 01/10/2016).

Ele insiste com os religiosos e religiosas de várias gerações, em lugares marcados pelo medo, pela violência e pela guerra, a revigo-

rarem o seu testemunho de fé e amor ao Reino como remédio contra toda tentação de vingança. Segundo ele, “os agentes de evangelização devem ser, antes de mais nada, artesãos do perdão, especialistas da reconciliação, peritos da misericórdia”. (Banghi-República Centro Africana, 29,11/2015).

Ao contrário dos que discursam sobre paz, mas mantêm fábricas de armas sustentadas pela lógica diabólica de uma economia de morte que empurra milhares e milhares de pessoas ao submundo da droga, da prostituição e da fome, os cristãos são chamados a ser no mundo os artesãos duma paz fundada na justiça. Deus é nossa Justiça! (Jr 33,16). Tomado da força dos mártires e dos antepassados dos pobres do mundo, Papa Francisco lança seu grito profético de justiça e de paz, clamando os governantes para políticas de desenvolvimento humano, para que todos tenham teto, trabalho e terra.

E assim, sua coragem apostólica infunde aquela sensibilidade própria de Deus em se aproximar e chorar junto com as pessoas, pois “nenhum de nós tem todas as respostas para os ‘porquês’”, mas nenhum consagrado ou consagrada, nem um sacerdote, podem “se esquecer do Cristo Crucificado”. Se o fizer, já terá caído no peca-

do da tibieza” (Nairobi-Quênia, 26/11/2015). Todos são assim chamados a ser um sinal da consolação divina que vem de Jesus Cristo crucificado. Rezar e servir faz parte da vida de todos aqueles que se deixaram escolher por Jesus. Servir! Não se servir dos outros. Simplesmente trabalhar com o Senhor, sem pretensões de ser o Messias! Esse “neopelagianismo autorreferencial” de quem no fundo só confia em si mesmo e nas próprias forças, e se sente superior aos outros, só se cura pelo riso: rir de si mesmo olhando-se no espelho. (Trujillo-Peru, 20/01/2018).

Imbuído de profunda humildade, Francisco não se omite diante das dores provocadas pelos membros do clero ou da VRC. Tem chamado à “vergonha” que leva ao arrependimento e à conversão a todos quantos usaram do “poder” do próprio status eclesial para esconder e silenciar as vítimas do abuso sexual.⁸ Ele tem feito

⁸ Formação e informação adequadas; estudos e diálogos em congressos sobre o tema da pedofilia, do abuso de poder e consciência e tantas outras iniciativas levaram a Santa Sé a criar uma comissão interdisciplinar para a tutela de menores e lançar mão do Moto próprio *Come una madre amorevole* (2017), como também das *Diretrizes para a proteção dos menores e das pessoas vulneráveis* (2019), normativa na Cidade do Vaticano, servindo de protocolo de ação para cada Igreja local em conformidade com as leis civis.

quebrar as burocracias e a velha cultura do silêncio indiferente ao sofrimento dos vitimados: “O pesar e a vergonha devem tornar-se ocasião de conversão: que nunca mais aconteçam os abusos!” (Catedral de Notre Dame em Québec-Canadá, 28/07/2022).

A todos clama à misericórdia e à justiça. A consciência das próprias chagas liberta a Igreja da autorreferencialidade, da mania de grandeza, da tendência prometeica de quem no fundo só confia nas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado: “Evangelho é um caminho de conversão, mas não só ‘dos outros’, mas também nossa”. (Santiago de Chile, 16/01/2018).

É preciso um novo modo de se relacionar com o mundo que muda vertiginosamente. Francisco evoca o frescor da fonte evangélica na qual flui uma fé realista que leva ao reconhecimento sincero, contrito e orante das próprias limitações, a qual se renova em profecia comprometida com o mundo e com as pessoas, e não por um mundo ideal, que não existe.

Nunca é suficiente salientar que a corajosa atitude de proximidade do Papa às periferias existenciais do nosso mundo é uma ge-

nuína profecia para desinstalar-nos de todo comodismo mundano cujas estruturas são programadas e avaliadas com a visão do mercado. A Igreja não é uma empresa, muito menos uma ONG. Ele tem reiteradamente dito ao clero e aos religiosos que, mais que programas e esforços apostólicos eficientes e aferidos com sucesso à luz dos critérios mercadológicos, vale a perspectiva de Deus (Antananarivo-Madagascar, 08/09/2019). O valor do apostolado é medido pelo valor que o mesmo tem aos olhos de Deus, pois a cruz mostra-nos uma maneira diferente de medir o sucesso: a nós cabe-nos apenas semear. E se, às vezes, os nossos esforços e o trabalho parecem fenececer e não dar fruto, estamos a trilhar a mesma via de Jesus Cristo no aparente fracasso da cruz (Catedral de S. Patricio-Nova York, 24/09/2015). Por isso, é preciso pedir a força do Espírito, o qual nos mantém distantes do espírito do secularismo que pede projetos que funcionam sozinhos e com as simples forças humanas, sem Deus. Querer agir sem confiar em Deus,; isso é idolatria! (Québec-Canadá, 28/07/2022).

Mas atenção: não podemos desprezar o descanso necessário para refazer-se. Aliás, é preciso aprender a repousar de forma a aprofundar nosso desejo de servir de modo mais generoso (Mc 6,30-34).

Reacender a Fraternidade para construir espaços de sinodalidade

Se bem olharmos a história da VRC, ela sempre foi sinodal! Pode ser que se tenha em algum momento esquecido ou deixado de lado esse jeito de ser e viver evangélicos. E, por isso, hoje, mais que nunca, Francisco precisa dos religiosos e religiosas para que garantam que o povo fiel de Deus re-aprenda a participar e a fazer comunhão, juntos em caminho, sem exclusões. O mais importante é verificar o que acontece ao longo do processo sinodal: dialogar sem julgar; rezar a partir da realidade acolhida; discernir saídas e caminhos; decidir e trabalhar, juntos; avaliar e recomeçar, sempre.

O desafio é continuar juntos partilhando a união de Jesus para “transmitir a mística de viver juntos”, misturando-nos no encontro com os outros, fazendo fraternidade, “numa caravana solidária”, saindo de si mesmos para fazer unidade. (EG, n. 87).

A fraternidade da Igreja requer um caminho de liberdade evangélica, da criatividade da fé e de diálogo paciente que acolhe, integra, acompanha ... deixa crescer! “Discute-se, mas continuamos irmãos!...”

[...] pode-se discutir sobre perspectivas, sobre sensibilidades, sobre ideias diferentes, e em alguns casos dizer coisas um ao outro com franqueza, isso ajuda em alguns casos, e não dizê-las por trás numa coscuvilhice que não faz bem a ninguém. A discussão é uma oportunidade de crescimento e mudança. Mas lembremo-nos sempre disto: discute-se, não para se fazer guerra nem para se impor, mas para expressar e viver a vitalidade do Espírito, que é amor e comunhão. Discute-se, mas continuamos irmãos. (Nicosia-Chipre, 02/12/2021).

Francisco não perde oportunidade para reprovar atitudes lamuriosas e triunfalistas, as quais obstaculizam o processo sinodal com a desconfiança e o comodismo das repetições rotineiras, como também de perguntar como vai a alegria do Evangelho em cada pessoa consagrada. Deixar que o Espírito explicita o Reino de Deus escondido nas coisas pequenas, naquilo que frequentemente não se vê nem faz rumor. Ensina aos religiosos e religiosas, desejosos de percorrer o caminho aberto pelo Senhor na sua *kenosis*, a se esconderem nos sulcos da humanidade, servindo e salvando, acolhendo e cultivando a “mística” da fraternidade, encarnando-se nas culturas, fazendo o reino crescer desde dentro. (Catedral de Atenas-Grécia, 04/12/2021).

É preciso desenvolver um “olhar que discerne”, contrário ao “espírito de cruzada” que afirma que o mundo é mau, reino do pecado, esquecendo-se que “Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho unigênito, a fim de que todo o que n’Ele crê não se perca, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16). Todos são chamados a ter um olhar semelhante ao de Deus que sabe distinguir o bem e é obstinado a procurá-lo e alimentá-lo. Não um olhar ingênuo, mas um olhar que discerne a realidade.

Há uma cultura de exclusão que nos rodeia e condiciona os processos de fraternização social. Para derrotar esta cultura que gera ódio, medo e violência, Francisco sugere

que os pastores não se sintam superiores aos irmãos e irmãs do Povo de Deus; que os consagrados vivam a fraternidade e a liberdade na obediência em comunidade; que os seminaristas estejam dispostos a ser servidores dóceis e disponíveis e que os agentes pastorais não vejam o seu serviço como poder. Começa-se daqui. Vós sois os protagonistas e os construtores duma Igreja diferente: humilde, mansa, misericordiosa, uma Igreja que acompanha os processos, que trabalha decidida e serenamente na inculturação, que valoriza cada um e cada diversidade cultural e religiosa. Demos este testemunho! (Catedral de Notre Dame em Québec-Canadá, 28/07/2022).

Por onde passa, Francisco expande os horizontes de esperança das pessoas. E não podia ser diferente com a VRC, já que conta com seus “irmãos e irmãs” de caminhada, estimulando-os sempre a transformar cada obstáculo em oportunidade.⁹ E a vacina da esperança reforça a fé dos pais (anciãos) no coração dos jovens para transformar o mundo. (Bagdá-Iraque, 05/03/2021).

A Igreja não quer dominar as consciências e ocupar os espaços. Simplesmente quer ser fonte de esperança na vida das pessoas. E os consagrados não devem ter medo de formar as pessoas para uma relação madura e livre com o Senhor. Mas também entre si mesmas, sobretudo lá onde os

⁹ O mundo não se esquecerá jamais que, em meio à experiência trágica da Covid19 que ceifou a vida de milhões de pessoas, aumentou o desemprego em massa e exorbitantemente a pobreza no mundo, a voz de Francisco ecoou forte: rezar em solidariedade com os enlutados pelos falecidos; mobilizar diálogos entre pesquisadores e especialistas em combate ao vírus e suas variantes; protestar contra o desrespeito de quem “fura a fila” da vacina e exigir que haja vacina pra todos, começando pelos pobres e mais frágeis; tomar iniciativas de assistência através da *Caritas Internacional* para alcançar logo os mais atingidos, especialmente migrantes e refugiados. Suas iniciativas e gestos inspiraram os religiosos e religiosas em todos os cantos da terra a buscarem iniciativas simples e eficazes, enquanto os “líderes e poderosos” desse mundo debatiam entre si pensando o que fazer...

processos democráticos estão frágeis ou ainda iniciando, após tempos difíceis de totalitarismos violentos e opressores. (Bratislava-Budapeste, 13/09/2021).

Uma VRC corajosa discerne e explora novos caminhos, procura aquilo que o Espírito Santo lhe sugere. E o faz com humildade, simplicidade, sem extravagâncias nem marketing. É protagonista desde as bases, discreta nas atitudes, mas eficaz nas ações cotidianas. Porque sabe em quem colocou toda a sua confiança (2Tm 2,12).

Protagonistas do Reino a partir das bases.

Com Jesus no meio do povo: esse é o desejo de Francisco para a VRC! Frente às transformações multiculturais pelas quais o mundo passa, é necessário estar inserido com Jesus no coração destas transformações. Não com atitude defensiva e nem movidos pelos próprios medos, mas com as mãos no arado procurando fazer crescer o trigo muitas vezes semeado no meio do joio (Mt 13,24-30).

A fé se transmite com a vida e cresce com o testemunho. Francisco sempre traz à tona o tema da memória que ajuda a não perder as raízes culturais e religiosas de um povo. É necessário descobrir-se Igreja que caminha na

história entre memória e futuro, uma igreja sinodal, participativa e corresponsável. Quando se perde a memória, esgota-se a alegria, esmorece-se na gratidão a Deus e aos irmãos e se cai na tentação da autossuficiência. (Nur Sultan-Cazaquistão, 15/09/2022).

Somente juntos, no diálogo e no acolhimento recíproco, pode-se verdadeiramente realizar algo de bom para todos, como por exemplo, construir espaços de liberdade e de sinceridade, remédio para a corrupção e a falsidade que minam as relações sociais, familiares e eclesiais. Praticar as Bem-aventuranças evangélicas nas situações cotidianas ajuda na construção do Reino de amor, justiça e paz, que se opõe a toda forma de egoísmo, violência e degradação. Nos lugares onde convivem várias confissões cristãs e múltiplos credos religiosos, Francisco insiste: “sejamos sempre a favor do diálogo, sempre, tecedores de comunhão com os irmãos de outros credos e confissões”, começando pelos últimos, pois “é pela forma como se tratam os últimos que se mede a dignidade e a esperança de uma sociedade”. (Manama-Bahrein, 06/11/2022).

Dóceis ao Deus da Misericórdia, nunca quebrados pelos ventos das divisões, sintam-se todos os religiosos e religiosas portado-

res da libertação alegre de Jesus no meio das tribulações do povo. Isso requer vencer a mediocridade espiritual que não favorece encontros com Deus nem com os outros. Vencer a comodidade humana que prende na inércia de uma prática religiosa sem entusiasmo e distante dos problemas do povo, tornando as lideranças cristãs em “frios burocratas do espírito”. Vencer a superficialidade pela formação permanente, que dura toda a vida, servindo o povo como testemunhas do amor de Deus pelo testemunho de proximidade e trabalho junto com os pobres. “Aprendamos do Senhor que está sempre próximo, sendo testemunhas de fraternidade, nunca de guerra”. (Kinshasa-República Democrática do Congo, 02/02/2023).

O amor de Deus não se mede pelos cálculos humanos. Generosamente doado (Rm 5,5), sempre infunde a coragem de recomeçar. Fugir da tristeza interior e deixar-se acompanhar por alguém mais experiente em discernimento espiritual – porque o Senhor não nos chama para sermos solitários! – ajuda a não perder o ritmo da itinerância.

“Humildes companheiros de viagem daqueles que nos estão confiados”, ensina o Papa aquela docilidade para com Deus que torna os religiosos e religiosas ca-

pazes de interceder pelos irmãos. Então, Deus desce para libertar (Ex 3,5-7). Interceder pelo povo é colocar-se dentro da sua história para o aproximar de Deus. Interceder é “fazer-se ponte” para unir as pessoas, no meio das tribulações, das lágrimas, da fome de Deus e da sede de amor. Sempre juntos!

Quero repetir aquela importante palavra: juntos. Não a esqueçamos: juntos. Bispos e padres, padres e diáconos, pastores e seminaristas, ministros ordenados e religiosos (nutrindo sempre respeito pela maravilhosa especificidade da vida religiosa): procuremos entre nós vencer a tentação do individualismo, dos interesses parciais. É muito triste quando os Pastores não são capazes de fazer comunhão: não conseguem colaborar, ou até se ignoram mutuamente! Cultivemos o respeito mútuo, a proximidade, a colaboração concreta. Se isto não acontece entre nós, como poderemos pregá-lo aos outros? (Juba-Sudão do Sul, 04/02/2023).

A Alegria do Evangelho inspira a VRC a não perder seu vínculo com o Senhor que vocaciona para uma missão assumida não como peso, mas como parte da experiência de amor que sabe o quanto custa cada gesto de bondade, empenho apostólico e ajuda humana nas periferias do mundo. Ali testemunhar alegria é desafia-

dor, mas não impossível, pois os “pobres em espírito” sabem, lá no fundo, que o Reino lhes pertence (Mt 5,3).

Ao invés de conclusões... horizontes de esperança!

A energia de um homem ancião (86 anos!) e sua criatividade pastoral provoca em todos o desejo de aprender na oração que, geralmente, Deus não recorre a acontecimentos extraordinários. Ele realiza sua obra na aparente monotonia do dia a dia, no ritmo muitas vezes extenuante das atividades, nas pequenas coisas que se realizam com humildade e tenacidade, procurando cumprir a vontade de Deus.

Em gestos, mais que em palavras, Francisco tem despertado a esperança no mundo e ensinado aos consagrados que a perseverança na vocação é uma graça a se pedir sempre, mas também uma tarefa que exige de cada religioso/a, um constante cultivo. Do desejo genuíno que nasce do amor ao chamado feito pelo Senhor Jesus em dado momento da vida, que cresce e se fortalece pela oração cotidiana, e na alegria de servir a todos, preferencialmente aos pobres, a VRC vai alargando os horizontes de esperança do povo, na Igreja e no mundo. Vida religiosa oblativa, gratuita e

agradecida! (Bancock-Tailândia, 22/11/2019).

A VRC sonhada pelo “Francisco de Roma” segue a Jesus de Nazaré, apaixonada pelo Reino e pelo ser humano até o ponto de dar-se como Ele, até à morte se preciso for, para fazer a vida se transfigurar, revelando os vestígios de plenitude da ressurreição, garantia da Aliança definitiva que o Pai tanto prezou por ser fiel amorosamente e continua sendo, em graças abundantes, na vida de seu povo.

Concretamente, o testemunho profético e fiel da VRC, pioneira nas periferias da humanidade, passa hoje:

- Antes de tudo, pela contemplação evangélica de Jesus de Nazaré e do seu jeito de ser e de viver a vontade do Pai, a qual suscita compromisso amoroso pela Igreja e pelo mundo, segundos os carismas fundacionais;
- Pela conversão contínua, fomentada pela divina *Ruah* em processos permanentes de formação e humanização, pessoal e comunitariamente;
- Pela criação e ampliação de espaços sinodais em nossas Igrejas e comunidades, a fim de ajudar-nos mutuamente na missão, incluindo o feminino e o “descartado”!

- Pela crescente consciência de cada consagrado/a em se tornar uma presença amiga de fraternidade/sororidade na Igreja e na sociedade, superando as distâncias criadas e fortalecidas pelos preconceitos e pela ignorância;
 - Pela audácia em quebrar “esquemas velhos e obsoletos” em vista de novas iniciativas práticas e ágeis frente aos desafios desse mundo tão enfermo e, cada vez mais dividido, pela ambição e pelo egoísmo que sustentam a injustiça social;
 - Pela mobilização das forças de cada carisma congregacional em iniciativas intercongregacionais, viabilizando projetos de assistência caritativa e responsável, sempre educando à autonomia interdependente e à solidariedade evangélica nas pessoas auxiliadas;
 - Pela formação e participação sinodais em redes mais amplas de diálogo e ação sociais, independentemente das ideologias políticas e religiosas, na busca de realizar, pouco a pouco, a justiça e a paz da “Terra sem males”;
 - Por ser uma presença de alegria e de esperança, sendo memória fiel da cultura e da fé genuína dos povos, alargando a ciranda da vida e animando-a como expressão da festa eucarística, onde todos tem seu lugar.
- Essa é a VRC animada pelo Papa Francisco nesses 10 anos de ministério petrino!

Questões para dialogar:

- Quais palavras ou gestos de Papa Francisco me estimulam criativamente em nossa vocação e missão, nesses tempos tão desafiadores?
- Em que o ministério profético do “Francisco de Roma” inspira a mudar, pessoalmente, e na nossa comunidade fraterna? Por quê?
- Como podemos tornar os ensinamentos de Papa Francisco mais presentes na nossa vida cotidiana, ajudando a traduzir e a viver a alegria do Evangelho? Elenque três possibilidades.

Referências

- CELAM. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.
- FRANCISCO, Papa. **Carta apostólica às pessoas consagradas para a proclamação do ano da vida consagrada**. São Paulo: Paulus, 2015.
- FRANCISCO, Papa. ***Evangelii Gaudium***: Exortação apostólica sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO, Papa. ***Gaudete et Exsultate***: Exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO, Papa. ***Fratelli tutti***: Carta encíclica sobre a fraternidade e amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.
- JOÃO PAULO II. ***Vita Consecrata***: Exortação apostólica pós-sinodal sobre a vida consagrada e a sua missão na Igreja e no mundo. São Paulo: Loyola, 1996.
- PAULO VI, Papa. ***Evangelica Testificatio***. Exortação Apostólica sobre a renovação da Vida Religiosa segundo os ensinamentos do Concílio. Roma, 29 de junho de 1971.

PROFOLIDER 2024



- ✓ Casa de Retiros São José – Salvador, BA
- ✓ De 17 de outubro a 26 de novembro de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:

formacao@crbnacional.org.br

Fone/Whatsapp: (61)98471-0242

O ANO VOCACIONAL DO BRASIL EM TRÊS PERSPECTIVAS: PESSOAL, COMUNITÁRIA E ECLESIAL

Ir. Maristela Ganassini¹
Luis Duarte Vieira²

O processo histórico

A Igreja do Brasil, desde 2019, por ocasião do 4º Congresso Vocacional do Brasil, assumiu o compromisso de “preparar um Projeto para celebrar os 40 anos do 1º Ano Vocacional do Brasil (1983), propondo que neste ano de 2023, seja proclamado o 3º Ano Vocacional em âmbito nacional.” (CNBB, 2020)

Tal proposta foi acolhida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, tendo sido aprovada

por todos os bispos brasileiros na 58ª Assembleia Geral da CNBB, no ano de 2021. Assim sendo, este ano de 2023 foi proclamado o 3º Ano Vocacional da Igreja no Brasil, a ser celebrado em todo o país, durante o período de 20 de novembro de 2022 a 26 de novembro de 2023.

O evento dá continuidade às reflexões e processos vividos nos Anos Vocacionais que o antecederam. O primeiro Ano Vocacional, realizado em 1983, aprofundou o tema “Vem e segue-me” (Mt 19,21;

¹ Religiosa da Congregação: Filhas do Sagrado Coração de Jesus. Assessora Executiva do Setor Juventudes/Vocações/Partilha de Carismas, da CRB Nacional. Endereço para contato: maristela@fscj.org.br

² Luis Duarte Vieira. Doutorando em Ensino de Ciências e Matemática (UPF). Integrante do grupo de pesquisa do Instituto de Pastoral Vocacional e membro do CAJUEIRO – Centro de Formação, Pesquisa e Assessoria em Juventude. Assessor da Pastoral da Juventude.

Mc 10,21; Lc 18,22). Naquele Ano Vocacional refletimos sobre esse chamado pessoal e personalizado que o Senhor faz, em seu amor, a todos e a cada um de nós. Por isso, o lema deste ano vocacional foi: “Eu conto com você”, recordando que todos são chamados e enviados. Pois, o próprio Senhor conta com nossa entrega amorosa.

Já em 2003, 20 anos depois daquele primeiro e histórico momento, um novo Ano Vocacional foi vivido pela Igreja do Brasil. O tema, “Batismo, fonte de todas as vocações”, ajudou toda a comunidade dos discípulos de Jesus a “avançar” na reflexão sobre as vocações, a partir do mandato do Senhor: “Avancem para águas mais profundas” (Lc 5,4), que naquele momento, foi assumido como lema.

O Terceiro Ano Vocacional

Por ocasião do 3º Ano Vocacional foi assumido como objetivo geral a tarefa de “promover a cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade, para que sejam ambientes favoráveis ao despertar de todas as vocações, como graça e missão, a serviço do Reino de Deus” (CNBB, 2022 3). E para tal, se propõe a aprofundar o tema: “VOCAÇÃO: GRAÇA E MISSÃO”.

Assumindo, em memória do caminho de Jesus com os discípulos de Emaús, o lema: “CORAÇÕES ARDENTES, PÉS A CAMINHO” (Lc 24,32-33). Além da inspiração a partir deste tema e lema, o Ano Vocacional assume como texto bíblico iluminador que expressa a certeza de que “Jesus chamou e enviou os que ele mesmo quis” (Mc 3, 13-19).

Para efetivar uma construção coletiva e apoiar as congregações, dioceses, paróquias e comunidades a bem celebrarem este momento único e histórico do 3º Ano Vocacional, foram organizadas quatro comissões. A Comissão Teológica elaborou o Texto Base do Ano Vocacional; a Comissão de Subsídios preparou os materiais para as famílias, as crianças e os jovens; a Comissão de Liturgia e Cantos teve a tarefa de preparar as celebrações litúrgicas e organizar o Hino deste Ano Vocacional e a comissão de Comunicação elaborou todo o processo de comunicação desse marco histórico da caminhada da Igreja no Brasil.

O Ano Vocacional tem gerado inúmeras atividades e processos em todo o país. No horizonte do Ano Vocacional, conforme expresso em seus objetivos específicos, está o desejo de “cultivar uma sensibilidade vocacional que favoreça a compreensão de que toda espiri-

tualidade, toda a atividade pastoral e toda a formação são vocacionais” (ChV 254)”; de “aprofundar a Teologia da Graça e da Missão dentro da pedagogia vocacional, que gere discernimento e respostas concretas ao chamado divino, com liberdade e responsabilidade” (CNBB, 2022 11); de “fortalecer a consciência do discipulado missionário de todos os batizados e batizadas, levando-os a reconhecer e assumir também a identidade vocacional da vida laical como uma forma própria e específica de viver a santidade batismal a serviço do Reino de Deus” (DAp 184); de “acompanhar cada jovem, de modo personalizado, numa maior proximidade e compreensão, favorecendo seu protagonismo e o impulsionando ao serviço generoso e à missão” (ChV 30); de “despertar vocações à Vida Consagrada e ao Ministério Ordenado, acompanhando-as num processo de formação integral, para que sejam sempre fiéis ao seguimento de Jesus e à missão de servir com alegria, em comunhão, tornando visível o Reino de Deus, de vida plena para todos” (CNBB, 2022, n. 14); de “intensificar a prática da oração pelas vocações em todos os âmbitos: pessoal, familiar e comunitário” (CNBB, 2022, n. 15); e por fim, de “fomentar, nos âmbitos regional, diocesano e paroquial, um serviço de anima-

ção vocacional articulado, com a criação e consolidação de Equipes Vocacionais Paroquiais e Diocesanas, dentro de uma pastoral orgânica, na sinodalidade, envolvendo todas as vocações” (CNBB, 2022, n.16). Assim sendo, o 3º Ano Vocacional faz diversos convites às pessoas, às comunidades e a toda a Igreja.

O convite pessoal

No âmbito pessoal, este Ano Vocacional, convida-nos a redescobrir que a vocação que vivemos é GRAÇA e MISSÃO. O Senhor em seu amor chamou-nos à vida e ao AMOR. Um amor “até o fim” (Jo 13, 1). Dar-nos conta de tal graça, é um convite permanente. Somos amados, profundamente amados. E partícipes desse AMOR, somos chamados a amar. Eis nossa missão: amar. Amar profundamente. Amar por inteiro. Amar radicalmente. Amar doando a vida em total oferta. Amar vivendo a vocação específica, que discernimos nessa dinâmica do amor.

Recordamos ainda que “toda vocação é dom e graça. Dom de Deus, que chama mulheres, homens e jovens para seguirem Jesus. Graça, por ser um chamado gratuito para permanecer com Jesus e, com ele, sair para anunciar o Reino e compartilhar dons e talentos, recebidos gratuitamente

te do Pai, pelo Espírito” (CNBB, 2022, n. 119). O sustento e fortalecimento da vocação dos/as consagrados/as passa necessariamente pelo convite a configurar-se pelo próprio Cristo. É o convite para sermos expressão desse amor, encarnando em nossas vidas o Seu Projeto de vida.

A partir da nossa configuração com Ele, os/as consagrados/as tornam-se presença significativa na comunidade, na missão e em todos os espaços que ocupam, seja na Igreja, seja na sociedade. Testemunhando o Cristo que ama, chama e envia, os/as consagrados/as oportunizam aos jovens e demais pessoas o desejo da aproximação e o desejo de conhecer ainda mais o estilo de vida que vivemos.

O Ano Vocacional nos recorda que, nessa dinâmica de chamado e resposta que toda pessoa vive, numa profunda relação amorosa, cada discípulo/a do Senhor é ainda convidado a rezar pelas vocações. Todo amor é relação. Pela oração pessoal e comunitária, alimentamos nossa relação amorosa com Deus. Somos convidados, pelo próprio Senhor a rezar pelas vocações: “Pedi, pois, ao Senhor da colheita que mande trabalhadores para sua colheita” (Lc 10,2). A vocação sendo fruto e síntese da graça de Deus, precisa

ser fundamentada na oração, na proximidade e na intimidade com Cristo. E essa relação amorosa com o Cristo, precisa ser fortalecida sempre e continuamente, para que assim possamos caminhar juntos com os irmãos, respondendo ao chamado do Senhor.

Ademais, como vocacionados e vocacionados, somos chamados/as a acompanhar todas as pessoas em seu processo de discernimento vocacional. Que cresça em todos nós a “consciência do discipulado missionário de todos os batizados e batizadas.” (CNBB, 2022, n. 229).

O Ano Vocacional ainda nos convida a um exame de consciência, sobre como temos respondido ao Senhor e como temos vivido nossa vocação cristã. Qual tem sido o testemunho de nossas vidas? Como temos respondido à chamada à santidade? O Senhor nos convida, em seu amor, a viver nossa vocação cristã de forma coerente, comprometida e profética, de modo a sermos testemunhas sempre mais credíveis. Lembremos sempre, “a chamada à santidade que o Senhor faz a cada um de nós, a chamada que dirige também a ti: ‘sede santos, porque Eu sou santo’ (Lv 11, 45; cf. 1 Ped 1, 16)” (GE, 10). Como recorda o Papa Francisco,

todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra. És uma consagrada ou um consagrado? Sê santo, vivendo com alegria a tua doação. Estás casado? Sê santo, amando e cuidando do teu marido ou da tua esposa, como Cristo fez com a Igreja. És um trabalhador? Sê santo, cumprindo com honestidade e competência o teu trabalho ao serviço dos irmãos. És progenitor, avó ou avô? Sê santo, ensinando com paciência às crianças a seguirem Jesus. Estás investido em autoridade? Sê santo, lutando pelo bem comum e renunciando aos teus interesses pessoais. (GE, 14).

Que o Ano Vocacional ajude todas as pessoas a refletirem sobre como tem respondido ao chamado do Senhor.

O convite comunitário

No âmbito de nossas comunidades de fé e da Vida Religiosa somos convidados/as, pelas propostas deste 3º Ano Vocacional, a rezar pelas vocações. A oração pelas vocações é uma tarefa pessoal, mas é, por excelência, uma tarefa comunitária.

E além da oração constante pelas vocações, por todas as vocações, nossas comunidades são chamadas a acompanhar todas

as pessoas em seu processo de discernimento vocacional. Esse acompanhamento não deve restringir-se à descoberta, mas deve ocorrer também na resposta. Assim sendo, como comunidade, somos enviados/as a acompanhar as pessoas em suas respostas vocacionais. Acompanhem os leigos e leigas em sua resposta, tanto na Igreja, quanto na sociedade. Jovens que estão nos processos formativos, bem como as/os religiosos/as e os ministros ordenados em sua resposta à Deus.

Ora, se a comunidade é expressão do Amor Trinitário, lembremos que o amor cuida e o amor acompanha. Sejam uma comunidade que ama, cuidando e rezando pelas vocações.

Lembremos ainda que “uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga. (...) Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitar-se empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito.” (CONGREGAÇÃO..., 1994, n. 28). Que a experiência da alegria fraterna, vivida nas respostas vocacionais que damos, suscite o verdadeiro desejo de uma convivência leve e fortalecedora de laços saudáveis. Em tempos nos quais a fragmentação dá espaço ao individualismo, precisamos de bases sólidas,

relações humanizadas, comunhão e partilha de vida. Neste Ano Vocacional, recordemos que é o próprio Senhor que nos convida à comunhão.

Muitas vezes já lemos, rezamos, e nos vem à memória a frase do nosso querido Papa Francisco: “onde estão os consagrados, os seminaristas, as religiosas e os religiosos, os jovens, há sempre alegria, há sempre júbilo! É a alegria do vigor, é a alegria de seguir Jesus: alegria que nos dá o Espírito Santo, não a alegria do mundo.” (FRANCISCO, 2013, n. 6) Podemos assim refletir e nos perguntar, neste Ano Vocacional, como está a nossa alegria, ela encanta e contagia? Que este tempo que o Senhor nos concede viver como Igreja do Brasil, nos ajude a refletir comunitariamente sobre nossa alegria.

Que possamos ser comunidades que vivam afetiva e efetivamente a opção preferencial pelas juventudes. Estejamos com as juventudes, caminhemos com elas, as escutemos. Compartilhemos de suas dores, alegrias, buscas e sonhos. Ajudemos os/as jovens no discernimento e vivência de seus projetos de vida. Formemos grupos de jovens em todas as comunidades. Potencializemos o protagonismo juvenil na caminhada eclesial e social. Acompanhemos, de modo personalizado e em grupos, os/as jovens em seus processos de educação na fé.

O convite eclesial

Muitos são os convites do Ano Vocacional a toda a Igreja no Brasil e no mundo. Num esforço desafiador de síntese, podemos afirmar que o Ano vocacional, convida toda a Igreja a redescobrir que a tarefa vocacional não é missão exclusiva do SAV/PV, mas de toda a Igreja, pois “toda espiritualidade, pastoral e formação são vocacionais” (CNBB, 2022, n. 229). Todos os batizados/as são e devem ser promotores vocacionais. O Ano Vocacional nos ajuda a redescobrir sempre, de novo, a importância de que a temática vocacional deva ser assumida de forma transversal e que todo aquele/a que se sente impulsionado e com seu coração ardendo pela causa de Jesus Cristo, se torne um missionário, uma missionária. Nessa consciência, o Ano vocacional, ainda nos convida a potencializar processos que efetivem uma cultura vocacional.

Outros convites são feitos pelo Senhor à toda a Igreja neste 3º Ano Vocacional. O Seminário Vocacional Nacional, realizado em Itaici, em maio de 2023, apresenta alguns destes convites. Por isso, anexamos a esta reflexão sua Mensagem Final, para que esta seja conhecida, rezada e refletida.

O envio à missão

O 3º Ano Vocacional precisa ser assumido por todos e todas, primeiramente como uma forma de cultivo da vocação pessoal de cada cristão e de cada cristã. Que este ano nos ajude a recordar que somos todos animadores e animadoras vocacionais, auxiliando e possibilitando a todas as pessoas que possam escutar e responder o chamado que o Senhor lhe faz, em seu AMOR.

Recordemos sempre que todas as vocações específicas são importantes e fundamentais para

a Igreja e para a construção do Reino de Deus no hoje e no agora. Não descuidemos da oração pelas vocações e estejamos comprometidos em construir uma cultura vocacional, sendo testemunhas desse Cristo que chama, ama e envia cada um e cada uma.

Sem dúvida alguma, o 3º Vocacional é uma graça que o Senhor concede à Igreja do Brasil. Sendo igualmente, um tempo que faz nossos corações arderem e os pés se colocarem à caminho a fim de respondermos com generosidade à missão confiada a cada um/a e a todos/as nós.

Para dialogar em comunidade:

- Percebemos que muitos são os apelos e desafios que este Ano Vocacional vem suscitando em nossas realidades. Como estamos nos envolvendo e de fato vivenciando este o 3º Ano Vocacional do Brasil?
- Somos convidados pelo Papa Francisco a “olhar o passado com gratidão, o presente com alegria e o futuro com esperança”. Como olhamos para a nossa história vocacional e que perspectivas temos para o nosso futuro pessoal e comunitário?
- Nosso testemunho vocacional é pessoal e comunitário? Como cultivamos nossas relações e como estamos testemunhando a alegria da consagração?
- A partir do lema do Ano vocacional, “Corações ardentes, pés a caminho” (cf. Lc 24. 32-33), o que faz arder nosso coração e para que realidades nos sentimos convocados a vivermos nossa missão?

- CELAM. **Documento de Aparecida**. V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Brasília: CNBB, 2007.
- CNBB. **Vocação: graça e missão**. Texto Base. 3º ano vocacional do Brasil. Brasília: CNBB, 2022.
- CNBB. **Vocação e discernimento**. Documento final do 4º Congresso Vocacional do Brasil. Brasília: CNBB, 2020.
- FRANCISCO, Papa. ***Gaudete et Exsultate***. Exortação Apostólica sobre o chamado à Santidade no Mundo Atual. São Paulo: Paulus, 2018.
- FRANCISCO, Papa. ***Christus Vivit***. Exortação Apostólica Pós Sinodal aos jovens e a todo o Povo de Deus. São Paulo: Paulus, 2019.
- FRANCISCO, Papa. Autênticos e coerentes, Papa Francisco fala da beleza da consagração. [Encontro com os seminaristas, os noviços e as noviças, Sala Paulo VI, Roma 06 de julho de 2013]. **L'Osservatore Romano**, Roma, 8-9 julho 2013.
- CONGREGAÇÃO para os institutos de Vida Consagrada e as sociedades de Vida Apostólica. **A Vida Fraterna em comunidade**. Roma, 2 de fevereiro de 1994. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_02021994_fraternal-life-in-community_po.html. Acesso em: 12 jul. 2023.

No 3º Ano Vocacional da Igreja no Brasil, reunimo-nos no contexto da Solenidade da Ascensão de Nosso Senhor para vivermos o Seminário Vocacional Nacional, que assume para si o objetivo deste Ano: “promover a cultura vocacional nas comunidades eclesiais, nas famílias e na sociedade, para que sejam ambientes favoráveis ao despertar de todas as vocações, como Graça e Missão, a serviço do Reino de Deus”.

Em momentos de partilha, formação, estudo e oração, debatemos aspectos da cultura vocacional. Além das reflexões teóricas, fizemos a experiência de imersão nesta cultura, na partilha de afetos, saberes e sabores. Demo-nos conta que esses dias foram dias de encontro conosco mesmos, com o Senhor e com os irmãos e irmãs. Deparamo-nos com inúmeros desafios que são postos à cultura vocacional. Olhamos para as crises existenciais, compreendendo-as não como problemas a serem superados, mas como possibilidade de mudança. E apesar de nossas inseguranças e medos, o próprio Senhor nos afirma: “Estarei convosco todos os dias até o fim do mundo!” (Mt 28,20).

Se, por vezes, há um silêncio ou um sentimento de vazio em nossos corações, refletimos que é justamente a inquietude saudável, nossos sonhos, a voz de Deus ecoando e nos provocando a retomar o caminho. Redescobrimos que vocação é dinamismo de chamado e resposta que se dá numa relação de transbordamento do amor do Senhor a todos. Como recorda o Papa Francisco “fomos criados pelo amor, por amor e com amor, e somos feitos para amar” (60º DMOV 2023). Nesse transbordar de amor que experimentamos, convidamos toda a Igreja do Brasil a:

I. Escutar, sempre, o Anúncio (Querigma), redescobrimo a centralidade do Cristo como princípio e fundamento da vida, para testemunhar a alegria do Evangelho.

II. Redescobrir que toda a Igreja é vocacional, ou seja, a animação vocacional não é tarefa apenas da equipe do SAV/PV, mas “pertence a toda Comunidade cristã, que deve promovê-la, sobretudo mediante uma vida plenamente cristã” (cf. OT, 2)

III. Respeitar as histórias, trajetórias e culturas das pessoas, comunidades e povos.

IV. Fortalecer processos vocacionais cada vez mais humanizados e humanizadores, pensando não apenas em técnicas e calendarização, mas também em vivências testemunhais.

V. Potencializar um planejamento vocacional para que seja sempre mais integral e integrado, e que fortaleça a vivência eclesial e comunitária, e a relação com o Senhor

VI. Acompanhar, de forma gradual e integral, nos âmbitos pessoal, comunitário e eclesial, homens e mulheres, na construção e vivência de seus projetos de vida, à luz do Evangelho e iluminados pelo Espírito Santo.

VII. Colocar a vida a serviço do próximo, em especial dos pobres, nas “periferias existenciais e geográficas”, recordando que “o serviço nunca é ideológico, dado que não servimos ideias, mas pessoas” (FT, 89), como nos lembra o Papa Francisco. Façamos da vida uma doação e entrega total.

Com os corações ardentes pelo encontro com o Senhor ao longo destes dias, pela trajetória vocacional da Igreja no Brasil e pela entrega de tantas pessoas na animação vocacional, desde o chão sagrado de Itaici, colocamos nossos pés a caminho.

“Maria, Mãe, Mestra e Discípula Missionária, continuai nos ensinando a ouvir o Evangelho da Vocação e a responder, com alegria, seja em Emaús ou Jerusalém, seja em minha cidade ou na comunidade, em qualquer estação vocacional” (TB, 229). Amém!

Mosteiro de Itaici, 21 de maio de 2023.

IRMÃS FRANCISCANAS DE CRISTO REI: JUBILEU DE DIAMANTE NO BRASIL (1963-2023)

Ir. Ivoni Fritzen¹

Resumo: O presente artigo visa resgatar elementos teológicos da história dos sessenta anos de presença no Brasil das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei à luz da Palavra encarnada e da perseverança no ideal carismático, dom de Deus na história. Tem como perspectiva lançar para o futuro este dom da Graça, do Espírito, no empenho e compromisso de crescer sempre sendo um sinal de vida e esperança nos caminhos do Reino de Deus.

Palavras-chave: Irmãs Franciscanas de Cristo Rei; Jubileu; Gratidão; História.

*Não tenhais medo, pequenino rebanho,
porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino (Lc. 12,32)*

Introdução

Celebrar um jubileu de presença do carisma no Brasil é acolher as graças da presença de Deus na história, é recolher as memórias das experiências vividas desde a

origem da caminhada que reconheceu o Espírito condutor desta grande Obra de Deus presente na criação, nos caminhos da vida, na presença das pessoas e na existência das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei desde 1459.

¹ Irmã Franciscana de Cristo Rei. Graduada em Teologia e Filosofia. Mestra em Ciências da Religião. Pós graduada em Gestão de pessoas. Atua em Assessorias para a VRC. Endereço: ivonilourdesfritzen@gmail.com

Para nós Irmãs Franciscanas de Cristo Rei significa acolher, escutar e renovar a Palavra: “Não tenhais medo, pequenino rebanho, por que foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino” (Lc. 12,32). Palavra e certeza de fé que vem acompanhando os passos desta família religiosa no decorrer dos tempos e hoje convida a bendizer a Deus pela ousadia, pela fé, pela esperança e a liberdade de deixar-se conduzir pelos movimentos gerados e transformados em vista da acolhida e o trabalho em favor do Reino de Deus.

Expressamos um profundo sentimento de gratidão a Deus pela “obra começada e continuada por séculos”, inspirada e acolhida pelas nossas queridas Terciárias Franciscanas de Veneza, na Itália. Afirmamos com o salmista “O Senhor fará tudo por mim. o Teu amor é para sempre. Não abandones a obra de tuas mãos” (Sl 138,8). Lembramos aqui os muitos desafios enfrentados com tanto ardor, com tamanha fé e abertura aos sinais dos tempos, recordamos a força inspiradora das nossas Irmãs na história, nos diversos momentos, nas realidades missionárias, na abertura em terras africanas e brasileiras. O recomeço vigoroso do espírito de Irmã Chiara Penso e Luigia Ferraro em 1878. O Espírito missionário de Madre Arcangela Sal-

varagio após o Concílio Vaticano II, a profunda fé e fidelidade de Ir. Teresia Bedin, a continuidade histórica encarnada pelas irmãs presentes na inserção das fraternidades, dos acampamentos, das missões intercongregacionais, nos serviços das comunidades eclesiais, na educação, na saúde, dos projetos sociais, da missão sem fronteira e por todas aquelas que já se encontram na glória, com Deus.

Celebramos um Jubileu de caminhadas, de visitação às pessoas especialmente os doentes, as crianças, os necessitados. Um Jubileu de acolhida aos irmãos e irmãs e serviço aos pobres. Um Jubileu de luzes e trevas, acertos e desencontros, avanços e necessários recomeços, de caminhos abertos e de situações reconstituídas, redimensionadas. Um Jubileu que nos impulsiona a reavivar o Dom de Deus, a ser pequena “Betânia” capaz de acolher e cuidar da vida e, confiantes trazer consigo o selo da Vocação cristã e franciscana. Um pequeno rebanho, que com fé e confiança continua caminhando com esperança e alegria em meio ao povo, que busca acolher em cada novo dia os sinais do Reino de Deus. Pequeno rebanho, inserido no contexto de grandes transformações, que resiste e acredita no futuro da vida para toda a humanidade (cf. Jo.

10,10) e por isso se empenha em prosseguir anunciando a paz e o bem como São Francisco de Assis.

A raiz do Evangelho

“Se alguém quiser me servir, siga-me, e onde eu estou, estará também o meu servo.” (Jo. 12,26) Eis nossa vida religiosa consagrada nestes sessenta anos. Por inspiração divina acolhemos livremente o chamado e a consagração de Deus nos colocando no caminho do seguimento de Jesus Cristo, na atitude de “servas”. Por isso, para servir o Reino olhamos para Maria a serva do Senhor que se colocou totalmente ao “faça-se de Deus” vivendo o amor. O “ser serva” requer caminho, processo, disposição e doação a ponto de ter em nós os sentimentos que havia em Jesus, para viver a total entrega com amor universal através da *kenosis* do próprio Senhor (Fl. 2, 5-11). Exige, a cada novo tempo, a conversão como condição para crescer no amor universal. É uma atitude fundamental da discípula/serva que segue os passos de Jesus. A conversão indica a ação de alterar, modificar, dar novo sentido, orientar para o caminho, para uma direção. É o ato de transformar.

Na linguagem franciscana, este ato de conversão resulta na transformação, no voltar-se a verterente da fé com todo o coração.

“Convertei-vos porque o Reino de Deus está próximo”. (Mt 13,1-2). Metanóia para nós cristãos/os franciscanos, é, portanto, a transformação do olhar, do pensamento e dos atos.

Vemos isto em São Francisco de Assis: o que antes era amargo “olhar para os leprosos”, tornou-se doçura de corpo e alma; o que antes era heroísmo, glória, reconhecimento, ser cavaleiro, agora se tornara simplicidade, humildade e serviço; o que antes era princípio próprio agora se tornou apenas Vontade do Senhor encontrada nas Santas Palavras de Deus; o que antes era pessoal e/ou familiar tornou fraternidade de irmãos e irmãs menores; o que era riqueza tornou-se pobreza no esplendor da graça.

E o que era pobreza, tornou-se a grande riqueza; o que era a natureza criada tornou-se fraternidade universal. Todas as criaturas são irmãs e irmãos. Foi a partir do encontro com Jesus pobre e crucificado, que seus olhos ficaram fixos nEle. (cf. Hb 12,2-4) e tudo foi se convertendo aos valores de Nosso Senhor Jesus Cristo e do seu Reino. Realizado no Faça-se que nos recorda a iniciativa primeira que é de Deus.

Na caminhada destes sessenta anos no Brasil percebemos como o Senhor foi nos ajudando a perceber as coisas novas que o profeta Isaias anunciava “Eis que estou

fazendo uma coisa nova e vocês não percebem” (cf. Is.43,19). As Irmãs, abertas ao clamor das realidades mais sofridas, foram captando, escutando e respondendo aos gritos da realidade do povo e da Igreja. Recordando-se mutuamente que a regra e vida é: “Observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo” (RB 1,1) e, para nós Franciscanas de Cristo Rei, o Cristo pobre, encarnado e crucificado (Fl 2,5-11) no serviço do Reino de Deus. Aprendemos de Jesus, o Senhor ressuscitado, a mistagogia de forasteiro, que se achega no caminho, entra na história, refaz a leitura das escrituras e da vida, reparte o pão, abre os olhos e habita para sempre.

Ele, que armou sua tenda e habitou entre nós, Ele que era de condição divina, se abaixa a tal ponto que assume toda a nossa humanidade, se fez servo e, totalmente esvaziado carrega o “húmus” que somos e nos conduz a libertação. Como “humus” e, certas de que juntas e juntos ao Senhor podemos seguir na paz e na esperança, continuamos nossa jornada.

A missão de anunciar e lançar a semente do Reino de Deus continua

O semeador lançou a semente. A semente caiu na terra, germinou, brotou e produziu frutos. É

assim, que aconteceu. A abertura da Igreja universal com a realização do Concílio Ecumênico Vaticano II, foi uma nova proposta de encarnação de Deus nas realidades do mundo. Nossas Irmãs, atentas a Palavra de Deus e da Igreja assumiram o desafio e enviaram religiosas para as terras brasileiras. Com muita disponibilidade e alegria as Irmãs, colocaram-se na escuta, acolhida e serviço das pessoas e da realidade nova, em missão.

Sempre abertas e atentas a voz de Deus e aos sinais da graça de Deus, foram acolhendo as novas oportunidades de missão e de presença em diferentes localidades no Brasil, foram também, com muita alegria, acolhendo jovens disposta a seguir Jesus, as quais, foram abraçando este ideal de vida na congregação das Irmãs Franciscanas de Cristo Rei. Teu amor, oh Senhor, é maravilhoso!

Brasil

Nosso ideal de vida é “ser uma semente do Reino” tendo Jesus Cristo Rei como ideal e centralidade em nossa vida; buscamos a cada novo dia ser sinal e instrumento do amor e da paz desde as pequenas coisas do cotidiano que nos envolvem.

Somos semente consagrada a Deus e ao seu Reino. Por isso te-

mos a missão de acolher e viver o serviço na simplicidade e humildade servindo os irmãos e irmãs mais pobres. Sentimos grande alegria quando estamos entre os mais pequenos. A experiência que marcou a Congregação na Igreja na década dos anos sessenta foi a encarnação na realidade e as adaptações onde o Espírito nos guiava; nos década dos anos setenta a presença torna-se maior testemunho junto ao povo e nos anos oitenta, assumimos o processo de inserção e inculturação morando em meio aos pobres, trabalhando como todos os pobres, vivendo em meio a realidade de pobreza e miséria. Foi neste tempo em que o Brasil passava por grandes crises e transformações que tivemos a coragem de alargar nossa tenda para morar entre os acampados sem-terra; assumir trabalhos para o ganha pão em intensa comunhão fraterna como todo povo de Deus; abrindo-nos à missão da igreja -Irmã e também a Intercongregacionalidade pela causa da vida.

Somos semente consagrada em fraternidade, aprendemos de Jesus “que nos chamou e convidou a estar com Ele e enviou em missão” (Mc.3,13-19), aprendemos juntas o silêncio, a escuta, a oração, a Palavra viva e eficaz que penetra o nosso ser e nos faz parecidas com Ele. O estar juntas com

Jesus, nos faz bem, nos fortalece e esclarece, nos ensina o perdão e a misericórdia, nos envolve de tal forma que como, Santa Clara escreveu a Inês e hoje escreve a mim e a você “Preferistes abraçar com todo o afeto da alma e coração, a santíssima pobreza, escolhendo o esposo de linhagem mais nobre, o Senhor Jesus Cristo, que guardará imaculada a vossa virgindade. Amando-o, sereis casta, abraçando-o, ficareis mais pura, acolhendo-o sereis virgem”. Santa Clara, em sua 1ª carta a Inês ainda nos lembra que precisamos nos fortalecer no santo serviço pelo qual nós temos decidido “em ardente desejo imitar a Cristo Pobre e Crucificado. (cf. 1ªct In.nº.6,7,11)

Somos semente consagrada em fraternidade e em missão. Missão aprendida de Jesus, vivida com Jesus no espírito de discípulas que seguem o mestre e Senhor em todos os lugares, nas vielas, nos cortiços, nas prisões, nas famílias, em todas as periferias existenciais. Missão que se faz no caminho, na itinerância, no constante sair de si mesma, na proximidade com o irmão. Missão que compreende conflitos, que busca a paz, que acolhe a todos, que inclui, que se faz caminho solidário com o irmão, que se abaixa para outros crescerem rumo ao Reino de Deus. Missão que não tem fronteira, que alarga as tendas para o

outro mundo possível, missão que se mantém na liminariedade da vida sem medo de morrer porque acredita na causa. Missão que é ser presença, ser anúncio, ser testemunha do amor misericordioso de Deus. Somos “Presença do carisma no Brasil a 60 anos”. Quanta graça Deus?

As fases do nosso ser e existir em terras brasileiras esteve sempre marcada pela abertura aos sinais dos tempos. De Joinville, SC a Chapecó, SC, muita escuta, percepção e aprendizagem em uma nova terra, nova gente, nova língua, novos tempos. De Chapecó a Garça, SP, depois a Campo Erê, SC, a Rio Grande da Serra, SP e assim fomos seguindo segundo os apelos de Deus. Quanta escuta, disposição e ousadia em partir para as comunidades cristãs, para as roças e periferias, para o serviço com os pobres, doentes e excluídos. Quanta proximidade! Quanta alegria! Quanta caminhada junto ao povo de Deus e em fraternidades religiosas.

Destas presenças em terras brasileiras, novas apelos chegaram: Inserção nos meios populares, uma vivência forte e significativa de vida como os pobres e com os pobres. Sim, uma vivência na qual compartilhamos vida na dor e na esperança; na escassez e na mesa farta de pão, no trabalho

árduo de boias-frias, e nos serviços mais humildes junto ao povo de Deus; nas liturgias e nos grupos de roda e reunião em vista de trabalho e de novas esperanças. Deus conosco, era a nossa paz e nossa força. Projeto de Igreja-Irmã no qual participamos por vários anos junto a comunidades ribeirinhas e comunidades rurais na região Amazônica. Colaboração com nosso carisma em Guiné Bissau, onde várias irmãs dedicaram-se no serviço de evangelização, formação, educação e saúde. Novos espaços de missão em Santa Catarina, no estado do Mato Grosso, e no Estado de Bahia cujas realidades eram pobres, distantes e sofridas.

Hoje, celebrando este jubileu de diamante, rendemos graças a Deus que muito nos amou e conduziu nos passos da história. Ele, o Senhor, o centro vital do nosso existir nos conduzirá com a sua graça e benção hoje e sempre na fé, na esperança e no amor.

A convocação para o caminho no esperar

a. Crescer no Amor Universal

O amor “é força primordial do espírito dotado de atividade volitiva, força afirmadora e criadora de valores, é, ao mesmo tempo, a força mais poderosa para comuni-

car uma nobre estrutura à totalidade da vida humana e realizar em toda sua plenitude a ordem moral”. (BRUGER, 1962, p. 54-56). Deus é amor, a centralidade do coração é amor, o crescer acontece no amor. Na Encíclica *Deus Caritas est*, o Papa afirma que o texto de 1 Cor 13 resume todas as reflexões que ele faz ao longo da sua Carta-Encíclica. No texto, São Paulo nos ensina que a caridade é uma prática no dar-se a si mesmo, no estar presente como pessoa. E Papa Francisco concretiza esta realidade do amor em suas decisões em seus gestos concretos desde o início do seu pontificado.

b. Escutar o grito da realidade do desamor

Os bispos da América Latina, na Vª Conferência Latino-americana e caribenha, afirmam que “a vida social em convivência harmônica e pacífica está se deteriorando gravemente (...) pelo crescimento da violência, que se manifesta em roubos, assaltos, sequestros e, o que é mais grave, em assassinatos que cada dia destroem mais vidas humanas e enchem de dor as famílias e a sociedade inteira” (CELAM, 2007, n. 78). O documento, porém, não registra apenas as desgraças do mundo em que vivemos, mas nos ensina o caminho para enfrentar essa dura realidade: “A radica-

lidade da violência só se resolve com a radicalidade do amor redentor”. (CELAM, 2007, nº 78). Isto é possível quando nos tornamos instrumentos do amor de Deus.

c. O grito da Laudato Si

Na *Laudato Si* (n. 13), o Papa Francisco clama: “É urgente o desafio de proteger nossa casa comum, unir a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral...”. A poluição nos afeta todos os dias, as queimadas, os lixos produzidos, a concentração da terra e dos bens fazem crescer cada dia as injustiças, as doenças, a pobreza e miséria para muitos irmãos e povos. A perda da biodiversidade implica a vida no futuro. A deterioração da qualidade de vida humana e a degradação social se dá também pelo “caos” urbano, por uma política que perdeu o sentido do bem comum, pela desigualdade planetária. Na “Querida Amazônia” (2020) o Papa revela um grande amor nos iluminando a sonhar, a trabalhar pela concretização dos Sonhos: Um sonho social que integre e promova todos os habitantes para poderem consolidar o “bem Viver”; Um sonho cultural que cultive sem desenraizar, faça crescer sem enfraquecer a identidade, promover sem invadir no respeito a vida dos povos;

Um sonho ecológico que reconheça que tudo está interligado (LS n. 16;91;117;138;240) e que existe uma relação estreita do ser humano com a natureza; Um sonho eclesial que continue nas indicações e decisões do Vaticano II, no anúncio e testemunho do Evangelho da Alegria sendo uma Igreja em saída, em direção da alteridade, especialmente dos mais pobres. Entre tantos outros desafios, a Vida Religiosa franciscana tem como razão de ser, a vocação como sinal do modo de ser de Deus no mundo. Revelar a primazia do amor para a humanidade, sobretudo aos que mais sofrem. Lembremos que, na origem de todas as Congregações, a voz que ecoou veio do mundo dos pobres, assumida com audácia, fez-se carisma-missão. Portanto, na raiz de todos os carismas fundacionais está o grito da vida ameaçada.

Na *Fratelli Tutti* (2020, n. 9), Francisco nos indica a prática do

amor com raiz evangélica e concretude na comunhão entre os povos pela vida em abundância de todas as pessoas. Assim, permanecer na dinâmica da formação, consiste em estarmos centradas no foco do amor trinitário que se abre ao clamor do mundo, e que neste tempo histórico necessita de discernimento, oração e renovado vigor.

Bendizemos a Deus pela vida de leigos e leigas, sementes do Reino de Deus, que compartilham do Carisma com a Congregação nas comunidades e lugares onde estivemos e /ou ainda estamos presentes, pelos caminhos da Conferência dos Religiosos do Brasil e pela comunhão com toda a Igreja no mundo.

Continuamos a lançar sementes de esperança, de solidariedade, de paz, de justiça, de alegria, de confiança e consolação entre os mais necessitados. Sementes do Reino de Deus ontem, hoje e sempre.

Perguntas para dialogar em comunidade:

- Quais jubileus sua Congregação já celebrou e o que significou isso na existência concreta das comunidades?
- O jubileu é uma grande ação de Graças. Como nossa comunidade percebe os aspectos teológicos no processo de encarnação e de transformação à luz da história?

Referências

127

- BRUGER, Waler. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Herder, 1962.
- BENTO XVI, Papa. ***Deus caritas est***. Carta Encíclica sobre o Amor Cristão. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CELAM. **Documento de Aparecida**. V Conferência do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulinas, 2007.
- FRANCISCO, Papa. ***Laudato Si***. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus, 2015.
- FRANCISCO, Papa. **Querida Amazônia**. Exortação Apostólica Pós-sinodal. São Paulo: Paulus, 2020.
- FRANCISCO, Papa. ***Fratelli Tutti***. Carta Encíclica sobre a fraternidade universal e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

CERNE 124



- ✓ Centro de Espiritualidade *Flos Carmeli* - Mairiporã, SP
- ✓ De 11 de fevereiro a 21 de março de 2024
- ✓ Informações e Inscrições:
formacao@crbnacional.org.br
Fone/Whatsapp: (61) 98471-0242

ORIENTAÇÕES PARA OS/AS COLABORADORES/AS

A revista

A Revista Convergência é uma publicação trimestral que aborda temas relacionados à Vida Religiosa Consagrada ou com reflexões que dizem respeito à missão desenvolvida pelos religiosos/as.

Aceitam-se colaborações de religiosos, religiosas e de toda pessoa interessada na temática. Os artigos são publicados após consulta ao conselho editorial. É desejável que sejam textos inéditos. Caso já tenham sido publicados de forma física ou virtual, pede-se seja informado à redação para avaliação.

Aceita-se também relatórios das Assembleias, Congressos, Encontros das Regionais, Nacionais e Internacionais, sempre em sintonia com os interesses da CRB Nacional.

Normas técnicas

Os textos devem ser enviados em formato .doc ou compatível, contendo entre 16 e 22 mil caracteres com espaços, fonte *Times New Roman*, corpo 12, entrelinhamento 1.5. Aceitam-se apenas textos originais.

As referências de citações no corpo do texto são indicadas pelo sistema **autor/data** (SILVA, 2018, p. 23; SILVA; SILVA; LIMA; OLIVEIRA, 2019, p. 987; CNBB, Paróquia: comunidade de comunidades, 2000, p. 82). Para referências bíblicas e documentos eclesiais utiliza-se a abreviatura consolidada (Is 24, 13; Lc 11, 5; LG 89; RM 31; DAp 28).

Citações diretas com mais de três linhas devem ser apresentadas em parágrafo a parte, caixa 10, espaço simples e endentação de 3,5 cm. Citações diretas com menos de três linhas são manti-

das no parágrafo e colocadas entre aspas.

Depois da Conclusão são propostas duas ou três questões que motivem os leitores a um diálogo comunitário sobre o texto.

No final do artigo é apresentada a relação de todas as fontes citadas no texto seguindo as normas abaixo indicadas.

Resenhas, informes, relatórios, mensagens e outros artigos breves com informações relacionadas à Vida Religiosa Consagrada ou de seu interesse também serão publicados seguindo parecer do Conselho Editorial.

Modelos de Referências:

Referências de livros: SILVEIRA, João Antônio. **Felicidade infeliz**. São Paulo: Fronteira Sem Fim, 1977.

Capítulo de livro: PEREIRA, João. Os frutos da desilusão. Em: ANDRADE, Plácido. **Pensamentos e sentimentos**. São Paulo: Ser e Cantar, 2018. P. 28-67.

Referências de artigos de periódicos: ZACHARIAS, Ronaldo. Virtualidade: um novo desafio à vida religiosa e sacerdotal. Em: **Convergência**, Ano LVII, n. 538, p. 73-86, 2002,

Referências em meios eletrônicos: FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium**. Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 16/11/2022.

Ao enviar o arquivo, os links devem estar ativados.

Resumo: Contendo, no máximo, 250 palavras, deve apresentar o objeto, o método, os recursos e as principais conclusões do texto. É seguido pela apresentação de três a cinco palavras-chave.

Identificação do autor: Nome completo; Instituição religiosa a que pertença (quando for o caso); formação acadêmica; atividade desenvolvida no momento; endereço eletrônico para contato. A submissão de originais implica que o autor/a ceda totalmente os direitos autorais para a CRB.

E-mail para envio dos artigos: publicacoes@crbnacional.org.br

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:

Congregação:

Endereço:

CEP (código postal):Cidade:UF:País:

Nova assinatura () Renovação ()

Telefone: ()E-mail:

Forma de pagamento:

Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).